



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

---

ANDREZA ALVES DE OLIVEIRA

**A MEMÓRIA DO DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA  
INFORMAÇÃO DA UEL:  
UMA ANÁLISE DOS EVENTOS CIENTÍFICOS**

---

Londrina  
2017

ANDREZA ALVES DE OLIVEIRA

**A MEMÓRIA DO DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA  
INFORMAÇÃO DA UEL:  
UMA ANÁLISE DOS EVENTOS CIENTÍFICOS**

Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Ciência da Informação da Universidade Estadual de Londrina, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação

Orientadora: Profa. Dra. Sueli Bortolin

Londrina  
2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

048m Oliveira, Andreza Alves de.

A memória do Departamento de Ciência da Informação da UEL: uma análise dos eventos científicos / Andreza Alves de Oliveira. - Londrina, 2017.  
181 f.

Orientador: Sueli Bortolin.

Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Educação Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, 2017.

Inclui bibliografia.

1. Memória - Tese. 2. Memória Institucional - Tese. 3. Eventos científicos - Tese. 4. Departamento de Ciência da Informação da UEL - Tese. I. Bortolin, Sueli. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Educação Comunicação e Artes. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. III. Título.

ANDREZA ALVES DE OLIVEIRA

**A MEMÓRIA DO DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO  
DA UEL:  
UMA ANÁLISE DOS EVENTOS CIENTÍFICOS**

Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Ciência da Informação da Universidade Estadual de Londrina, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientadora: Profa. Dra. Sueli Bortolin  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

---

Profa. Dra. Leticia Gorri Molina  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

---

Profa. Dra. Simone Borges Paiva  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Londrina, 24 de abril de 2017.

Dedico este trabalho à minha família.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à melhor orientadora que eu poderia ter tido, Profa. Dra. Sueli Bortolin não somente pela sua constante orientação neste trabalho, mas, sobretudo, pela sua amizade, ajuda e, em especial, pela paciência durante todo o processo.

À Profa. Ma. Ivone Guerreiro Di Chiara por todo auxílio e toda disponibilidade na ajuda com a pesquisa. Seu entusiasmo foi de extrema importância.

Às todas coordenadoras das edições do Secin que contribuíram com a pesquisa.

Ao secretário do Departamento de Ciência da Informação, Lauro Maurício Milak, um agradecimento especial, por se dispôr a ajudar todos, mesmo encontrando-se abarrotado de serviço.

À banca examinadora por aceitar nosso convite e por auxiliar-me com preciosas orientações.

Ao meu amigo e namorado Noé (Eder) que, com amor, paciência, cuidado e carinho me ajudou a trilhar essa caminhada; obrigada por estar sempre ao meu lado.

À Maria Cristina Gomes, a Tina, minha melhor amiga, como uma irmã, por estar sempre ao meu lado, apoiando-me e dando-me bronca, só tenho a agradecer por tê-la em minha vida.

Aos amigos do mestrado, a turma de 2015, um agradecimento mais que especial.

A todos os colegas e amigos, os quais apoiaram e entenderam a importância deste momento.

E agradeço, principalmente, à minha família: mãe (Neiva), pai (Antonio) e irmã (Lala, a Larissa), pois sem vocês nada faria sentido.

**Os animais do mundo existem para seus próprios propósitos. Não foram feitos para os seres humanos, do mesmo modo que os negros não foram feitos para os brancos, nem as mulheres para os homens.**

**Alice Walker**

OLIVEIRA, Andreza Alves de. **A memória do Departamento de Ciência da Informação da UEL: uma análise dos eventos científicos.** 2017. 181f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2017.

## RESUMO

O termo memória vem sendo aplicado e estudado em várias áreas do conhecimento como História, Psicologia, Sociologia, entre outras, e, além disso nossa vida é centrada na memória, nas nossas lembranças, nos nossos sentimentos, nas nossas emoções e vivências, os quais são alicerces para o nosso dia a dia. O presente trabalho discorre sobre a Memória Institucional, cujo objetivo foi resgatar a memória do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Estadual de Londrina por meio de seus eventos científicos: Encontro Londrinense de Biblioteconomia e Documentação e Secin sendo possível categorizar os dados dos documentos históricos do referido Departamento, verificar como é realizada a guarda, a organização e a preservação dos documentos dos dois eventos, destacando assim a importância da Memória Institucional. A pesquisa se caracteriza como exploratória e descritiva com abordagem qualitativa e a metodologia é a de delineamento documental, com base na coleta, leitura e análise de documentos, dentre eles atas, relatórios, projetos, prospectos, cds e demais registros oficiais. Para complementar essa pesquisa, fez-se uso da técnica do grupo de foco e da entrevista semiestruturada, com a seleção apenas dos coordenadores de cada edição do Secin. É destacável que as duas últimas técnicas propiciaram a obtenção de informações das edições que não se encontravam descritas nos documentos por sua natureza pessoal. Na Vozes nos Documentos, apresentamos os resultados obtidos com a pesquisa documental, assim como sua síntese, e na Vozes do Grupo de Foco e entrevista semiestruturada, apresentamos os resultados obtidos com a união das duas técnicas de coleta de dados que utilizamos no decorrer da pesquisa. Concluí-se que essa pesquisa permitiu evidenciar parte do caminho percorrido pelo Departamento de Ciência da Informação, bem como, conhecer as mudanças e as conquistas no decorrer dos anos. Faz-se enfática a importância da disponibilidade digital dos documentos ao acesso para que a Instituição continue destacando seus valores, cumprindo sua missão e alcançando diariamente seus objetivos. Por fim, sugere-se a criação de um banco de dados digital para que a Instituição preserve e torne acessível a memória de seus eventos.

**Palavras-chave:** Memória. Memória Institucional. Eventos científicos. Departamento de Ciência da Informação da UEL.

OLIVEIRA, Andreza Alves de. **The memory of the department of information science of the uel: an analysis of scientific events.** 2017. 181p. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2017.

## **ABSTRACT**

The term memory has been applied and studied in several areas of knowledge such as History, Psychology, Sociology, among others, and in addition our life is centered in memory, in our memories, in our feelings, in our emotions and experiences, which are foundations for our day to day life. The present work deals with the Institutional Memory, whose objective was to retrieve the memory of the Department of Information Science of the State University of Londrina through its scientific events: London Meeting of Library Science and Documentation and Secin being possible to categorize the data of historical documents of the said Department, to verify how the custody, organization and preservation of the documents of the two events are carried out, thus highlighting the importance of the Institutional Memory. The research is characterized as exploratory and descriptive with a qualitative approach and the methodology is the one of documentary design, based on the collection, reading and analysis of documents, among them minutes, reports, projects, prospects, cds and other official records. To complement this research, we used the focus group technique and the semistructured interview, with the selection of only the coordinators of each edition of Secin. It is noteworthy that the last two techniques provided information on issues that were not described in the documents by their personal nature. In *Voices dos Documentos*, we present the results obtained with the documentary research, as well as its synthesis, and in the *Voices of the Focus Group* and semi-structured interview, we present the results obtained with the union of the two techniques of data collection that we used during the research. It was concluded that this research made it possible to highlight the path taken by the Department of Information Science, as well as to know the changes and achievements over the years. The importance of the availability of documents to access is emphasized so that the Institution continues to highlight its values, fulfilling its mission and reaching its objectives daily. Finally, it is suggested the creation of a digital database for the Institution to preserve and make accessible the memory of its events.

**Key words:** Memory. Institutional Memory. Scientific events. Department of Information Science at UEL.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABEBD	Associação Brasileira de Ensino de Biblioteconomia e Documentação
ABPR	Associação Bibliotecária do Paraná
ACIL	Associação Comercial de Londrina
AM	Autoria Múltipla
AI	Autoria Individual
ARU	Assessoria de Relações Universitárias
BC	Biblioteca Central
BS/CH	Biblioteca Setorial de Ciências Humanas
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CBBB	Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação
CECA	Centro de Educação, Comunicação e Artes
CELEPAR	Companhia de Tecnologia da Informação e Comunicação do Paraná
CENADEN	Centro Nacional da Gestão da Informação
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CERB	Companhia de Engenharia Rural da Bahia
CI	Ciência da Informação
CITPAR	Centro de Integração de Tecnologia do Paraná
CNEN	Comissão Nacional de Energia Nuclear
CNPQ	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CROMG	Conselho Regional de Odontologia de Minas Gerais
DAU	Dívida Ativa da União
EBDSC	Escola de Biblioteconomia e Documentação de São Carlos
ECA-USP	Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
ENANCIB	Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
FACC	Faculdade de Administração e Ciências Contábeis
FAUEL	Fundação de Apoio ao Desenvolvimento da UEL
FCC	Fundação Carlos Chagas
FE-USP	Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo
FFLCH-USP	Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

FFCL	Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Catanduva
FGV	Fundação Getúlio Vargas
FINAV	Faculdades Integradas de Naviraí
FIOCRUZ	Fundação Oswaldo Cruz
FOB	Faculdade de Odontologia de Bauru
FOUSP	Faculdade de Odontologia da Universidade de São Paulo
IAPAR	Instituto Agrônômico do Paraná
IBC	Instituto Benjamin Constant
IBICT	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
ICICT	Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde
INBRAPE	Instituto Brasileiro de Estudos e Pesquisas Socioeconômicos
ITE	Instituição Toledo de Ensino
ITEDES	Instituto de Tecnologia e Desenvolvimento Econômico e Social
MD	Memória Documentária
ME	Memória Empresarial
MEC	Ministério da Educação
MI	Memória Institucional
MO	Memória Organizacional
NTE	Núcleo de Tecnologia Educacional
PADES	Projeto de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino Superior
PDE	Programa de Desenvolvimento Educacional
PPGCI	Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação
PROEX	Pró-Reitoria de Extensão
PUCAMP	Pontifícia Universidade Católica de Campinas
SAUEL	Sistemas de Arquivos da Universidade Estadual de Londrina
SECIN	Seminário em Ciência da Informação
SENAC	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
SENAI	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
SERPRO	Serviço Federal de Processamento de Dados
SESC	Serviço Social do Comércio
SETI	Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior
SNBU	Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias
TECPAR	Instituto de Tecnologia do Paraná

TIC	Tecnologias da informação e comunicação
TJRS	Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul
UBA	Universidade de Buenos Aires
UEMG	Universidade do Estado de Minas Gerais
UEL	Universidade Estadual de Londrina
UEPB	Universidade Estadual da Paraíba
UFABC	Universidade Federal do ABC
UFAL	Universidade Federal de Alagoas
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFMT	Universidade Federal de Mato Grosso
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFSCAR	Universidade Federal de São Carlos
UNB	Universidade de Brasília
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação
UNESP	Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho”
UNIBH	Centro Universitário de Belo Horizonte
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
UNICARIOCA	Centro Universitário Carioca
UNIJUÍ	Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul
UNILA	Universidade Federal da Integração Latino-Americana
UNIRIO	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
UNOPAR	Universidade Norte do Paraná
USP	Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>2</b>	<b>MEMÓRIA</b> .....	16
2.1	MEMÓRIA INSTITUCIONAL .....	22
2.2	PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA POR MEIO DA GUARDA DE DOCUMENTOS .....	25
<b>3</b>	<b>EVENTOS CIENTÍFICOS</b> .....	30
<b>4</b>	<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	38
4.1	LÓCUS DA PESQUISA .....	39
4.1.1	Caracterização do Departamento de Ciência da Informação .....	39
4.2	MÉTODOS: DOCUMENTAL E GRUPO DE FOCO .....	44
4.3	INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS: ROTEIROS DO GRUPO DE FOCO E DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA .....	46
4.4	TÉCNICA DE ANÁLISE: ANÁLISE DE CONTEÚDO .....	49
<b>5</b>	<b>VOZES NOS DOCUMENTOS</b> .....	52
5.1	SÍNTESE DA PESQUISA DOCUMENTAL .....	54
5.1.1	Encontro Londrinense de Biblioteconomia e Documentação .....	54
5.1.2	Secin .....	55
<b>6</b>	<b>VOZES DO GRUPO DE FOCO E DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA</b> .....	60
<b>7</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	71
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	75
	<b>APÊNDICES</b> .....	82
	APÊNDICE A – Formulário para coleta de dados nos documentos .....	83
	APÊNDICE B – Roteiro do grupo de foco .....	84
	APÊNDICE C – Roteiro da entrevista semiestruturada .....	85

APÊNDICE D –	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e Declaração de Responsabilidade da Pesquisadora .....	86
APÊNDICE E –	Formulários para coleta de dados em documentos do Departamento preenchido .....	88
APÊNDICE F –	Palestras e palestrantes do Encontro Londrinense de Biblioteconomia e Documentação.....	118
APÊNDICE G –	Palestras e palestrantes do Secin .....	123
APÊNDICE H –	Trabalhos apresentados em todas as edições do Secin .....	128
APÊNDICE I –	Diálogos do grupo de foco .....	161
APÊNDICE J –	Diálogo da entrevista semiestruturada .....	176
<b>ANEXO</b> .....		<b>180</b>
ANEXO A –	Ata da 1ª Reunião do Departamento .....	181

## 1 INTRODUÇÃO

A vida é centrada e baseada na memória. As lembranças, os sentimentos, as emoções e vivências são alicerces do nosso dia a dia. Trata-se de um processo psicológico fundamental em nossas vidas. Sem a memória não haveria recordações: nomes, datas, locais, ações, cheiros, momentos, imagens..., tudo ficaria inerte em nossa mente. Para não sobrecarregar a memória, certos acontecimentos ficam armazenados no subconsciente, alavancando assim a importância do esquecimento positivo, o qual não afeta de maneira degenerativa a memória.

O Departamento de Ciência da Informação (CI) sempre priorizou a realização de eventos como mecanismo de comunicação entre pesquisadores, profissionais e alunos, mas é notável a inexistência de documentos que relatem a memória do Departamento por meio desses eventos. Por esse motivo, surgiu a questão norteadora da pesquisa: de que maneira o Departamento de Ciência da Informação do Departamento de Biblioteconomia (posteriormente Ciência da Informação) da Universidade Estadual de Londrina (UEL) apresenta-se por meio dos eventos científicos que promove: Encontro Londrinense de Biblioteconomia e Documentação e o Seminário em Ciência da Informação (Secin)?

A comunicação entre cientistas, pesquisadores, profissionais e estudantes, a princípio, sucedia-se por meio de cartas e na participação de reuniões de entidades científicas para que trocassem informações e soubessem o que estava no auge em suas áreas de pesquisa. “Com o surgimento das especializações nas diversas áreas do conhecimento, surgem as sociedades temáticas, que passam a se reunir em eventos que tornaram-se imprescindíveis na divulgação do conhecimento produzido pela ciência” (LACERDA et al., 2008, p. 132).

A pesquisa é justificada pela sua significativa importância, pois aborda a memória do Departamento por meio dos eventos científicos supracitados, proporcionando maior visibilidade ao evento, o qual ainda ocorre na instituição, ou sejam, o Secin. Além disso, o Departamento poderá visualizar como se apresenta para a sociedade. Trata-se de uma pesquisa que também contribui com tantas outras áreas de ensino, além da CI, como História, Psicologia, Sociologia, por ter a memória como uma das fontes de estudo. Da mesma forma contribuirá para o Programa de Pós-graduação (Mestrado) voltado para a linha de pesquisa de

Compartilhamento da Informação e, principalmente, para a Memória da UEL e do Departamento de Ciência da Informação.

Entre os documentos que serviram de base para essa investigação estão as: atas, artigos de jornais, cds, prospectos dos eventos e site disponibilizados pela UEL. Após a categorização desses documentos eles foram analisados visando o resgate da memória institucional depositadas nos mesmos.

Além do mais, a pesquisa aborda a importância da guarda para a preservação da memória da instituição. Thiesen (2013, p.282) afirma que “[...] a memória é um elemento primordial no funcionamento das instituições; é por meio da memória que as instituições se reproduzem no seio da sociedade, retendo apenas as informações que interessam ao seu funcionamento”. A preservação da memória institucional não é apenas resgatar o passado, é também compreender as diferenças e reconhecer os limites de cada momento. É construir o presente e planejar o futuro de maneira sólida, baseando-se na história da instituição.

Para tanto, o presente trabalho teve como objetivo resgatar a memória do Departamento de Ciência da Informação (CIN) da UEL, por meio de seus eventos científicos: Encontro Londrinense de Biblioteconomia e Documentação e Secin. Como objetivos específicos estabeleceu-se: a) descrever os dois eventos científicos acima citados; b) categorizar os dados dos documentos históricos dos eventos científicos; c) verificar como é realizada a guarda, organização e a preservação dos documentos dos eventos promovidos pelo Departamento de Ciência da Informação, e d) destacar a importância da Memória Institucional a partir da guarda desses documentos.

A pesquisa está dividida em 7 seções, ou seja, a **primeira** seção, a introdução, apresenta o tema, o problema, a justificativa e os objetivos deste estudo. A **segunda** seção, o referencial teórico, que aborda o tema Memória e Memória Institucional, fazendo uma contextualização das mesmas. A **terceira** seção, ainda no referencial, discorre sobre os eventos científicos e sua importância para a comunidade profissional e estudantil. A **quarta** seção apresenta os procedimentos metodológicos utilizados para realizar a pesquisa, sendo que neste momento foi possível fazer a caracterização do Departamento de Ciência da Informação. Na **quinta** seção Vozes nos Documentos, estão os resultados obtidos com a pesquisa documental, assim como a cronologia das chefias nesses anos de existência e sua síntese. Na **sexta** seção Vozes do Grupo de Foco e entrevista semiestruturada,

apresenta os resultados obtidos com a união das duas técnicas de coleta de dados que utilizamos no decorrer da pesquisa. Por fim, na **sétima** seção foi incluída as considerações finais, onde a pesquisadora faz sugestão de acondicionamento dos materiais dos eventos e relata as dificuldades e facilidades na realização da coleta de dados e conseqüentemente no desenvolvimento da pesquisa.

## 2 MEMÓRIA

O termo “memória” tem sua origem no latim e significa a faculdade de reter e/ou readquirir ideias, imagens, expressões e conhecimentos adquiridos reportando-se às lembranças, reminiscências. A memória surge como um processo de retenção de informações no qual as experiências humanas são arquivadas e recuperadas quando são relembradas (CARDOSO, 2010).

Ricoeur (2007) afirma que o objeto da memória é, sem dúvida, a lembrança e que a recordação é o processo de busca dessa lembrança. Destaca que o mais importante não é quem se lembra, mas o que é lembrado.

Nesse sentido, Dodebei (2010b, p.71) relata que “[...] a memória compreendida sob a dimensão cultural pode abarcar fronteiras de outras disciplinas que têm o passado como material de estudo, como a História, a Arqueologia, a Ciência da Informação”.

Para aclarar o significado de memória, Pollak (1989) afirma que memória é a capacidade que cada indivíduo tem de registrar, armazenar informações e reter fatos e experiências do passado, sendo capaz de transmitir informações às futuras gerações. Jardim (1995) considera que a memória é um tema de estudo, tratado de maneira interdisciplinar e defende que ela não se constitui de um conhecimento produzido de forma intencional, ela é a percepção do passado. Pereira (2011, p. 23) pensando o que representa a memória em nossas vidas, afirma que ela é

[...] a capacidade de adquirir, armazenar e recuperar informações disponíveis tanto no cérebro como em outros mecanismos artificiais como, por exemplo a memória de um computador, ou nos documentos de arquivo. [...] É através dela que damos significado ao cotidiano.

A memória é muito mais do que trazer à mente experiências vividas e informações de algum momento anterior, sem ela não teríamos a capacidade de reproduzir nosso próprio idioma, ler, identificar objetos, nos localizar no ambiente e manter relacionamentos pessoais. Essa faculdade nos permite a capacidade de reter os eventos, tanto dos que aconteceram há poucos segundos ou horas, os que ocorreram há dias e até mesmo anos. Ela nos possibilita lembrar datas comemorativas assim como, aniversários, férias e ocasiões significativas. Assim, a

memória “[...] seria uma espécie de cordão que amarraria nossos atos e pensamentos, permitindo uma continuidade que, ao longo de um período de tempo, articulasse nossa existência [...]” isso “[...] no sentido de podermos construir um *eu* racional, capaz de perceber nossa própria individualidade” (MURGUIA, 2010b, p.18).

Le Goff (1992, p.387) em sua obra *Memória e História* defende a memória como a “[...] propriedade de conservar informações”, afirma ainda que é a memória que recupera e salva o passado, para servir o presente e o futuro. Reforçamos com isso que a memória é mais do que trazer a mente informações do passado, pois sempre que cometemos um ato influenciado por experiências anteriores, esta afetará um evento futuro sendo esse ato a elaboração da memória sobre a experiência passada. Tendemos a nos lembrar das informações mais relevantes e úteis no dia a dia, um exemplo é a moeda, nos lembramos melhor de sua dimensão e cor, do que o conteúdo descrito nela, pois provavelmente o tamanho das dimensões e as cores sejam mais importantes para nós na hora de usar o dinheiro.

Além das atividades do cotidiano a memória nos permite a socialização, reconhecer pessoas pelos formatos dos rostos, cabelos e suas características, como sua personalidade, a voz e expressão corporal. A memória abrange o conhecimento geral, tenhamos ou não a intenção e consciência de aprender. Vale destacar que a memória também pode ser involuntária, até porque os eventos passados influenciam os nossos pensamentos, sentimentos ou comportamentos, fornecendo assim evidências suficientes para não só armazenar informações; após essa etapa podemos interpretar, selecionar e integrar uma coisa à outra para maior aproveitamento do que aprendemos e lembramos.

Jardim (1995, p.04) referencia e corrobora com Lodolini (1990, p. 157) em sua obra *Archivística: principi e problemi* ao enfatizar que o homem, desde os primórdios tem a necessidade de preservar suas atividades, registrando-as

[...] desde a mais alta Antigüidade, o homem demonstrou a necessidade de conservar sua própria “memória” inicialmente sob a forma oral, depois sob a forma de graffiti e desenhos e, enfim, graças a um sistema codificado [...] A memória assim registrada e conservada constituiu e constitui ainda a base de toda atividade humana: a existência de um grupo social seria impossível sem o registro da memória, ou seja, sem os arquivos.

Um acontecimento é reconstruído pelo indivíduo que o experimenta influenciado pela memória. Mesmo que um coletivo presencie um evento no mesmo local e momento, cada indivíduo o vive de forma diferente, pois tratam-se de pessoas diferentes, pensamentos, objetivos, sentimentos, valores, expectativas, humores e experiências.

Contudo, a memória pode ser individual ou coletiva, sendo que, como salienta Murguia (2010a, p.8) “[...] a memória no plano coletivo possuiria as mesmas características da memória individual com uma ênfase a mais: ela é um elemento necessário para a identidade de um grupo, de uma coletividade, de uma sociedade”. Araújo (2007, p.15) destaca a importância da memória individual para a memória coletiva dizendo que: “É na fusão das memórias individuais que se forma a memória coletiva”.

Halbwachs (2003, p.30) afirma que mesmo quando estamos sozinhos e vivenciamos alguma experiência, nossa memória não será apenas constituída de lembranças individuais, visto que

[...] permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distinto de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem.

Sendo assim, a vivência em grupo cria tanto a memória coletiva, quanto a memória individual. A última é como se fosse um ângulo diferente da memória coletiva, que se constrói com a narrativa de um grupo. Araújo (2007, p.17) ainda enfatiza a importância do papel do outro para a construção da memória coletiva: “A presença do outro na (re)construção é fundamental. Vivenciar fatos conjuntamente permite que a construção da memória seja facilitada ou possível. O outro desempenha um papel disparador na memória”. A autora ainda exemplifica que reestruturar essa memória coletiva é como se fosse um “[...] jogo disparador, cada um assume uma importância ao acionar a memória do outro e juntos, a partir de suas memórias individuais, reconstruem uma parcela da memória coletiva”. (ARAÚJO, 2007, p.18).

Como Lowenthal (1998, p.78) afirma, “o passado lembrado é tanto individual como coletivo. Mas como forma de consciência, a memória é total e

intensamente pessoal”.

“A memória é mais do que lembrança, ou seja, existe uma dinâmica da memória que se fundamenta numa relação de oposição e complementariedade entre lembrança e esquecimento” (MURGUIA, 2010a, p. 7). A memória não é uma reprodução fiel, mas sim a combinação das influências com experiências e expectativas vivenciadas por cada indivíduo dependendo da maneira como é vivido, codificado e por fim armazenado.

A verdade é que [...] a memória não consiste, em absoluto, numa regressão do presente ao passado, mas pelo contrário, num progresso do passado ao presente. É no passado que nos colocamos de saída. Partimos de um “estado virtual”, que conduzimos pouco a pouco, através de uma série de planos de consciência diferentes, até o termo em que ele se materializa numa percepção atual, isto é, até o ponto em que ele se torna um estado presente e atuante, ou seja, enfim, até esse plano extremo de nossa consciência em que se desenha nosso corpo. Nesse estado virtual consiste a lembrança pura. (BÉRGSON, 1999, p. 280).

A memória é a aquisição, armazenamento e a evocação das informações, visto que a evocação é o aprendizado, denominada de recordação, lembrança e recuperação. Existe ainda a memória operacional que é o elemento que integra a percepção da realidade através dos sentidos e formação ou a evocação da memória. A memória operacional ou a de trabalho não forma arquivos duradouros, por exemplo, disca-se um número telefônico e já o esquece imediatamente, ela não deixa traços bioquímicos distinguindo dos outros tipos de memórias que formam arquivos por meio de uma série de eventos bioquímicos (BARROS, 2004, p.01).

Sobre os espaços da memória, Murguia (2010a, p.9) afirma que ela têm uma dupla função, a simbólica e a informacional, sendo a primeira “[...] no sentido de representar dentro de uma cidade ou espaço dedicado à recordação social [...]” e a segunda “[...] no sentido de lembrar os acontecimentos, pessoas e lugares que realmente existiram e cujas provas podemos encontrar nesses lugares”.

A memória pode ser classificada em dois grupos, que são as declarativas que podem ser expressas conscientemente por qualquer informação, fatos ou eventos que estão ligados diretamente ao emocional, sofrem influências do humor, estresse e da motivação modulada pela amígdala (conjunto de núcleos nervosos situado nos lobos temporais ao lado do hipocampo). (BRUNO NETO, 2005, p.22).

Além do grupo das memórias declarativas, também se classifica o grupo das memórias procedurais que envolvem habilidades sensoriais, também denominadas de hábitos. Estas são adquiridas gradativamente de modo inconsciente, pois além de ser pouco influenciada pelas emoções são as nossas habilidades da prática de esporte, andar e afazeres rotineiros. (BARROS, 2004)

É possível armazenar incontáveis acontecimentos na memória, contudo não apenas o armazenamento de informações é importante. O esquecimento é um aspecto fundamental para a manutenção da memória, já que desempenha uma função adaptativa, ou seja, desta forma torna-se um esquecimento positivo, em razão que seria impossível guardar tudo que vivenciamos, levaríamos o tempo todo recordando o passado sem tempo para viver o presente e ter expectativas do futuro. Somente quando o esquecimento prejudica irreversivelmente o processo cognitivo do indivíduo este é um esquecimento negativo, pois se trata de uma patologia como acontece com os portadores de Alzheimer (doença neurodegenerativa).

A maneira como se esquece o passado corresponde à maneira de como se conserva seu vestígio, sendo que a memória ativa e criativa, tende de forma dinâmica, a modificar o objeto da recordação. Ricoeur (2007, p.424) afirma que a rememoração só é possível a partir do esquecimento momentâneo de algo, ou seja, quando trazemos à tona a lembrança

De início e maciçamente, é como dano a confiabilidade da memória que o esquecimento é sentido. Dano, fraqueza, lacuna. Sob esse aspecto, a própria memória se define, pelo menos numa primeira instância, como luta contra o esquecimento

O autor enfatiza ainda que é nessa luta constante entre a memória e o esquecimento que se constrói a memória do passado para sua utilização futura. Além disso ele argumenta que

É essa hipótese da preservação por si, constitutiva da própria duração, que tentarei estender a outros fenômenos de latência, até o ponto em que essa latência possa ser considerada como uma figura positiva do esquecimento que denomino esquecimento de reserva. Efetivamente, é a esse tesouro do esquecimento que recorro quando tenho o prazer de me lembrar do que, certa vez, vi, ouvi, experimentei, aprendi, adquiri (RICOEUR, 2007, p. 427)

Com isso, Ricoeur (2007, p.425) ainda distingue três espécies de rastros deixado por nós

[...] o rastro escrito, que se tornou, no plano da operação historiográfica, rastro documental; o rastro psíquico, que é preferível chamar de impressão, no sentido de afecção, deixada em nós por um acontecimento marcante ou, como se diz, chocante; enfim, o rastro cerebral, cortical, tratado pelas neurociências.

Assim a memória é um significativo recurso que nos remete ao passado, contudo as deficiências que procedem do esquecimento não deverão ser tratadas como disfunções e/ou patologias, mas sim como um evento não relevante, que não se processou no momento em que foi vivido, codificado e transformado em memória. Molina e Valentim (2011, p.266), ressaltam ainda que a memória é

[...] considerada o único instrumento através do qual ideias e palavras podem ser reunidas, fugindo, assim, ao império do imediato: imprime as direções do tempo e permite uma continuidade social. Sem ela, desapareceriam os elos sociais, assim como a própria noção de sociedade, as identidades individuais e coletivas, a possibilidade da construção do conhecimento, ou seja, pode ser considerada uma ferramenta para a construção de uma determinada sociedade, assim como de transmissão cultural.

A memória é importante para “o resgate” de informações, considerando que “as pessoas vivas” podem esquecer, então preservar é a ordem para a manutenção dos fatos. Por isso, “preservar é fundamental para se dispor de uma memória, assim a memória se torna essencial para que se possa fazer o resgate da informação” (VERAS; ANDRADE; SALES, 2010, p.52). “A memória é vida, sempre carregada de grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta a dialética da lembrança e do esquecimento”. (NORA, 1993, p.09).

Rossi (2010, p.185) em relação a essa evolução da memória, faz algumas considerações importantes sobre o papel do esquecimento para o desenvolvimento das ciências, defendendo que

O crescimento e os progressos do saber científico estão tenazmente ligados a processos de seleção: a distinção entre o que está vivo e o que está morto funciona aí de forma implacável. As partes que permanecem vivas são transformadas a ponto de ficarem quase irreconhecíveis, e o restante é entregue ao mundo das curiosidades históricas ou ao mundo do esquecimento.

O autor também enfatiza na sua obra que “A ciência vê em qualquer lugar um resultado de transformação”. Na ciência, toda produção quer ser superada e isso “[...] não é apenas o seu destino, mas também seu objetivo” (ROSSI, 2010, p.215). Quando falamos de esquecimento da ciência, estamos na verdade, nos referindo em seu progresso, afirmando e reconhecendo sua presença e produção científica de valor. Sendo o foco desta pesquisa a Memória Institucional a abordamos no ítem a seguir.

## 2.1 MEMÓRIA INSTITUCIONAL (MI)

Não se pode falar em memória sem abordar os aspectos históricos, filosóficos e psicológicos entre outros, pois este tema possui um caráter multidisciplinar devido às demandas da sociedade. Os primeiros núcleos de sociedade já se preocupavam em disseminar os eventos de forma oral, posteriormente, por meio das gravuras e inscrições, a partir da utilização da escrita, do advento da imprensa com a invenção dos tipos móveis de Gutenberg e atualmente o ciberespaço, na interconexão da rede mundial de computadores.

A sociedade intensifica a utilização e organização da escrita para otimizar o controle dos negócios e a comunicação. Com o tempo as ações foram registradas mediante as cartas, relatórios, livros e outros meios que posteriormente se transformaram em fontes de informação e consulta. Tais registros calendários, datas e anais permitiram a fixação da história reduzindo incertezas e possibilitando identificar a partir de determinada demanda, os acontecimentos do passado para dar suporte a tomada de decisão no presente e no futuro.

A informação sintoniza o mundo. Como onda ou partícula, participa na evolução e da revolução do homem em direção à sua história. Como elemento organizador, a informação referencia o homem ao seu destino; mesmo antes do seu nascimento, através de sua identidade genética, e durante a sua existência pela sua competência em elaborar a informação para estabelecer a sua odisséia individual no espaço e no tempo. (BARRETO, 1994, p.1)

Além das características de dispor de dados de eventos, fatos do passado e dar suporte a necessidade da sociedade para recordar o passado, a informação é qualificada como interface entre o registro do conhecimento e a produção da memória social. Permitindo a possibilidade de comunicação, troca de

informação, o compartilhamento destas pela rememoração produzidas pelos grupos sociais e ao integrar presente-passado, apontam quem somos.

Não há como separar os “[...] experimentos individuais relacionados à memória de seus contextos sociais [...]” do ambiente em que ele está inserido e dos fatos vivenciados que marcaram a memória do cidadão, do que será lembrado e do que será esquecido (SANTOS, 2003, p.22). A memória individual em uma sociedade, é de algum modo, àquela que constitui a memória coletiva. Santos (2003, p.43) faz questão de enfatizar que os indivíduos não recordam sozinhos, pois “[...] sempre precisam da memória de outras pessoas para confirmar suas recordações [...]”, isto salienta a importância da interação entre os humanos, a coletividade, permitindo o registro dos fatos.

As memórias construídas pelos grupos sociais determinam o que é memorável ou não. Elas são preservadas em lugares denominados “lugares de memória” que são os “verdadeiros lugares da história”. Estes têm necessariamente três sentidos: material (onde a memória social se ancora e pode ser apreendida pelos sentidos), funcional (porque pode ou adquire a função de alicerçar memórias coletivas) e simbólico (local em que toda essa memória coletiva se expressa e se revela). (NORA, 1993, p.21-22).

Considerando as instituições como parte integrante do segmento político-social, nestes locais é possível encontrar criadores da memória coletiva. Além de relevante importância na construção da memória social as instituições são produtoras de informação, são entidades que possibilitam a preservação da memória e que ao promover a sua preservação criam o seu próprio lugar de memória.

Portanto, institucionalizar “significa quando uma empresa se oficializa ou institui, criando seu valor, missão, patrimônio e seu acervo para que associem sua marca a sua identidade e legitimidade através de suas ações estruturais e seus procedimentos a longo prazo.” (RUEDA; FREITAS; VALLS, 2011, p.84). Além disso, para Thiesen (2006, p.10) “Os materiais da memória institucional acumulam informações sobre a cidade, a população e o aparato estatal, formando e (re)formando mentalidades”. Thiesen (2013, p.77) afirma também que

[...] a construção do conceito *memória institucional* busca identificar elementos conceituais que atuam no processo de institucionalização das relações sociais. Isto porque, para compreendermos as relações entre memória e instituição é necessário uma articulação com a

noção de sociedade/socialização, vista aqui como um processo que indica o conjunto das experiências que formam/conformam a identidade política e social dos indivíduos, bem como a imagem que têm de si mesmos e do outro, em suas relações com as instituições existentes na sociedade.

Molina e Valentim (2011, p.269) concordam com Thiesen (1997) quando a autora define memória como um elemento primordial no funcionamento das instituições, pois é através dela que as instituições constroem sua identidade, conservando apenas as informações que interessem para o seu funcionamento. Com isso, as informações podem ser buscadas tanto interna quanto externamente às instituições. Ademais, a Memória Institucional está em permanente elaboração e evolução, em razão de ser resultante da função do tempo, ou seja, engloba a instituição de maneira global, sendo formada com o passar dos dias.

Elas afirmam também que os indivíduos fazem a memória das instituições, sendo esta o reflexo de sua trajetória social e histórica. Murguia (2010b, p.32) também reconhece essa constante mutação da memória, considerando que

[...] não é uma entidade em estado de repouso. Ela se define como um ser em constante mutação, que se mostra em múltiplos arranjos e rearranjos com outras associações. O fato que a memória sendo uma construção histórica, no sentido de que sua ação é atualizada em situações concretas, faz com que ela adquira múltiplas fisionomias. Seu estado é de constante formação, mesmo porque o fim último dela seja a formação de identidades e identidades são também variadas.

Thiesen (2013, p.77) enfatiza também que “As relações entre indivíduos e instituições são de fundamental importância para o processo de formação/aprendizagem social e política que conduz as ações de cidadania”. A autora afirma ainda que: “A memória institucional remete-nos a experiências híbridas, que incluem e excluem no social. Na perspectiva do tempo, seria o retorno de tudo aquilo que selecionamos do passado, reelaborado no presente a partir de novas interrogações”.

A memória é uma base que dá sentido à vida. Em uma instituição não é diferente, pois preservar a memória institucional é uma forma de manter a instituição viva e também fortalecer suas bases. Para preservar essa memória, é preciso conservar os documentos, fotos, objetos e registros em atas. Pois, o que seria de uma instituição, hoje, sem seus documentos? Os documentos são a

essência de uma instituição. Bartalo et al (2000, p. 49) enfatizam que a memória

[...] deve fazer parte dos valores de cada cidadão e ser uma força com origem na família, crescendo na comunidade e transformando-se em tradição. Esta valorização deve ser estimulada de modo a fazer parte do processo educativo das novas gerações, ocasionando maior divulgação, não só da cultura, mas do que se tem feito e do que se deve fazer para preservá-la.

Le Goff (1992) afirma que os fenômenos da memória, tanto nos seus aspectos biológicos como nos psicológicos, nada mais são do que os resultados de sistemas dinâmicos de organização e apenas existem na medida em que a organização os mantém ou os reconstitui.

Sabemos que o limite de uma instituição é outra instituição, pois funcionam em rede no campo social. Toda e qualquer informação deve ser buscada também fora dos muros institucionais, não apenas em materiais e fontes internas. Assim como mencionado antes, “A memória institucional está em permanente elaboração”. (THIESEN, 2006, p. 13).

No item a seguir será explicitada a importância da preservação da memória por meio da guarda de documentos para instituições.

## 2.2 PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA POR MEIO DA GUARDA DE DOCUMENTOS

Muito antes do advento da escrita, o homem já registrava sua vivência com símbolos e desenhos em diferentes suportes. Seu desenvolvimento, segundo Richter, Garcia e Penna (2004, p.25) deu-se da seguinte forma: “pedra, tabletes de argila, tabuinhas de madeira, papiro, pergaminho, até o papel e documentos digitais”. Mesmo que alguns destes suportes já estejam obsoletos seu conteúdo informacional perdura e continua a ser fonte de informação. Le Goff (1992, p. 427-428) explica também que

O aparecimento da escrita está ligado a uma profunda transformação da memória coletiva, lhe permitindo um duplo progresso, ou seja, o desenvolvimento de duas formas de memória: 1. a comemoração - celebração através de um monumento comemorativo de um acontecimento memorável; 2. documento escrito num suporte especialmente destinado à escrita.

Desde que o homem começou a registrar sua rotina e atividades, percebeu ser necessário originar uma forma de armazenamento, dando espaço para a criação dos arquivos, que é um “conjunto de documentos produzidos por uma entidade coletiva no desempenho de suas atividades, independente da natureza [...]” (ARQUIVO NACIONAL, 2005, p.1).

O documento, segundo o Arquivo Nacional (2005, p.73), é uma “unidade de registro de informações, qualquer que seja o suporte ou formato”, são gerados pelas atividades, seja elas de uma família, de uma pessoa ou de determinada instituição, e é por meio destes que se reconstitui a memória. Esses registros, organizados e conservados passam a ser rica fonte de informação.

Toda organização, pessoa e família necessitam de documentos para registrar fatos, bem como comprovar sua existência. Indolfo (2007, p. 29) enfatiza a importância dos documentos como registros de uma sociedade.

O documento ou, ainda, a informação registrada, sempre foi o instrumento de base do registro das ações de todas as administrações, ao longo de sua produção e utilização, pelas mais diversas sociedades e civilizações, épocas e regimes. Entretanto, basta reconhecer que os documentos serviram e servem tanto para a comprovação dos direitos e para o exercício do poder, como para o registro da memória.

Contextualizando, Silva (2010) relata sobre o início da cultura de preservação documental, que foi a partir de 1966, quando aconteceu a enchente do Rio Arno, em Florença, Itália, degradando documentos manuscritos existentes na região e destruindo livros raros. O acontecimento serviu de exemplo mundial motivando também a criação de políticas de preservação de acervos. A partir de então, a preocupação em proteger a história e a memória não é somente dos estudantes e profissionais, mas também da sociedade, para manter sua memória viva. Murguia (2010b, p. 12) nos lembra que

Ninguém duvida que os arquivos nasçam com a escrita. Mas, a escrita não nasce como reflexo ou consequência natural do pensamento, pelo contrário, a escrita aparece como uma técnica para saber pensar, necessária por sinal, para a formação de uma entidade à qual é consubstancial: o estado.

A preservação é a “prevenção” da deterioração e danos em documentos, por meio de adequado controle ambiental e/ou tratamento físico e/ou químico” (ARQUIVO NACIONAL, 2005, p. 135), é uma atividade rotineira, que o profissional da informação deve estar sempre atento, procurando medidas que retardem a deterioração do acervo.

Bases de dados, arquivos, museus, as bibliotecas, e as redes como “equipamentos coletivos de recuperação da informação”, atualmente favorecem novas maneiras de apreensão cognitiva. Conseqüentemente, esses locais juntamente com as preocupações com políticas de organização, tratamento, preservação e conservação documental, inauguram uma nova era, no qual as questões voltadas para o patrimônio e a memória atestam esses locais como lugares apropriados para práticas de conhecimento e de comunicação (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 1984; SILVA, 2000 apud RIBEIRO, 2010, p. 41). Merlo e Konrad (2015, p. 32) tendo como base Bellotto (2014) ressaltam que “[...] após o documento cumprir a função para a qual foi criado, será preservado para fins de pesquisas, testemunho e herança cultural”. Mesmo sendo ele “[...] senão uma parte ínfima de [...] vestígios” e de uma realidade vivida. (ARTIÈRES, 1998, p. 10).

Apesar dos discursos defenderem a preservação, há na maioria das instituições a deterioração documental. Acreditamos que a causa maior desta situação é a ausência de valorização cultural e inexistência de políticas públicas ou a não aplicabilidade das mesmas.

Pereira (2011, p. 20) salienta que “A construção da memória está estreitamente vinculada ao acesso à informação, que por sua vez está vinculada à organização dos seus suportes materiais.” A memória é representada por meio dos registros de informações, independente do suporte em que está contida e que seja possível sua recuperação/acesso. Quando a autora ressalta que a construção da memória é ligada ao acesso a informação, está afirmando que ela é a base para a estruturação da memória. Ela destaca ainda a organização dos suportes, pois se esses registros informacionais não estão ordenados, o acesso torná-se difícil ou inexistente.

O fato de ainda não armazenarmos muitas informações em ambientes virtuais fez o Diretor Geral da Unesco convocar uma conferência internacional intitulada “A Memória do Mundo na Era Digital: digitalização e preservação” que aconteceu nos dias 26, 27 e 28 de setembro de 2012 na cidade de

Vancouver, na Colúmbia Britânica, no Canadá. A Unesco (2012, p. 01) afirma que

A Tecnologia Digital oferece meios sem precedentes para transmitir e armazenar a informação. Documentos e dados na forma digital são importantes para a ciência, a educação, a cultura e para o desenvolvimento econômico e social, entretanto assegurar sua permanência através do tempo está longe de ser um problema resolvido.

Nesta reunião, compareceram mais de 500 pessoas de 110 países, que discutiram a respeito de dois principais aspectos dos registros e seus dados no ambiente digital: a digitalização de material análogo e continuidade ao acesso e à preservação de materiais digitais autênticos, confiáveis e exatos (UNESCO, 2012).

As discussões realizadas nesta Conferência podem ser resumidas da seguinte forma: houve consenso que, independentemente da fronteira, todo cidadão tem o direito de buscar, receber e comunicar informações por intermédio de qualquer mídia e exercitam esse direito a partir do momento que acessam a informação na forma digital; os documentos sendo digitalizados contribuem para sua proteção; a preservação digital deve ser tratada como prioridade no desenvolvimento de infraestrutura dos países. No entanto, deve-se promover a educação e programas de treinamento para profissionais da informação, com o intuito de capacitá-los para essa prática (UNESCO, 2012).

Diante dos desafios emergentes, recomendou-se ao secretariado da Unesco (2012) que: estimulem a mudanças dos cenários e as práticas de preservação digital uma realidade; incentivem a colaboração com as associações profissionais internacionais e outros órgãos para o desenvolvimento de um currículo acadêmico voltado para a preservação digital para que os profissionais da Ciência da Informação administrem e preservem a informação digital de forma eficaz; instiguem a todos (governo e indústria) a investir em infraestrutura digital confiável, pois uma boa administração dessa informação é importante para o desenvolvimento sustentável das nações.

Além disso, é necessário exigir que os Estados membros da Unesco (2012) ao colaborar com o programa *Memória do Mundo* assegurem que: o direito do cidadão em acessar as informações; os conteúdos análogos também sejam disponibilizados em formato digital; enfatizem a relevância da preservação digital para a continuidade da memória.

Ainda segundo a Unesco (2012) os profissionais da informação devem: garantir que os materiais que nasceram digitais sejam preservados, inclusive por recomendações das leis de depósito digital legal; levar em consideração a confiabilidade, autenticidade e posse dos direitos legais (*copyright*), inclusive o uso da informação digital; saber identificar e avaliar as possíveis ameaças de que a informação digital é vulnerável, implementando processos e políticas para minimizar qualquer dano.

Por fim, os participantes recomendaram que a Unesco (2012) instigue as organizações do setor privado que: cooperarem com os centros de informação (bibliotecas, museus e arquivos) garantindo acesso a longo prazo para a informação digital; utilizem padrões de metadados elaborados em parceria com profissionais da informação, inclusive na administração das fontes, possibilitando sua constituição autêntica com a garantia de confiabilidade e exatidão; considerem as questões de preservação digital, para que a informação gerada naquele momento seja mantida e acessada por um longo período.

Davenport e Prusak (2003, p. 83) enfatizam para que a informação e o conhecimento sejam adequadamente organizados, permitindo seu acesso e transferência para os usuários e para a organização, ele deve passar por um processo de codificação, que de acordo com os autores, significa tornar o conhecimento acessível aos usuários que dele necessitam.

### 3 EVENTOS CIENTÍFICOS

Diariamente, aprendemos sobre o mundo de diversas maneiras aumentamos nosso conhecimento, seja por meio da leitura, de experiências e do que ouvimos. Quando esses conhecimentos são oriundos de uma metodologia científica, realizada por um especialista, isso aumenta de maneira significativa a possibilidade de interação entre pesquisadores e, possivelmente, a compreensão dos conteúdos discutidos.

Os eventos científicos promovem o contato pessoal entre os pesquisadores e membros de determinada comunidade científica possibilitando a reunião de um maior número de pessoas, permitindo a intensa troca de informação em todas as áreas do conhecimento. Em suma, mesmo com as possibilidades tecnológicas de baixo custo, a comunicação face a face é a maneira mais agradável.

Para que um documento tenha confiabilidade, é importante que, além de ser construído por uma rigorosa metodologia científica em questão de conhecimento, o produto das pesquisas científicas seja submetido e divulgado sob o julgamento de seus pares em eventos ou publicações. Portanto, é necessário ser avaliado por especialistas por meio das temáticas e subtemáticas.

A divulgação dos resultados em larga escala, dos julgamentos da comunidade científica, juntamente com sua aprovação alavanca a confiabilidade em tais resultados. Estudiosos e pesquisadores dependem de um sólido mecanismo de comunicação dividido em canais formais e informais para comunicar seus resultados para outros pesquisadores. Essa é uma oportunidade para que os pares apreciem, critiquem, e, se necessário, posteriormente, realizem outras pesquisas com os resultados obtidos.

Os meios de comunicação formais se utilizam de publicações e divulgações relevantes como os livros e artigos publicados em periódicos científicos. Em relação à comunicação científica informal, Targino e Neyra (2006, p.4) afirmam que ela consiste na utilização de canais informais, em que a transferência da informação acontece por conta de contatos interpessoais e a quaisquer instrumentos destituídos de formalismo como reuniões científicas, participação em associações profissionais e colégios invisíveis, sendo essa a comunicação direta pessoa a pessoa.

Os eventos científicos se caracterizam pela reunião de profissionais, pesquisadores ou estudantes de uma área específica para troca de informações de interesse comum, viabilizando o aperfeiçoamento de pesquisas, assumindo sua importância na transmissão de ideias e fatos para a comunidade científica, geralmente, de maneira mais rápida que pelos meios formais de comunicação.

Lacerda et al. (2008, p.131) enfatizam a importância que os eventos científicos possuem no processo de comunicação científica, pois “[...] a transmissão de idéias e fatos novos chega ao conhecimento da comunidade científica de maneira mais rápida que aquelas veiculadas pelos meios formais de comunicação.”

Destacam também que esses eventos são “[...] fonte essencial na busca e apreensão de novos conhecimentos, sua finalidade é reunir profissionais ou estudantes de uma determinada especialidade para trocas e transmissão de informações de interesse comum aos participantes”. (LACERDA et al., 2008, p.130)

Para Targino e Neyra (2006, p.2), a importância da comunicação científica fundamenta-se na informação científica, pois é a partir dela que o conhecimento científico é gerado sendo um

[...] acréscimo à “verdade” vigente sobre fatos ou fenômenos. Isto porque, a ciência é infinitamente evolutiva e mutável (não há nem haverá ciência “pronta”), o que faz da pesquisa científica o seu instrumento central e da comunicação científica, o seu elemento básico.

Os eventos científicos têm diversas características dependendo do objetivo proposto e de sua abrangência. Podendo ser direcionado exclusivamente a comunicação de pesquisas com interesse em discutir seu campo de conhecimento, coordenada por uma associação científica, mas também àqueles voltados à prática, que são organizados, em geral, por entidades profissionais.

Esses eventos possuem organizações e características diferentes, bem como a apresentação dos trabalhos, que mesmo tendo uma estrutura semelhante varia de acordo com o porte do evento. Em geral, os eventos são constituídos por diversas atividades como conferências, palestras, painéis, mesas redondas entre outras. Há também uma variedade significativa de gêneros de evento, sendo os principais: congressos, simpósio, jornada, fórum, colóquio, reunião, seminário e encontro.

As reuniões científicas tem como uma de suas principais funções, oferecer

[...] aos participantes a oportunidade de se comunicarem pessoalmente com seus pares, de maneira informal: a troca de informações sobre projetos, o planejamento de trabalhos conjuntos, a oportunidade de novos pesquisadores conhecerem os membros mais antigos e inúmeras outras interações ocorrem nos eventos, ilustrando o papel que os contatos pessoais desempenham no processo de comunicação científica. As chamadas conversas de corredor constituem para muitos pesquisadores a parte mais importante do encontro. (CAMPELLO; CENDÓN; KREMER, 2003, p.62).

Esses gêneros de encontros continuam acontecendo frequentemente para reunir membros de uma comunidade técnica ou científica que promovem as avaliações das atividades e das pesquisas. Eles funcionam como um canal, o qual possibilita o pesquisador presenciar a avaliação de seu trabalho pelos pares ou colegas de maneira mais ampla, diferente das avaliações dos periódicos científicos que dependentes da disponibilidade de uma comissão editorial e avaliadora, constituída por um número restrito de membros que normalmente levam um bom tempo para concluir o julgamento dos artigos. Nos eventos presenciais existe a vantagem de se realizar críticas e sugestões e das apresentações orais serem efetuadas no instante, de modo a ouvir vários pontos de vistas.

Como o foco dessa pesquisa são, especificamente, o Encontro Londrinense de Biblioteconomia e Documentação e o Seminário em Ciência da Informação promovido pelo departamento de CI da UEL, discorreremos mais minuciosamente a respeito desses dois gêneros de evento, no entanto, será posteriormente apresentado um quadro com a explicação dos demais eventos que ocorrem no mundo acadêmico e científico.

O Dicionário Michaelis (2009) expõe que *encontro* é o “1 Ato de encontrar ou encontrar-se. [...] 5 Reunião de pessoas ou coisas. 6 Ponto em que uma pessoa se encontra com outra. 7 Junção de pessoas ou coisas que se dirigem para o mesmo ponto ou se movem em sentido oposto”.

No entanto, Lopes (2011, p.5-6) comenta que esse gênero de evento tem porte e duração variável, em que as pessoas se reúnem com a finalidade de discutir temas de interesse comum. Se o objetivo for reunir profissionais de determinadas áreas técnicas, para exposição, informação e possíveis resoluções de

conduta a serem tomadas para determinado tipo de problema da classe, faz-se um encontro.

Quanto ao *seminário*: é a “[...] Reunião de estudos sobre determinado assunto com técnica diversa da que se emprega em congressos ou conferências, especialmente caracterizada por debates sobre matéria constante de texto escrito”. (MICHAELIS, 2009, p. 1).

Duarte (2016, p.1) explica que o seminário está entre os gêneros que tem como foco a oralidade, apoia-se na transmissão de conhecimentos específicos, técnicos ou científicos, a respeito de um assunto de determinada área do conhecimento. Pavan (2017) ressalta que esta modalidade de evento tem como objetivo principal a reflexão e que

Diferentemente do que em geral acontece, o seminário não deve ser considerado como concluído no final da exposição. Essa é apenas a primeira parte, pois, a partir dela, surgem as dúvidas, as argumentações, os pontos de vistas e são esses fatores que enriquecem o seminário.

Para Lopes (2011, p.5-6) um seminário, é a reunião de especialistas em um assunto específico. É uma reunião em que “semeiam-se” ideias. Não tem por objetivo principal apresentar resultados de pesquisas, mas suscita o debate sobre determinados temas, até então pouco estudados. A dinâmica pode ser da seguinte forma: apresenta-se um estudo sobre o tema proposto e depois debatem com a plateia, que, nem sempre tem o mesmo nível de conhecimento que os palestrantes. O moderador deve ser um especialista e pode participar fazendo alguns questionamentos e organizando as perguntas do público. Caracteriza-se pela exposição de um orador seguida de debate com o auditório. A exposição é feita por uma ou mais pessoas com a presença de um coordenador. Tem como objetivo fornecer e somar informações de temas já pesquisados. Divide-se em 3 fases: *Exposição*: orador previamente convidado, realiza uma pesquisa e leva a sua contribuição para o grupo; *Discussão*: o assunto em pauta é debatido e detalhado em todos os seus aspectos; *Conclusão*: quando um coordenador, polarizando as opiniões dominantes, propõe à aprovação do grupo às recomendações finais do seminário. Um seminário pode ter a duração de um dia até uma semana.

Para complementar, Meira e Silva (2013, p.5) explicam que a palavra seminário origina-se do latim “seminarium” - significa viveiro de plantas e

local onde se criam plantas novas de sementes.

Essa definição, embora demonstre certo distanciamento dos estudos da linguagem, aponta para a noção, fundamental, de espaço de crescimento e construção, em que alguém (seminaristas) propõe-se a disseminar ou plantar um saber no campo fértil de sala de aula, ambiente propício para que ele cresça, sendo sempre regado por situações semelhantes de plantio de novos saberes.

Balcells e Martin (1985, p.84) afirmam que historicamente, o seminário consistia no seguinte: em volta de uma mesa os estudantes se reuniam, com a coordenação do professor, escolhiam textos, liam e conversavam, durante a reunião surgiam divergências e interpretações dos textos, assim como opiniões, o clima se desenrolava em uma conversa.

Como nos referimos anteriormente elaboramos um quadro explicativo dos demais gêneros de eventos científicos:

**Quadro 1 – Gêneros de eventos científicos**

<b>Gênero</b>	<b>Descrição</b>
<b>Conferência</b>	É a apresentação de um especialista em determinado assunto. Normalmente faz a palestra sozinho. Não precisa haver debate. Duração menor que 8 horas. Visa a um público específico que demonstra familiaridade com o assunto abordado. Segundo as empresas organizadoras, é um serviço que dá ao mercado informações gerenciais, práticas e focadas para executivos. Oferece aos participantes a absorção de informação prática, assim como a oportunidade de realizar contatos e negócios, trocar experiências com os demais participantes. Este tipo de evento exige a presença de um presidente de mesa para condução dos trabalhos, sendo bem mais formal que uma palestra. As perguntas acontecem somente por escrito e devidamente identificadas. Que ao final da exposição são respondidas pelo especialista. (LOPES, 2011; NEVES, 2017).
<b>Congresso</b>	O congresso, em geral, tem grandes proporções, podendo ter caráter regional, nacional ou internacional, congregando participantes de uma ampla comunidade científica ou profissional. É de longa duração, normalmente uma semana, realizado em intervalos de dois anos ou mais. É uma reunião promovida por entidades associativas, e visa debater assuntos que interessem a um determinado segmento. Pressupõe a participação de públicos com formação diferenciada, podendo reunir produtores, técnicos e outras classes ao mesmo tempo. Geralmente há uma discussão aberta entre a plateia e o palestrante. (NEVES, 2017; UNICAMP, 2017).

<b>Curso</b>	Consiste no detalhamento de determinado assunto ou conjunto de temas com o foco no treinar ou ensinar a fazer. É composto de exposições de pessoas normalmente com formação acadêmica que procuram passar seu conhecimento aos participantes. O foco está mais na teoria que na prática, porém não a exclui. É indicado para pessoas que têm baixo ou nenhum conhecimento sobre o assunto, com exceção dos cursos de especialização, cujo objetivo é o aperfeiçoamento daqueles que já dominam o assunto. Podem ser ministradas em aulas, conferências ou palestras. (NEVES, 2017; UNICAMP, 2017).
<b>Debate</b>	É uma discussão entre dois ou mais oradores que defendem opiniões divergentes, pontos de vista diferentes sobre um tema. Em geral, é uma discussão mais emocional. O público pode ou não participar, somente com aplausos ou protestos não formais. Existe a necessidade de um moderador para coordenação do debate, esse mediador dita as regras e faz com que os oradores as cumpram. Pode ser aberto ao público ou transmitido em veículo de mídia, entretanto, a plateia não participa com perguntas. (LOPES, 2011).
<b>Fórum</b>	É uma reunião menos formal em que há um livre debate de ideias com interação maior entre palestrante e público. É baseada na busca da participação intensa da plateia, preferencialmente formada por um grande número de pessoas. A ideia do fórum é sensibilizar a opinião pública sobre determinados problemas sociais, são eventos mais abrangentes que tratam de assuntos gerais de setores e industriais ou temas de interesse social ou político. Um coordenador propõe o tema de interesse geral e busca a opinião da coletividade, ocorre um debate livre até que conclusões possam ser tiradas. Permite aos expositores debaterem com liberdade seus pontos de vista sobre o tema ou temas em pauta, a plateia poderá participar com questionamentos à mesa. O objetivo é obter maiores informações sobre o assunto, em busca de um consenso geral. O coordenador colhe as opiniões e apresenta uma conclusão representando a opinião da maioria. Poderá ter a duração de um ou mais dias. (LOPES, 2011; NEVES, 2017; UNICAMP, 2017).
<b>Mesa redonda</b>	É uma reunião de pequenos grupos de técnicos ou conhecedores de assuntos específicos para debate, preparada e conduzida por um coordenador que atua como elemento moderador, orientando a discussão para que ela se mantenha sempre em torno do tema principal. Os expositores têm um tempo limitado para apresentar suas ideias para o debate. Normalmente, a mesa-redonda está inserida em eventos mais abrangentes. É utilizada quando o assunto ainda não está consolidado e suscita discussões. Ideal para quem quer ter várias visões diferentes sobre um determinado tema. O êxito da mesa-redonda depende do coordenador, que tem a missão de conduzir os trabalhos de forma a atingir os objetivos. (LOPES, 2011; NEVES, 2017; UNICAMP, 2017).
	Se o objetivo for dar informações inéditas sobre temas polêmicos, faz-se uma palestra. É um dos métodos de discussão mais antigo, a

<b>Palestra</b>	palestra pressupõe uma preleção acompanhada de intenso período de perguntas e debates com a plateia buscando conclusões. Caracteriza-se pela apresentação para um grupo que já possui noções sobre o assunto, e após a apresentação pode ser aberta para questionamento dos ouvintes, ou até mesmo durante a apresentação, caso o palestrante desejar. Pode ser complementada de uma visita, demonstração ou mesmo exercício de laboratório. (LOPES, 2011; UNICAMP, 2017).
<b>Simpósio</b>	É um tipo de reunião derivado da mesa redonda para a discussão de um determinado tema, mas os expositores não debatem entre si, tem como finalidade realizar um intercâmbio de informações. Tem sempre a presença de um coordenador e é uma característica ser de alto nível e contar com a participação de especialistas de grande renome. Não são apresentadas as conclusões de uma pesquisa, mas sim impressões sobre um determinado assunto que é colocado em debate. Vários oradores debatem o tema na mesa, muitas vezes com a participação do auditório Os especialistas desenvolvem parte de um mesmo tema, e posteriormente entre si desenvolvem uma segunda fase de debate. Após apresentação, a plateia participa com perguntas à mesa, escritas e identificadas, sem teor de polêmica. (LOPES, 2011; NEVES, 2017; UNICAMP, 2017).
<b>Solenidade</b>	É um evento que em geral destina-se a homenagens como a entrega de placas comemorativas, certificados, quantia em dinheiro, equipamentos etc. Em suma é um ato oficial de uma instituição realizado de forma pública e solene e que tem por finalidade a outorga de grau, homenagem póstuma, entrega de uma premiação, doações entre outras. (LOPES, 2011; UEMG, 2012; UNICARIOCA, 2014).
<b>Workshop</b>	Tem o caráter de treinamento ou formação, seu objetivo consiste em aprofundar a discussão sobre temas específicos e, para isso, apresenta casos práticos com participação intensa do público. Normalmente possui um moderador e um ou dois expositores, portanto, deve ser feito em grupos pequenos. É utilizado para aprofundar um tema. São reuniões onde há uma parte expositiva seguida de demonstrações do objeto (produto) que gerou o evento. A dinâmica da sessão divide-se em três momentos: exposição, discussão em grupos ou equipe e conclusão. Pode, e geralmente faz, parte de um evento de maior amplitude. (LOPES, 2011; NEVES, 2017).

**Fonte:** Diversas e estão apontadas no quadro.

Durante um evento científico, certa documentação é gerada, e dependendo de sua natureza e da área do conhecimento, podem aparecer antes, durante ou depois do evento. Após a reunião dos conjuntos de trabalhos apresentados, assim como as palestras e conferências, os trabalhos, em geral, são publicados na forma de anais.

Em relação aos anais, Campello, Cendón e Kremer (2003, p.67) enfatizam que estes “podem conter os resumos ou os trabalhos na íntegra, dependendo do objetivo do encontro, bem como da disponibilidade de recursos financeiros para a sua publicação, e isso varia em cada área do conhecimento”. A forma de disponibilizar os anais era em formato impresso, mais tarde utilizou-se os Cds, os *pen drives*, mas atualmente os textos científicos são incluídos no site dos eventos.

Por fim, independente do formato do evento, há uma produção significativa e importante de documentos para estudantes e pesquisadores, que deve ser guardada para futuramente servir de base para a organização da memória da Instituição, assim como da história da pesquisa científica de determinado País.

## 4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os resultados obtidos foram analisados de acordo com os objetivos estabelecidos para este estudo. Ressaltamos que as falas dos entrevistados foram transcritas de forma literal levando em consideração os pontos convergentes.

Para esta pesquisa utilizamos uma metodologia que atendesse aos objetivos do trabalho. Definimos que sua abordagem é de cunho qualitativo, pois como afirma Gil (2002, p.90) “[...] costuma-se verificar um vaivém entre observação, reflexão e interpretação à medida que a análise progride, o que faz com que a ordenação lógica do trabalho torne-se significativamente mais complexa [...]”. Silva e Menezes (2005, p.20) evidenciam as características da pesquisa qualitativa da seguinte forma:

[...] há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave.

Gil (2002, p.133), enfatiza ainda que a abordagem qualitativa é um método menos formal que o quantitativo, dependendo muito de fatores como “[...] a natureza dos dados coletados, a extensão da amostra, os instrumentos de pesquisa e os pressupostos teóricos que nortearam a pesquisa”, definindo-a como uma sequência de atividades, envolvendo “a redução dos dados, a categorização desses dados, sua interpretação e a redação do relatório” e também “[...] visa buscar informações fidedignas para explicar em profundidade o significado e as características de cada contexto em que se encontra o objeto de pesquisa”. (OLIVEIRA, 2007, p.60). Essa investigação se caracteriza como uma pesquisa exploratória e descritiva. Gil (2008, p.27) explica que a pesquisa é exploratória pois

[...] têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e idéias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. [...] Habitualmente envolvem levantamento bibliográfico e documental, entrevistas não padronizadas [...].

É descritiva, porque “é feita a descrição das características de uma determinada população, estudo descritivo de determinado fenômeno com suas variáveis.” (SANTOS, 2005, p.173). Triviños (1987) afirma que este é um estudo que tem a pretensão de descrever os “fatos e fenômenos de determinada realidade”, exigindo do investigado uma série de informações sobre o que se deseja pesquisar.

#### 4.1 CÓRPUS DA PESQUISA

O Córpus da pesquisa são os documentos do Departamento de CI, tendo como amostra intencional os dois eventos promovidos pelo Departamento de Ciência da Informação como maior tempo de existência, isto é, o Encontro Londrinense de Biblioteconomia e Documentação, que iniciou-se em 1976 e teve sua última edição em 1994, e o Secin, que desde 2001 é realizado bianalmente, exceto em 2015 que foi adiado em virtude da greve estadual.

Ambos tem como objetivo a discussão de temáticas da Biblioteconomia e posteriormente Ciência da Informação, congregando pesquisadores, profissionais e estudantes, visando promover assuntos de interesse dessa área.

Nessa dissertação foi utilizado um conjunto de documentos dos 2 eventos (atas, certificados, folhetos, recortes de jornais, folder publicitário), incluindo, no caso do Secin, o universo de coordenadores de cada edição, compreendendo 100%.

##### 4.1.1 Caracterização do Departamento de Ciência da Informação

A Universidade Estadual de Londrina (UEL) foi criada pelo Decreto nº 18.110, de 28 de janeiro de 1970 com a junção de cinco Faculdades. O projeto inicial agregou em departamentos, os vários professores e disciplinas dos Cursos ofertados em departamentos congregando áreas afins. Os departamentos afins, por sua vez, foram reunidos em Centros de Estudos.

Em 16/02/1971, classificado como ano de adaptação na UEL, aconteceu a sua primeira aula inaugural. Em 1972 ocorre sua implantação definitiva, funcionando neste período na Rua Alagoas, 2001. Assim surgiu a Universidade Estadual de Londrina que na época tinha como Governador o Dr. Paulo Pimentel,

que inclusive deu seu nome ao Campus da UEL e teve seu busto exposto. (BARTALO et al., 2000, p.01).

Suas atividades iniciaram com um total de 13 cursos de graduação: História, Geografia, Letras Anglo-Portuguesas e Letras Franco-Portuguesas, Pedagogia, Ciências (1º Grau), Direito, Odontologia, Medicina, Farmácia e Bioquímica, Ciências Biomédicas, Ciências Econômicas e Administração. Em 1987 foi implantado o ensino gratuito no nível de graduação, sendo transformada em Autarquia pela Lei Estadual 9.663 de 16/07/91.

Como autarquia a UEL tem autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial em política educacional, mas é dependente financeiramente do Governo Estadual, de onde se origina a maior parte dos recursos que asseguram sua operação e manutenção. (UEL, 2010, p.1). A Universidade Estadual de Londrina, tem como missão a

Gestão democrática, com plena autonomia didático-científica, comprometida com o desenvolvimento e à transformação social, econômica e cultural do Estado do Paraná e do Brasil. Busca garantir a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, a igualdade de condições de acesso e de permanência discente, a liberdade e respeito ao pluralismo de ideias, tendo como finalidade a produção e disseminação do conhecimento, formando cidadãos e profissionais com competência técnica e humanística, orientada por valores éticos de liberdade, igualdade e justiça social. (UEL, 2016b, p. 8).

A UEL atua no ensino de graduação e de pós-graduação, na pesquisa e na extensão sob a forma de atividades presenciais e a distância nas diversas áreas do conhecimento. Oferta Educação Infantil, Ensino Fundamental, Médio e Profissional nas duas unidades do Colégio de Aplicação (Centro e no Campus da UEL). A UEL é um organismo de ensino, pesquisa e extensão integrados, constituída de Centros como Unidades e Departamentos como Subunidades; Órgãos Suplementares e Órgãos de Apoio.

A estrutura Acadêmica/administrativa da UEL conta com sete Órgãos Executivos da Reitoria, seis Pró-reitorias, nove Centros de Estudos com 57 Departamentos, 43 Colegiados de Curso de Graduação, duas Coordenadorias e os seis Órgãos de Apoio e 15 Órgãos Suplementares. Apresentam atividades distintas ou correlacionadas ao ensino, pesquisa e extensão executadas nos Centros, Departamentos, Órgãos Suplementares e Órgãos de Apoio. Os Órgãos

Suplementares estão ligados academicamente aos Centros de Estudos. (UEL, 2016b, p. 6).

O Departamento de Ciência da Informação da UEL tem como objetivo oferecer cursos de graduação em Biblioteconomia e Arquivologia, pós-graduação *lato sensu* e *stricto sensu*, desenvolver a pesquisa e a extensão, contribuindo, assim com a produção de conhecimentos na Área da Ciência da Informação.

O primeiro curso, Biblioteconomia, foi implantado em 16/11/1973, três anos após a implantação da UEL, e Arquivologia em 26/02/1998, ambos têm por objetivo desenvolver capacidades para aprender a aprender, a ser, a fazer, a viver junto e a conhecer, levando em consideração a autonomia na formação para capacitar os alunos a atuar em um meio que está em permanente mudança (UEL, 2015a). Desenvolver capacidades para pensar, inovar e executar para o futuro, atendendo com competência e engenhosidade as diferentes demandas de informação oriundas da sociedade, propiciando assim a formação de profissionais com visão científica que compreendam a provisoriedade da verdade científica, portanto críticos, reflexivos, autônomos, éticos e que enfrentem os desafios próprios da área com competência.

Possibilitando o desenvolvimento da capacidade crítica e analítica do profissional para que ele possa atender a demanda atual e exercer os papéis a ele destinados em função das mudanças que vêm ocorrendo mundialmente, seja pela globalização da sociedade, seja pelos novos paradigmas do mundo moderno, incentivando, inclusive, o desenvolvimento de atitudes solidárias e não apenas competitivas, tais como induzido pela ideologia hegemônica e possibilitar o reconhecimento da dimensão social da profissão, por meio de uma formação que capacite o profissional a modificar o meio onde atua, de modo a instigar as desigualdades e compreender a diversidade sociocultural. (UEL, 2015a).

Após formalizar o curso na UEL, constituiu-se o Departamento de Biblioteconomia, no Centro de Estudo Sócio-Econômicos (CESE), instalado no Instituto Filadélfia na área do Ipolon, Rua Antonina. Em 10/03/1973 foi realizada a primeira reunião do departamento. Quando iniciou-se as decisões acerca do regulamento e também a eleição do Chefe (Profa. Eliane Machado Fontoura) e Sub-Chefe (Profa. Graça Maria Simões Luz) do Departamento (ATA 1 de 10/03/1973).

No dia 27/04/1974, a chefe Profa. Norma Saraceni apresenta ao Departamento a Resolução nº208/74, na qual o Magnífico Reitor Ascêncio Garcia Lopes cria o Centro de Comunicação e Artes, lotando neste Centro os Departamentos de Comunicação, Arte e Biblioteconomia (ATA 14 de 27/04/1974). Vale destacar, como visto no parágrafo anterior, até 1974 o Centro que hoje é denominado Centro de Educação, Comunicação e Artes (CECA), era chamado de CESE.

O corpo docente da época era composto por quatro professoras contratadas 44 horas semanais: Profa. Eliani Machado Fontoura (Chefe do Departamento), Profa. Graça Maria Simões Luz (Sub-Chefe do Departamento), Profa. Norma Saraceni e Dora Regina Seben, que se substituíam de forma alternada para ministrar as disciplinas, pois também desempenhavam atividades administrativas na Biblioteca da Universidade.

Ampliando a contextualização histórica do curso de Biblioteconomia, utilizamos como referência a obra *Gerenciamento acadêmico: um processo de mudança no ensino de Biblioteconomia* de Mary Stela Müller (1998). Como já explicitado anteriormente, o curso foi implantado em 1973, com 40 vagas semestrais e três anos de duração, no turno matutino. Em 1977, no segundo semestre, aumentou-se o tempo de duração para três anos e meio e passou a ser ofertado também no período noturno, com o mesmo número de vagas.

No primeiro semestre de 1981 até o final de 1982 foram ofertadas 60 vagas semestrais, mas em 1983, retornou a oferta de 40 vagas. Até 1984 o currículo sofreu duas reformulações no sentido de adequar a formação do bibliotecário às necessidades do mercado profissional. Sendo uma em 1979 (Currículo II) e outra em 1984 (Currículo III) aumentando o tempo de integralização do curso para quatro anos, mantendo 40 o número de vagas iniciais por semestre. Este último também sofreu alterações, em 1985, e, em 1987.

Em 1991, o Currículo Pleno do Curso sofreu novas alterações e alguns outros problemas identificados foram solucionados na nova proposta (Currículo IV). Com a implantação, em 1992, o curso voltou a ser ofertado no período matutino com 40 vagas anuais. Por decorrência de alguns problemas, em 1994 fez-se necessário algumas adequações no Currículo IV, inclusive dividindo as vagas iniciais em dois turnos, 20 no período matutino e 20 no noturno.

Nesse mesmo ano, a ideia de uma avaliação sistematizada, ampla e global do curso, evoluiu e foi concretizada, após várias reuniões com professores ministrantes de disciplinas do então currículo, sendo possível identificar uma série de problemas e dificuldades ligadas à matriz curricular. Em 25 de agosto de 1994 o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da UEL aprovou e protocolou na Coordenadoria de Assuntos Acadêmicos o projeto de ensino denominado “Avaliação do Curso de Biblioteconomia da UEL visando sua adequação às necessidades/demandas do mercado profissional e do meio ambiente”. Por fim, em 1997 ocorreu a implantação de mais um currículo pleno do curso de Biblioteconomia (Currículo V).

Silva (1994, p.22) constatou em sua pesquisa *Memorial do curso de Biblioteconomia da Universidade Estadual de Londrina* que o curso teve seu currículo estruturado pela Profa. Dora Regina Seben, que na época era bibliotecária da Faculdade de Medicina do Norte do Paraná e fazia parte do primeiro grupo de docentes no primeiro ano de funcionamento do curso na UEL.

A autora enfatiza ainda que a imagem que o curso transmite recebe cuidadosa atenção e faz parte da cultura do Departamento ter essa preocupação, os docentes procuram realizar a avaliação do curso por meio de fóruns e reuniões, acompanhado as atualizações e tendências quanto ao uso da informação e formação de profissionais. (SILVA, 1994, p.42). A duração do curso foi alterada de acordo com as necessidades no decorrer do tempo: de 1972 a 1981 tinha duração de 3 anos; de 1981 a 1983 duração de 3 anos e 6 meses, e 1984 a 1994 (até os dias de hoje) duração de 4 anos.

Quanto ao curso de Arquivologia, como dito anteriormente, foi implantado na UEL em 26/02/1998, por meio de um projeto “[...] incluindo pesquisa prévia sobre mercado e clientela na região. Inovação na proposta de trabalho em parceria: o Departamento de Ciências<sup>1</sup> da Informação e o Departamento de História” (MULLER, 1997, p.45). O sítio da UEL expõe que o curso tem por objetivo:

---

<sup>1</sup> Neste período o Departamento foi denominado Ciências da Informação, sendo excluído o S nos primeiros anos dos anos 2000.

Formar recursos humanos para o desempenho da prática arquivística, gestão, conservação, preservação e disseminação documental, administração de arquivos nas suas diferentes idades, visando atender a demanda social em relação à preservação da memória de instituições públicas e privadas. (UEL, 2016a).

O profissional arquivista tem como campo de atuação as instituições públicas e privadas, empresas, clínicas médicas, instituições culturais, universidades entre outras instituições. A profissão é regulamentada pela Lei nº 6.545, de 1978 e Decreto nº 82.590, de 06.11.78.

Evidentemente que a história do Departamento de CI não se resume a essas poucas páginas, então, o foco dessa dissertação são os dois eventos já mencionados.

#### 4.2 MÉTODOS: DOCUMENTAL E GRUPO DE FOCO

A pesquisa utilizou o delineamento documental, pois consultou diretamente os relatórios, atas, folders, panfletos, prospectos do Departamento referente aos dois eventos. Para Fachin (2006, p.146) a pesquisa documental considera “documento qualquer informação sob a forma de textos, imagens, sons, sinais em papel/madeira/pedra, gravações, pinturas, incrustações e outros”. No caso da reconstituição da memória, Cellard (2008, p.295) enfatiza a importância do documento escrito como fonte de inestimável valor para o pesquisador.

Ele é, evidentemente, insubstituível em qualquer reconstituição referente a um passado relativamente distante, pois, não é raro que ele represente a quase totalidade dos vestígios da atividade humana em determinadas épocas. [...] frequentemente, ele permanece como o único testemunho de atividades particulares ocorridas num passado recente.

Witter (1990, p.9) destaca que a pesquisa documental é, literalmente feita tendo como base qualquer um dos suportes de informação resultante de momentos anteriores à investigação. “Esses suportes de informação são classificados em bibliográficos e os não-bibliográficos. O primeiro refere-se a todos os documentos impressos ou manuscritos”.

[...] Atas de Congressos, Seminários, Anais, Cartas, Protocolos, Documentos de Arquivos, compõem um amplo acervo de pesquisa com que historiadores e outros profissionais podem trabalhar como fontes primárias, para reconstruir a história de instituições, a história sócio-política ou mesmo a história da ciência. (WITTER, 1990, p.20-21).

Os suportes de informação não-bibliográficos são os documentos de “[...] suportes não-periódicos, mais de caráter eventual, embora, as vezes, possam ser periódicos”. Entre eles estão as gravações, as fotos, os filmes sonoros e não sonoros. (WITTER, 1990, p.21).

A pesquisa documental “vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa”. (GIL, 2002, p.45). Esse tipo de pesquisa possui objetivos bem específicos, estabelece um fim em si mesma, pode envolver teste de hipóteses, exige a consulta nos mais diversos tipos de arquivos, tanto públicos, como privados, e o material utilizado nessa pesquisa aparece em diversos formatos. Gerhardt e Silveira (2009, p.69) enfatizam isso ao dizer que esta pesquisa é “[...] aquela realizada a partir de documentos, contemporâneos ou retrospectivos, considerados cientificamente autênticos (não-fraudados)”.

Entre as vantagens deste tipo de pesquisa é por ser uma fonte rica e de dados estáveis, principalmente para pesquisas de natureza histórica, e não exige contato direto com sujeitos da pesquisa. Witter (1990, p.19) enfatiza ainda que o “[...] acervo documental pode servir de base informacional para pesquisadores distintos, da mesma área e de áreas diferentes”. Sendo que “[...] o conhecimento, a realidade refletida nos citados documentos poderá passar por n análises distintas e complementares, atendendo a objetivos e a procedimentos diferentes” (WITTER, 1990, p.19).

A pesquisa documental possui também pontos frágeis. As críticas feitas a esse tipo de pesquisa geralmente relacionam-se à não-representatividade e subjetividade dos documentos, por isso é importante que o pesquisador considere todas as implicações relativas a eles para formular uma conclusão definitiva. Gil (2002, p.47) colabora dizendo que: “[...] convém lembrar que algumas pesquisas elaboradas com base em documentos são importantes não porque respondem definitivamente a um problema, mas porque proporcionam melhor visão desse problema”.

Para nortear a pesquisa, Gil (2002, p.87) define as seguintes fases da pesquisa documental: a) determinação dos objetivos; b) elaboração do plano de trabalho; c) identificação das fontes (folder, cartazes, release, recortes de jornais...); d) localização das fontes e obtenção do material; e) tratamento dos dados; f) confecção das fichas e redação do trabalho e g) construção lógica e redação do trabalho. Portanto, esta foi a conduta da pesquisadora durante a presente investigação, quando elaborou o Formulário para a coleta de dados nos documentos (Apêndice A), contendo as categorias estabelecidas *à priori*<sup>2</sup> como uma das possibilidades adotada na Análise de Conteúdo (AC) (cf. na seção 4.4).

#### 4.3 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS: ROTEIROS DO GRUPO DE FOCO E DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Como instrumento para a coleta de dados foi elaborado um formulário para extrair as informações dos documentos do Departamento (Apêndice A), sendo esta uma técnica definida por Gil (2002, p.115) como aquela “[...] em que o pesquisador formula questões previamente elaboradas e anota as respostas”. Este autor também faz a seguinte consideração que “[...] em virtude de suas características, o formulário tem alcance limitado, não possibilitando a obtenção de dados com maior profundidade” (GIL, 2002, p.119). Portanto, posteriormente, para complementar, aprofundar e enriquecer a pesquisa e a coleta dos dados, foi aplicada a metodologia de grupo de foco, também conhecida como grupo focal.

É uma técnica que existe desde o início da Segunda Grande Guerra, tendo sido utilizada para determinar a efetividade dos programas de rádio destinados a elevar a “moral” das tropas americanas. Recentemente, seu uso mais extenso sucedeu-se com pesquisadores de marketing. Foi na década de 90 que esta técnica passou a ser mais aceita por pesquisadores das Ciências Sociais Aplicadas. “O reconhecimento dos grupos focais como espaços privilegiados para o alcance de concepções grupais acerca de uma determinada temática tem potencializado sua utilização em diversas áreas da produção de conhecimentos [...]” (BACKES, 2011, p.439).

---

<sup>2</sup> Para Moraes (1999, p.8) “Categorias definidas a priori já devem atender aos critérios de classificação de antemão, isto é antes de proceder à classificação propriamente dita do conteúdo.”

Esta técnica representa uma nova estratégia metodológica para as pesquisas qualitativas e também “[...] uma fonte que intensifica o acesso às informações acerca de um fenômeno, seja pela possibilidade de gerar novas concepções ou pela análise e problematização de uma ideia em profundidade”, enfatiza Backes (2011, p.439).

Os integrantes dessa etapa da pesquisa foram os coordenadores das seis edições do Secin e o Roteiro do grupo de foco (Apêndice B) foi elaborado após a obtenção das informações documentais.

Vale esclarecer que pelo fato do Encontro Londrinense de Biblioteconomia e Documentação não existir desde 1994, as informações foram obtidas apenas nos documentos que a UEL conservou e, conseqüentemente a participação no grupo focal, foi apenas dos coordenadores das edições do Secin, que em sua maioria ainda compõe o quadro de docentes do Departamento.

Lervolino e Pelicioni (2001, p.116) defendem que o grupo deve ser composto de 6 a 10 pessoas, que não são familiares uns aos outros. Esta última recomendação não foi possível seguir, pois os participantes da pesquisa são da mesma Instituição, isto é, do Departamento.

A ênfase desta técnica está na interação dentro do grupo, baseada em tópicos oferecidos pelo pesquisador, que também assume o papel de moderador, para que assim seja recriado um ambiente social ou um contexto em que o integrante possa interagir com os demais membros, validando sua opinião, defendendo-a, revendo-a e até influenciando outro participante. Sendo essa uma abordagem que possibilitou e ajudou a investigadora a aprofundar a pesquisa.

A pesquisadora teve como responsabilidade, no momento da entrevista com o grupo, preparar os participantes para a discussão que ocorreu, promovendo uma comunicação espontânea em que a “[...] intimidade entre os sujeitos participantes cria uma atmosfera natural, humanizada, que estimula a participação e leva a uma teia de relação que se aproxima à trama das relações em que o sujeito se expressa em sua vida cotidiana” (GONZÁLEZ REY, 2002, p.87). Lervolino e Pelicioni (2001, p.116) ainda corroboram dizendo:

Cabe ao moderador do grupo (geralmente o pesquisador) criar um ambiente propício para que diferentes percepções e pontos de vista venham à tona, sem que haja nenhuma pressão para que seus participantes votem, cheguem a um consenso ou estabeleçam algum plano conclusivo.

A pesquisadora seguiu o roteiro de tópicos relacionados com as questões da pesquisa, sendo cinco. Tais tópicos foram expressos ao grupo em forma de “dicas”, como estímulos para a discussão e introdução do assunto, utilizamos como disparadores de memórias cartazes, panfletos, CDs e algumas informações coletadas nos documentos. A pesquisadora também ofereceu um *coffe break* para que as coordenadoras ficassem mais a vontade. Enquanto conduzia o grupo, o moderador também exerceu variados papéis: a) solicitou esclarecimento ou aprofundamento de pontos específicos; b) conduziu o grupo para o próximo tópico quando um ponto foi suficientemente explorado, e c) finalizou o grupo.

Assim como os outros instrumentos de pesquisa apresentam vantagens e desvantagens em sua utilização, o grupo focal não é diferente. Lervolino e Pelicioni (2001, p.116), afirmam que a essência do grupo focal é a interação entre o grupo e o pesquisador, e “[...] objetiva colher dados a partir da discussão focada em tópicos específicos e diretivos [...]”. Sua principal vantagem é a oportunidade de observar o diálogo a respeito de um tema em um período de tempo limitado. Outra vantagem desta técnica “[...] é a possibilidade de observar a interação das pessoas em torno do tema proposto, evidenciando-se as similaridades e as diferenças nas opiniões e experiências (GUI, 2003, p.5).

Em compensação, essa técnica limita-se ao comportamento verbal, consistindo apenas em discussões de grupo, criadas e administradas pelo pesquisador; o local, para efeitos de pesquisa já não representa um espaço natural de trocas sociais e também pelo pesquisador criar e dirigir o grupo focal pode torná-lo ainda menos natural. Pode ocorrer que, na tentativa de manter o foco da entrevista, o moderador influencie as interações do grupo, inclusive, a presença de outras pessoas pode, para alguns participantes, afetar o que dizem ou como dizem. Por esse motivo Di Chiara (2005, p.103) enfatiza que “As discussões inerentes ao processo de adoção dessa técnica devem ocorrer em clima de tranquilidade, sem pressões, de modo que se possa garantir a troca de opiniões em relação ao objeto de estudo”.

Lervolino e Pelicioni (2001, p.116) dizem ainda que, em geral, os participantes “[...] precisam ouvir as opiniões dos outros antes de formar as suas próprias, e constantemente mudam de posição (ou fundamentam melhor sua posição inicial) [...]”. É exatamente este processo que o grupo focal tenta captar”.

Cada participante do grupo de foco assinou um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e Declaração de responsabilidade da pesquisadora (Apêndice D), sendo que os dados obtidos só serão válidos diante da concordância do termo.

Por conta de situações pessoais, uma das coordenadoras do Secin não pode comparecer ao grupo de foco, com isso fez-se necessário o uso de um outro método para a coleta de dados. A entrevista semiestruturada foi a que se encaixou com os objetivos da pesquisa, pois permitiu que o pesquisador organizasse um Roteiro da entrevista semiestruturada (Apêndice C) a partir do roteiro do grupo de foco. Essa entrevista é uma técnica que “[...] permite, e às vezes até incentiva, que o entrevistado fale livremente sobre assuntos que vão surgindo como desdobramentos do tema principal”. (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p.72)

Como orientação das autoras supracitadas, a pesquisadora, no momento da entrevista com a coordenadora, levou uma câmera, um gravador de voz e blocos de notas para anotações que considerasse pertinente ao tema e também os mesmos mecanismos disparadores de memória apresentados no grupo de foco. Para elaboração do roteiro, foi necessária a consideração de alguns tópicos: o tempo de cada assunto a ser abordado; o cuidado na formulação das questões, a fim de evitar respostas dicotômicas (sim/não); que o entrevistado não se dispersasse e extrapolasse o tempo e muita atenção para que o objetivo fosse alcançado.

#### 4.4 TÉCNICA DE ANÁLISE: ANÁLISE DE CONTEÚDO

Para organizar os dados coletados, foi feito uso da técnica de Análise de Conteúdo (AC) apresentada por Bardin (1977). Silva e Fossá (2015, p.3) definem esta técnica como um “[...] conjunto de instrumentos metodológicos, em constante aperfeiçoamento, que se presta a analisar diferentes fontes de conteúdos (verbais ou não-verbais)” (SILVA; FOSSÁ, 2015, p.3).

Bardin (1977, p.27) afirma que a AC é compreendida como um “[...] conjunto de técnicas de análise das comunicações”, destaca que ela “[...] visa o conhecimento de variáveis de ordem psicológica, sociológica, histórica, etc., por meio de um mecanismo de dedução com base em indicadores reconstituídos a partir de uma amostra de mensagens particulares” (BARDIN, 1977, p.39). Gerhardt e Silveira (2009, p.84) colaboram dizendo que esta análise se “[...] inicia pela leitura

das falas, realizada por meio das transcrições de entrevistas, depoimentos e documentos”.

A AC é uma técnica de análise das comunicações, que verifica o que foi dito nas entrevistas ou observado pelo pesquisador. Na análise do material, busca-se classificá-los em temas ou categorias que auxiliam na compreensão do que está por trás dos discursos. (SILVA; FOSSÁ, 2015, p.2).

Bardin (1977, p.89) apresenta as etapas da técnica de AC organizadas em três polos cronológicos: 1ª pré-análise; 2ª exploração do material e, 3ª tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

O **primeiro polo**, pré-análise, é a fase desenvolvida para estruturar as ideias, “[...] tem por objectivo a organização, embora ela própria seja composta por actividades não estruturadas, [...], por oposição à exploração sistemática dos documentos” (BARDIN, 1977, p.90). Essa sistematização serve para que o pesquisador possa administrar as operações sucessivas de análise. Esta fase compreende: a) a leitura flutuante: consiste em estabelecer o primeiro contato com os documentos da coleta de dados, momento em que se conhece os textos, entrevistas e as demais fontes a serem analisadas; b) a escolha dos documentos: representa o *corpus* da análise. Bardin (1977, p.90) define como “[...] o conjunto dos documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos”. Para tanto, é importante seguir algumas regras para a análise dos dados: exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência.

Na *exaustividade*, é preciso estar atento a todos os elementos do *corpus* que foi definido, não deixando de fora qualquer um destes elementos, independente do motivo (difícil acesso, por pensar não ser importante) que não possa ser justificável. Na *representatividade* a análise pode realizar-se numa amostra desde que o material a isso se preste. “A amostragem diz-se rigorosa se a amostra for uma parte representativa do universo inicial”. Por outro lado, a autora destaca que devemos ficar atentos, pois, “Nem todo material de análise é susceptível de dar lugar a uma amostragem, e, nesse caso, mais vale abstermo-nos e reduzir o próprio universo [...]” (BARDIN, 1977, p.91); Quanto a *homogeneidade*, os documentos retidos devem ser homogêneos, obedecer a critérios precisos de escolha e não apresentar demasiada singularidade fora desses critérios e na *pertinência* os documentos escolhidos como fonte de informação devem ser adequados, de modo que correspondam ao objetivo que suscitou a análise.

O **segundo polo**, exploração do material, consiste principalmente na construção de operações de codificação, que segundo Bardin (1977, p.97) é a transformação por intermédio do recorte (escolha das unidades), da enumeração (escolha das regras de contagem) e da classificação e agregação (escolha das categorias), baseadas em regras precisas sobre informações textuais. É a fase em que o texto das entrevistas e a informação de todo material coletado é recortada em unidades de registro. Posteriormente são identificadas as palavras-chave e faz-se o resumo para realizar a primeira categorização.

O **terceiro polo**, tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação consiste em aproveitar os conteúdos manifestos em todo material coletado (entrevistas e documentos), realizando a análise comparativa feita por meio da justaposição das diversas categorias existentes em cada análise, ressaltando os aspectos considerados semelhantes e os que foram considerados como diferentes.

A técnica de AC não foi aplicada na sua integralidade, para a pesquisa realizamos as fases de: leitura de todo material coleta do (documentos, grupo focal e entrevista); agrupamento das unidades de registro nas categoriais já definidas, e inferência e interpretação.

## 5 VOZES NOS DOCUMENTOS

Os dados dessa pesquisa serão aqui apresentados da seguinte forma: Seção 5.1 até a 5.1.2 são os resultados referentes à pesquisa documental, a qual foi separada em categorias: temas, objetivos, data/duração, agência financiadora, local de realização dos eventos, palestras, comissão organizadora e científica, trabalhos apresentados, autoria individual e múltipla, número de participantes, realização e apoio recebido. O formulário para coleta de dados nos documentos do Departamento preenchido pode ser visualizado no Apêndice E.

Ressaltamos ainda que os títulos de palestras, palestrantes, autorias de trabalhos, títulos de trabalhos, (professores, profissionais, estudantes de graduação e pós-graduação), foram grafados exatamente como estão nos documentos acessados, apenas as instituições de origem dos apresentadores foram abreviadas.

O resultado que gostaríamos de evidenciar em primeiro lugar e que foi elaborado tendo como base a pesquisa documental, incluindo a Ata da 1ª Reunião do Departamento (Anexo A) e as conversas informais com docentes aposentados, é o histórico das chefias do Departamento. Essa decisão tem a intenção de valorizar o trabalho dos docentes na criação e manutenção dos cursos de Arquivologia e Biblioteconomia, desde 1973.

**Quadro 2 - Histórico de Chefias**

<b>Gestão</b>	<b>Nome das Chefias</b>
1973/1974	Eliani Machado Fontana (chefe) Graça Maria. Simões Luz (vice)
1974/1976	Norma Saraceni (chefe) Graça Maria. Simões Luz (vice)
1976/1978	Norma Saraceni (chefe) (Vice) <sup>3</sup>
1978/1980	Déa Cristina Figueiredo Walter (chefe) Yara M. Pereira Da Costa Prazeres (vice)
1980/1982	Déa Cristina Figueiredo Walter (chefe) Vilma Ap. Gimenes Da Cruz (vice)

<sup>3</sup> Não foi identificado a Vice-chefe do Departamento de Ciência da Informação na gestão de 1976/1978.

1982/1984	Ivone Guerreiro Di Chiara (chefe) Vilma Ap. Gimenes Da Cruz (vice)
1984/1986	Vilma Ap. Gimenes Da Cruz (chefe) Irma Asunción Lorenzo Welffens (vice)
1986/1988	Irma Asunción Lorenzo Welffens (chefe) Vilma Ap. Gimenes Da Cruz (vice)
1988/1990	Liceia Cianca Fortes (chefe) Terezinha Gondo (vice)
1990/1992	Liceia Cianca Fortes (chefe) Terezinha Gondo (vice)
1992/1994	Nadina Aparecida Moreno (chefe) Liceia Cianca Fortes (vice)
1994/1996	Terezinha Gondo (chefe) Ivone Guerreiro Di Chiara (vice) <sup>4</sup>
1996/1998	Ivone Guerreiro Di Chiara (chefe) Linete Bartalo (vice)
1998/2000	Marta Lúgia Pomim Valentim (chefe) Silvana Drumond Monteiro (vice até jun.1999) Terezinha Batista De Souza (vice a partir de jul. 1999)
2000/2002	Linete Bartalo (chefe) Aglaré De Lima Fierli (vice)
2002/2004	Maria Elisabete Catarino (chefe) Vilma Ap. Gimenes Da Cruz (vice)
2004/2006	Maria Elisabete Catarino (chefe) Cargo Vago (vice)
2006/2008	Terezinha Batista De Souza (chefe até 05/2006) Rosane S. Álvares Lunardelli (chefe de 06/2006 Até 03/2008) Ivone Guerreiro Di Chiara (vice)
2008/2010	Ivone Guerreiro Di Chiara (chefe) Terezinha Batista De Souza (vice)
2010/2012	Terezinha Batista De Souza (chefe) Ivone Guerreiro Di Chiara (vice)
2012/2014	Maria Aparecida Lopes (chefe) Sueli Bortolin (vice)
2014/2016	Rosane Suelly Álvares Lunardelli (chefe) Izangela M. Sansoni Tonello De Oliveira (vice)
2016/2018	Leticia Gorri Molina (chefe) Maria Júlia Carneiro Giraldes (vice)

**Fonte:** Resultado da pesquisa

<sup>4</sup> Há, por parte da informante, uma dúvida quanto ao período do mandato e não foi localizado documento para comprovar.

## 5.1 SÍNTESE DA PESQUISA DOCUMENTAL

Esta seção foi criada para que fosse discorrido brevemente os resultados obtidos com a pesquisa documental referentes ao Encontro Londrinense de Biblioteconomia e Documentação e Secin. Os resultados seguem a ordem das categorias elencadas na seção 5, o formulário para coleta de dados nos documentos do Departamento preenchido pode ser visualizado no Apêndice E e algumas informações foram grafadas exatamente como estão nos documentos acessados.

### 5.1.1 Encontro Londrinense de Biblioteconomia e Documentação

A temática do Encontro Londrinense de Biblioteconomia e Documentação é apresentada apenas da 4ª edição até a 8ª, e por meio delas abordou-se temas de atualização em catalogação, evidenciou-se a Semana Nacional do Livro e da Biblioteca, explicitou-se a promoção do Departamento de Biblioteconomia na UEL e também a promoção profissional. As duas primeiras edições e as duas últimas (9ª e 10ª) infelizmente não apresentaram temas.

Por se tratar de um Encontro, o evento tem seu objetivo de acordo com as definições expostas na seção 3, pois, enquanto existia, tinha a pretensão de congregar os interessados na área, afim de atualizar seus conhecimentos, assim como promover a troca de ideias e experiência entre profissionais, estudantes e docentes.

As 10 edições do Encontro Londrinense de Biblioteconomia e Documentação tiveram a duração de 3 dias, apenas a 1ª edição aconteceu no primeiro semestre do ano (em maio), as outras 9 edições aconteceram entre os meses de outubro e dezembro. Durante a pesquisa documental não foram encontradas informações a respeito de agências financiadoras.

O local de realização de cada edição do evento alternou-se algumas vezes entre o Auditório do CCH na UEL; o Auditório da Associação Comercial de Londrina (ACIL); a Associação Odontológica do Norte do Paraná; o Anfiteatro do do CESA, UEL; Teatro Zaqueu de Melo na Biblioteca Pública Municipal de Londrina; o SESC e o Senai.

Durante seus 10 anos de existência, o Encontro Londrinense de Biblioteconomia e Documentação promoveu 54 palestras. O nome dos palestrantes

e o título de suas apresentações estão disponíveis no Apêndice F.

Os documentos deixaram a mostra que a Comissão Organizadora, na maioria das vezes, era composta além dos docentes do Departamento de CI, alunos e funcionários da Biblioteca Central. Sobre a Comissão Científica não foram encontrados resultados. Acredita-se que não havia apresentação de trabalhos e justamente por esse motivo nas categorias de trabalhos e AI e AM não obtiveram-se resultados.

Contudo, o número de participantes relatados nos documentos foi surpreendente e pode-se evidenciar a edição que teve mais participantes e a que teve menos. Em destaque a 5ª edição, que contou com 191 participantes e a 7ª edição que teve o menor número de participantes, com 97 pessoas. Vale lembrar que não foram encontradas as listas ou relatos da quantidade média de pessoas que participaram da 1ª, 8ª e 9ª edição.

Por fim, quanto à realização e o apoio ao Encontro Londrinense de Biblioteconomia e Documentação, o evento contou com diversas empresas, além da realização da UEL e do PADES, estão entre os colaboradores: o Banestado, a Livraria Arles, a rede de Supermercado Viscardi, a Livraria Acadêmica e a Livraria Arles e M. E. Furtado Livros; assim com o apoio do SESC, do NTE, da ARU, da Livraria Bom livro e da Editora FTD. Nos documentos referentes a 1ª, a 3ª e a 9ª edição não havia menção a este item.

### 5.1.2 Secin

O Secin apresentou uma temática em todas as edições. A partir de 2011, isto é, da 4ª edição e com a criação do mestrado acadêmico estabeleceu-se eixos temáticos. O evento se beneficiou com temas que ressaltavam assuntos sobre os paradoxos e desafios frente à sociedade da informação, explicitaram a gestão da informação e as linhas de pesquisa: organização e compartilhamento da informação, os diferentes locais de atuação do profissional da informação, assim como os fenômenos em desenvolvimento na área de CI. Com exceção da 2ª e da 3ª edição, todas as outras tiveram modalidades e eixos/linhas de pesquisa.

O Seminário em Ciência da Informação tem como objetivo ser uma espaço para que pesquisadores, docentes e estudantes apresentem e discutam suas pesquisas científicas da área, afim de promover a discussão das temáticas de

interesse e congregar os interessados.

Semelhante ao outro evento em questão, todas as edições do Secin tiveram a duração de três dias. Cinco edições foram realizadas no segundo semestre do ano, entre os meses de agosto e novembro, exceto a 5ª edição. A 4ª edição foi realizada em setembro, sendo organizada uma palestra em 13/06/2011 pela Profa. Henriette Ferreira Gomes (UFBA), visando estimular inscrições antecipadas.

Quanto à agência financiadora, a única edição que deixou explícito nos documentos a ajuda financeira que recebeu, foi a 2ª edição, subsidiada pela AYoshi e Caixa Econômica Federal.

O Secin sempre teve a UEL, além de realizadora do evento, como o principal local para sua realização. Cinco das seis edições foram realizadas na Universidade, apenas a 2ª aconteceu fora, no Hotel Sumatra. Que seria realizado no Hotel Blue Tree, mas por conta de dívidas de tributos públicos por parte do Hotel, foi necessário transferir o evento, visto que não haveria como pagar o aluguel do espaço.

O Secin, desde 2001 até a última edição que ocorreu em 2016, realizou 25 palestras. Os convidados e os títulos de suas palestras estão apresentados no Apêndice G.

Quanto à Comissão Organizadora de cada edição do Secin, algumas informações não foram explicitadas nos documentos acessados. A 1ª edição do evento foi realizada sob a coordenação das professoras Linete Bartalo e Vilma Aparecida Gimenes da Cruz (*in memorian*). A 2ª edição, segundo consta na Ata 333 de 02 de abril 2007 a informação de que: a Profa. Ivone Guerreiro Di Chiara coordenou a 2ª edição do Secin até julho de 2007 e quem assumiu esse posto a partir de agosto de 2007 foi a Profa. Rosane S. Alvares Lunardelli. Para a 3ª edição foi convidada uma equipe extensa e dividida em duas comissões, tendo a profa. Renata Gonçalves Curty como coordenadora geral. A 4ª edição do evento foi realizada sob a coordenação da Profa. Sueli Bortolin, Maria Aparecida Lopes e Terezinha Batista de Souza (ATA 374 de 19/02/2011). Quanto à 5ª edição a coordenadora foi a Profa. Ana Cristina de Albuquerque. Faziam parte de sua equipe a Profa. Sueli Bortolin, a Profa. Maria Aparecida Lopes, Profa. Ana Esmeralda Carelli e Maria Inês Tomaél (ATA 392 de 03/09/2012). A 6ª, isto é, a última edição realizada até o momento, contou com a Profa. Luciane de Fátima Beckman Cavalcante como

coordenadora e coordenação geral as professoras: Sueli Bortolin e Silvana Drumond Monteiro. É notável que em várias edições houve um trabalho conjunto do corpo docente e discente, assim como dos funcionários do Sistema de Biblioteca da UEL.

A Comissão Científica, em algumas edições, não foi explicitada sendo elas: 2ª e 3ª, mas a 1ª edição foi composta pela: profa. Terezinha Batista de Souza, Dirce Missae S. Fernandes, profa. Licéia Cianca Fortes, profa. Maria Elisabete Catarino, profa. Maria Júlia Giannasi, profa. Neiva Pavezi e profa. Mary Stella Muller; a 4ª edição contou a profa. Maria Inês Tomaél, profa. Rosane S. Alvares Lunardelli, Letícia Gorri Molina e Fernando Luiz Vechiato (ATA 374 de 19/02/2011); a 5ª edição foi composta por: profa. Adriana Alcará, profa. Maria Inês Tomaél, profa. Ana Esmeralda Carelli e os alunos Ilemar Christina Lansoni Wey Berti e Decio Wey Berti Junior; trabalharam na 6ª edição a profa. Rosane S. Alvares Lunardelli, profa. Brígida Maria Nogueira Cervantes, a profa. Marta Leandro da Mata, profa. Paula Regina Ventura Amorim Gonzalez e o aluno Marcos Antonio de Moraes.

Quanto a quantidade de trabalhos apresentados em todas as edições do Secin foi significativa, alocamos a listagem no Apêndice H, todos estão grafados exatamente como estavam nos documentos, os títulos e os autores.

Visando ter um parâmetro da quantidade total de Autoria Individual (AI) e Autoria Múltipla (AM) quantificou-se os 256 trabalhos e, em seguida, calculou-se a média total de AI e AM.

**Quadro 3 – Trabalhos apresentados**

<b>Edição</b>	<b>AI</b>	<b>AM</b>	<b>Total</b>
I	13	10	23
II	9	16	25
III	6	22	28
IV	8	34	42
V	11	38	49
VI	18	71	89
<b>Total</b>	<b>65</b>	<b>191</b>	<b>256</b>
Média	10,8	31,8	42,6

**Fonte:** Resultado da Pesquisa

É perceptível que a categoria AI não alterou muito no decorrer das edições, mas a AM cresceu gradativamente.

Entretanto, a lista com o número total de participantes, exceto da 1ª, da 5ª e da 6ª edição que não foram localizadas, evidenciou um dado lamentável, a quantidade de participantes do Secin decaiu. Uma justificativa plausível é a crise econômica que assola o país. A 2ª teve um total de 300 participantes (150 alunos e 150 profissionais) além de 90 inscritos no minicurso realizado; a 3ª edição contou com 199 participantes no evento, entre alunos e profissionais e 62 inscritos nos minicursos; e a 4ª edição com 96 participantes e 41 inscritos nos minicursos.

Por outro lado, este evento sempre foi agraciado com suporte (interno e externo). Desde sua existência contou com o apoio o corpo docente e alunos do Departamento que fizeram a diferença na qualidade dos eventos e possibilitaram, em alguns casos, um superávit para o Departamento.

Na 1ª edição realizaram o Seminário em Ciências da Informação<sup>5</sup>, além deste Departamento, o Sistema de Bibliotecas da UEL, a Fundação de Apoio ao Desenvolvimento da Universidade Estadual de Londrina (FAUEL). Colaboraram como apoio cultural as empresas: *Telos* (Sistemas e soluções inteligentes para arquivamento); *IDSystems* do Brasil; *Silver Platter Information*, e *Gale Group Thomson Learning*. O apoio oficial foi da Fundação Araucária do Paraná.

Quanto a 2ª edição a realização em parceria com o Sistema de Bibliotecas e Sistema de Arquivos (SAUEL), com o copatrocínio da Caixa Econômica Federal. Segundo a Ata 339 de 08/10/2007, a Fundação Araucária subsidiou e a Caviglia colaborou com a doação de pastas.

A 3ª edição o Departamento teve o apoio do Governo do Paraná por meio da Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (SETI); da Fundação Araucária (Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Paraná) e da *Scan System* (Gerenciamento da Informação), sendo que para o coquetel de abertura foram utilizados recursos do II Secin. (ATA 360 de 08/09/2009).

O Departamento de Ciência da Informação em parceria com o Mestrado Profissional em Gestão da Informação realizou a 4ª edição, sendo utilizado verbas dos cursos de especialização do Departamento (ATA 374 de 19/02/2011).

---

<sup>5</sup> Assim como o departamento alterou sua denominação o evento antes denominado Seminário em Ciências da Informação, passa a ser chamado Seminário em Ciência da Informação.

Esta edição teve o apoio da *B18*; do Sistema de Arquivos (SAUEL) e do Sistema de Bibliotecas<sup>6</sup>.

Na 5ª edição do evento o Departamento contou com o Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI). Essa edição contou com o Sistema de Bibliotecas; o Sistema de Arquivos (SAUEL) e, em nível nacional, pela primeira vez o Departamento recebe recursos do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), um valor de R\$10.000,00 (ATA 395 de 12/12/2012).

Finalmente, a última edição, isto é, a 6ª, o Departamento realizou o evento juntamente com o Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) e teve o apoio da Capes e da Fundação Araucária.

---

<sup>6</sup> Ata 374 de 19/02/2011 apresenta uma contradição com os outros documentos acessados quanto à parceria do Sistema de Bibliotecas, pois coordenadora do evento consultou a Chefe da Biblioteca Central para parceria com o Departamento na realização do Secin, entretanto, a chefe da BC justificou que estavam com poucos funcionários.

## **6 VOZES DO GRUPO DE FOCO E DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA**

Esta seção foi criada para apresentarmos com melhor visibilidade os resultados acumulados por meio das técnicas de coleta de dados utilizados no decorrer da pesquisa, sendo elas: o Grupo de Foco e a entrevista semiestruturada, assim como a síntese dos dados coletados por meio das técnicas mencionadas.

Optamos pela transcrição literal das respostas dos sujeitos, tanto do grupo de foco, quanto da entrevista semiestruturada, e as frases recortadas tiveram a intenção de impossibilitar a identificação de cada coordenador entrevistado. O diálogo completo do grupo de foco se encontra no Apêndice I e a entrevista semiestruturada no Apêndice J.

Ressaltamos que as participantes foram as coordenadoras de cada edição do Secin. Contudo, lembramos que no Grupo de Foco quatro coordenadoras compareceram, a 5ª professora, apesar de ter confirmado presença não pôde estar presente por conta de uma cirurgia de emergência. Por este motivo, foi necessário a realização de uma entrevista semiestruturada com a coordenadora.

O grupo focal foi dividido em cinco itens principais: iniciativas pré-evento; iniciativas pós-evento; importância coletiva; importância pessoal, e as razões para o Departamento iniciar e continuar com a realização do Secin. A entrevista semiestruturada foi baseada nas divisões principais do Grupo de Foco, mas seu formato foi adaptado em forma de questões por se tratar de uma entrevista.

Os resultados do Grupo de Foco e da entrevista semiestruturada são apresentados utilizando a estrutura dos diálogos como ocorreram, para tanto os participantes serão denominados: Coordenador 1 (Coord.1), Coordenador 2 (Coord.2), Coordenador 3 (Coord.3), Coordenador 4 (Coord.4) e Coordenador 5 (Coord.5), para que suas identidades sejam preservadas.

Este Grupo de Foco aconteceu no dia 21 de dezembro de 2016 no Departamento de Ciência da Informação. Todo o processo foi gravado áudio e vídeo com o consentimento das coordenadoras que, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido a Declaração de responsabilidade da pesquisadora (Apêndice D). Durante o diálogo a pesquisadora apresentava alguns tópicos para que as coordenadoras discorressem sobre.

A entrevista semiestruturada ocorreu no dia 23 de dezembro de 2016 na casa da Coord.5. O processo seguiu o mesmo curso do Grupo de Foco, a

coordenadora compreendeu a necessidade de gravar a entrevista e também assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e a Declaração de responsabilidade da pesquisadora. O roteiro elencava as questões para que a coordenadora discorresse sobre o assunto. Para melhor compreensão, apresentamos nesta as falas das coordenadoras em itálico.

A temática e os objetivos dos eventos possibilitaram que percebessemos o foco e o momento histórico em que Departamento estava, principalmente com o desmembramento de seus eixos e/ou linhas de pesquisa. No ítem das iniciativas pré-evento, isto é, antes do evento pedimos que falassem sobre a estruturação da programação. Afirmaram que a maioria das decisões eram tomadas em reuniões, assim como a escolha do tema dos eventos, a estruturação da programação, os palestrantes e toda sua parte inicial. Também mandavam emails para saber quem tinha interesse em participar das comissões e assim elas eram definidas. Segundo relembra a Coord.2: *[...] definimos o tema central na reunião [...], aí fizemos consultas por e-mail para antecipar e chegamos na reunião e colocávamos por ordem de prioridade os nomes e chamávamos para ver quem aceitava [...].*

A Coord.1 lembra ainda que durante essa estruturação inicial do evento, quando mestrado já existia na UEL: *[...] a Maria Inês Tomaél coordenou a comissão científica, entregou as duas linhas pensou o tema e levou ao Departamento um rascunho inicial.* A Coord.3 evidencia o momento em que o evento passou a ter característica acadêmica: *[...] o 5º teve muito essa característica acadêmica, lembro que a Tomaél chamou toda a comissão, inclusive eu, e falou isso que a partir de então esse evento teria característica mais acadêmica por causa do Mestrado, que o Mestrado iria abraçar esse evento com o evento da pós-graduação.*

Podemos notar esse detalhe também na fala da Coord.2, quando ela discorre sobre o amadurecimento do evento e o foco do mesmo ser voltado mais para o profissional e não para o acadêmico: *[...] Quando o Secin foi retomado, foi no embalo da pós-graduação. [...] quando aconteceu o 2º Secin, já estávamos em outro momento no Departamento, o foco no mestrado.* A Coord.2 enfatiza que, apesar de ser mais voltado para a pesquisa acadêmica, o evento não exclui os profissionais, muito pelo contrário: *Temos tentado contemplar com os cursos, para os profissionais.*

Quanto a decisão da quantidade de dias, notamos que é um legado, um hábito ou talvez consenso que todos os eventos tenham a duração de até 3 dias, com a exceção da 4ª edição do Secin que teve o pré-evento, com a duração de um dia alguns meses antes do evento oficial. O Secin é o segundo maior e mais longo evento que o Departamento de CI realiza, até o momento foram realizadas seis edições desde 2001. Foi por intermédio dele e de outros eventos promovidos pelo Departamento que, por exemplo, foi possível a aprovação do Mestrado Acadêmico em Ciência da Informação da UEL em 2012.

As coordenadoras expuseram ainda a questão do financiamento, tanto internos, como externos e que, independente de receberem esse auxílio sempre conseguiam realizar os eventos, e enfatizaram que a Capes e a Fundação Araucária estão sempre apoiando, este foi um tópico em que os documentos dos dois eventos não permitiam informações suficientes, mas que no Grupo Focal e na entrevista as informações foram mais precisas. O Grupo de Foco apontou que 1ª e 6ª edição do Secin foram usados fundos da Fauel e a 2ª, 3ª 4ª e 5ª edição<sup>7</sup> utilizaram o Itedes na parte de gerenciamento. Na entrevista semiestruturada, a Coord.5 expôs que utilizavam, inicialmente, o fundo que a UEL tem por meio da Proex, o qual foi usado para que pudessem definir o local do evento, não entrando em detalhes se houveram ou não financiadores externos.

A UEL foi a sede de praticamente quase todas as edições do Secin. Foi possível visualizar também que o hotel Sumatra é um dos locais mais estimado pelo Departamento de CI. A Coord.1 relembra também sobre sua experiência quando recebeu a notícia pouco antes de um dos eventos acontecer de que o local programado não o receberia e teve que, imediatamente, procurar outro lugar: *[...] seria realizado do Blue Tree e eu fui surpreendida com uma informação de que não ia ser lá, eles tinham dívida.*

As palestras eram e são até hoje uma das principais preocupações dos eventos. Nomes importantes da área de CI eram e são convidados para prestigiar o evento e expor suas pesquisas. A formação das comissões (organizadora e científica) foram, até hoje, composta por docentes, alunos de graduação e do PPGCI, da Biblioteca Central e Setorial da UEL.

---

<sup>7</sup> Há divergência entre os documentos consultados e estas informações.

Assim como as palestras, a apresentação de trabalhos também são o foco de principal interesse do evento promovido pelo Departamento. Foi por meio destes trabalhos que pudemos contemplar os momentos de auge e de dificuldade do Secin. Assim como o ítem de autorias (AI e AM) que também propiciaram visualizarmos esse progresso do evento. O número de participantes foi o ponto que revelou os momentos de ápice do evento do Departamento e, possivelmente, do nosso país, assim como o momento de dificuldade e crise em que estamos vivenciando. Podemos notar, por exemplo, que a maioria dos participantes do último evento eram da região próxima à Londrina.

O Departamento sempre foi o responsável pela realização dos eventos, juntamente com o apoio de empresas e fundações que são, até os dias de hoje, parceiras. O Grupo de Foco, de maneira unânime, enfatizou o apoio do CNPQ e da Fundação Araucária em todas as edições dos eventos. Destacando assim, a frase da Coord.2: *Fazendo um retrospecto a Fundação Araucária e o CNPQ sempre estiveram dando apoio, financiando.* A Coord.1 salientou também que: *Todas as Edições do Secin tiveram apoio financeiro, mas em alguns foram mais fáceis de organizar e outros mais difíceis [...].*

A Coord.5 expôs também que uma das maiores preocupações era que os palestrantes fossem pessoas diferentes, mas que entendessem da área de CI, e que a estruturação do Secin, incluindo a edição com o pré-evento era decidido era em reuniões: *[...] resultado de uma longa gestação de decisões tomadas em reuniões de Departamento para a formação das comissões, para a estruturação do evento como um todo e decidiu-se em uma dessas reuniões que gostaríamos de ter envolvido o Departamento e a Biblioteca Central [...].* e que *[...] A escolha dos conferencistas foi feita pela comissão científica que se reunia separadamente do Departamento e nossa primeira preocupação era ter pessoas diferentes [...].* A Coord.2 lembra que, na época em que participou, apesar dos alunos ajudarem no evento, não participavam de reuniões onde as comissões e estruturação do evento eram montadas: *[...] nós estudantes, fomos convocados para uma questão mais operacional, que era bem assim, no dia do evento, então não participávamos das reuniões para definir programação*

Ao elencarmos o ponto do envolvimento do Departamento na organização, foi unânime a afirmação de que todos se envolviam, juntamente os alunos e em algumas edições, a Biblioteca Central teve uma atuação bem forte: *[...]*

*havia bastante envolvimento com a Profa. Vilma, os professores do Departamento e a Diretora da Biblioteca, houve também um envolvimento dos funcionários da Biblioteca Central, administrativo foi bem forte lá. A entrevista semiestruturada com a Coord.5 também enfatizou esse trabalho em conjunto: *Se envolveu como um todo, a Biblioteca Central também, fazíamos reunião com as comissões, contamos com a boa vontade de todos, foi o diferencial do sucesso do evento.**

Para divulgar os eventos as coordenadoras revelaram utilizar todos os meios que têm acesso e são disponíveis. Enviaram *email* para instituições de todo Brasil, divulgaram pelas redes sociais como o Facebook, colocaram cartazes e até os enviaram pelos Correios. Durante o Grupo de Foco, a Coord.4 explicou que fizeram uso das: *[...] redes pra divulgar e o pessoal da comunicação que fez o banner pra divulgar, foram essas formas de trabalhar a comunicação.* Além disso, o Departamento, juntamente com a Equipe de Comissão de Divulgação utilizam os meios que tinham para poder convidar todas as instituições do Brasil, assim como a Coord.5 na entrevista semiestruturada afirma: *[...] tínhamos acesso às tecnologias, mandávamos e-mails, alguns recebiam, outros não. Tínhamos folder, mandamos para todo o Brasil [...].*

No item das iniciativas do pós-eventos elencamos alguns tópicos e, sobre a disponibilização de trabalhos científicos as coordenadoras afirmaram que essa é uma atividade muito simples, e que logo após os trabalhos passarem pela avaliação dos pares e aprovados para apresentação, logo fazem os anais e disponibilizam os trabalhos em PDF, mas em relação a disponibilização de conferências e palestras, em algumas edições existe até a gravação desta apresentação e inclusive discutiram em reunião se seriam disponibilizadas, mas até agora, nada foi providenciado.

Sobre o registro da memória, a guarda e conservação de informações referentes ao evento, expuseram que ao término do evento são arquivados na “caixa arquivo” do Secin todos os documentos que foram gerados, e essa caixa é entregue ao coordenador da próxima edição do evento. Foi possível notar a fragilidade que há no Departamento quando tocamos nesse assunto. No Grupo de Foco, a Coord.2 revelou ainda o motivo da perda de algumas informações de uma das edições do Secin, quando elas foram transferidas para o site: *[...] foi feito em cima, não se fez o backup, ai perdeu todas as informações de comissão organizadora, não sei se no CD tinha, porque esse CD foi feito na “unha” com o*

*peçoal daqui do laboratório, a parte hipertextual eu fui procurar o pessoal do Labted só que eles não tinham muita infraestrutura e pessoal para fazer, ai ficamos lá conversando e nós montamos esse CD, só que ele não tem nada, multimídia e tal, ele é básico, não sei nem se tá lendo hoje em dia, você entra e consegue fazer o que: tem um link para os PDFs, ele faz uma conexão com os arquivos [...].*

Durante a entrevista semiestruturada, a Coord.5 corroborou com a afirmação da fragilidade dizendo: *As informações é claro que não foi feito um arquivo específico para isso dentro do Departamento, mas como estamos dentro de uma Universidade, esses documentos estão lá, de uma forma ou de outra tem de estar nos devidos órgãos. No Departamento ficou guardado, eu não sei para onde que foi, que fim levou se existe em algum canto ainda as palestras, o texto das palestras porque todos os palestrantes mandaram os textos. Ainda durante a entrevista, a Coord.5 também fala sobre os cadernos de resumos que foram disponibilizados aos participantes do evento, ressaltando que eles estavam prontos assim que o evento iniciou, mas sobre os registros das palestras e dos trabalhos completos do evento que deveriam ser feitos anais, e, infelizmente foram deixados para depois, revela que [...] acabamos não fazendo.*

No Grupo Focal a Coord.2 salienta que: *[...] ainda pecamos por não ter registros das palestras, não só em PDF, como um relator. Assim como, solicitar que os palestrantes encaminhem um texto sobre sua apresentação que serviria ainda para publicação: [...] eles poderiam mandar um texto, que norteará a fala e depois podemos publicar isso. No exterior eles fazem muito isso, aqui no Brasil já fui em alguns eventos que eles faziam, que era ter um artigo, num cerimonial de abertura. Algum material desse tipo, poderíamos pensar para publicar na Revista depois, e ainda também os slides. Trabalhar as duas questões. Ainda teria uma comissão responsável pela relatoria, [...], mas pedir esse texto e ter um relato com o que foi perguntado, com os debates. A gente peca em não ter essa memória.*

As coordenadoras ainda falaram sobre a importância coletiva do Secin, que sua realização proporciona inúmeros benefícios aos alunos, docentes, profissionais e interessados na área de CI, propicia a troca de informações e a interação entre esse público de interesse em comum, além de possibilitar que os alunos se interessem por vários temas, aguça a curiosidade, conheça as linhas e os grupos de pesquisa, assim como a oportunidade de conhecer pesquisadores de renome da área de CI. Salientaram ainda que o evento tem uma ótima repercussão

na comunidade científica, que inclusive são questionados quando a próxima edição acontecerá. Quanto a avaliação posterior, as coordenadoras disseram que toda vez que fizeram (mesmo sendo interna) o retorno foi positivo, sempre alcançaram os objetivos propostos no evento, assim como na qualidade do evento com as palestras, trabalhos apresentados e cursos ministrados. Ressaltam a necessidade que o Departamento tem em dar continuidade a este evento, para as comunidades de profissionais, docentes e alunos, para as conquistas do Departamento, como o futuro doutorado e a rica contribuição para a área de CI.

A Coord.2 expõe importância coletiva, pois: *Dá uma oxigenada nos profissionais e os atualiza. [...] Então eu acho que convêm esses eventos [...]. Para o pessoal conhecer qual direção a área está indo e tal. Para os estudantes [...] ter o contato ali com os pesquisadores que para eles às vezes eram tão distante né [...]. E também o contato com estudantes de outras universidades e estados, [...], veio gente, no 3º Secin de Alagoas, teve gente do Nordeste vindo, aí eles trocam informações, da formação, da grade curricular, das experiências e estágios, acho que é bem benéfico nesse sentido do intercâmbio, das trocas de informações.* A Coord.3 concorda com as outras coordenadoras e ainda evidencia a importância dessa troca de informações para os professores do Departamento: *[...] Às vezes a gente conhece alguém que [...], com a oxigenada no profissional, o Departamento também se envolve com isso e ele consegue fazer contatos, para o Departamento é muito bom, trazer gente para ver a sua casa é sempre bom. [...].* Cita também a presença de pessoas que são assíduas no Secin, como o Luis Fernando Sayão e a Silvana Vidotti.

A Coord.4 durante o Grupo Focal também enfatizou a importância desse evento, pois desperta: *[...] nos estudantes que ainda estão em fase de TCC, para pesquisar, entrar em grupos de pesquisa, aprofundar o conhecimento em alguma coisa ou descobrir algo novo, conhecer o que está sendo publicado, as temáticas de pesquisa, conhecer as pessoas que eles leem, por exemplo: traz essa proximidade maior para o estudante da ciência, de ver ela funcionando e acontecendo, é um dos benefícios. Traz visibilidade para o Departamento e para a área do conhecimento.* Na entrevista semiestruturada, a Coord.5 elencou também que um dos benefícios para a comunidade científica é o conhecimento adquirido, afirmando que isso é: *[...] tanto em termos do evento em si, como do conteúdo discutidos no evento.*

No item de importância pessoal, as coordenadoras expuseram suas experiências, teve pontos positivos, como aprender a lidar e a negociar com empresários, a compreender o funcionamento da UEL, seu fluxograma, mas também enfrentaram algumas dificuldades. Em uma das falas, uma coordenadora expõe que precisam do auxílio de outras divisões da Reitoria e acabam ficando de mãos atadas em circunstâncias. Dependendo da gestão também são recebidos de maneira contrária ao que deveria ser e que também, por ser a coordenadora do evento acabam ficando ansiosas e assumem responsabilidades que outra pessoa/comissão deveria dar conta.

A Coord.4 expôs os pontos positivos de sua administração do evento: *[...] aprendi bastante e no fim das contas eu gostei.* Ressalta também que, mesmo com muita ansiedade e expectativa de como seria coordenar, afirma: *[...] recebi muito apoio das pessoas que já organizaram e pedia muita orientação. Talvez se eu não tivesse esse auxílio, eu talvez não teria conseguido fazer todo o evento dar certo como ele deu.* A Coord.2 enfatiza que, com o passar do tempo e com essa experiência: *[...] A gente vai sabendo pelo menos por onde buscar as primeiras orientações.* A Coord.3 expõe sua experiência ao negociar com empresários e afirma que: *[...] essa experiência de fazer fora e de ter esse contato com as pessoas foi uma época de muito aprendizado para mim, porque eu não sabia.*

A Coord.5 discorreu sobre sua experiência como coordenadora do evento, elencando os pontos positivos e as dificuldades que teve antes, durante e no final, ressaltou que independente do tamanho do evento, ele dá muito trabalho, pois tem uma série de decisões que precisam ser tomadas em diversas áreas do evento. Porém, só tem lembranças boas de ser coordenadora e que não lembra nada negativo e lamenta ter deixado para decidir a questão dos anais depois, pois acabaram não fazendo. Relembra sua ótima experiência quando diz: *[...] tínhamos que dar um jeito de fazer a coisa acontecer, desde um simples café [...], até buscar alguém no aeroporto. A vinda de profissionais. As coisas que fazem o evento tanto ser pequeno como ser grande. Tenho apenas lembranças boas de ser coordenadora do Secin, foi maravilhoso.*

As coordenadoras revelaram ainda algumas dificuldades que enfrentaram durante sua coordenação. No Grupo Focal, a Coord.4 faz uma avaliação de sua administração quanto às dificuldades: *[...] numa avaliação minha como coordenadora, eu queria deixar o pessoal mais livre e isso talvez trouxe alguns*

*problemas, porque eu não conseguia ficar cobrando, não consigo ficar delegando e isso me sobrecarregava muito, eu deveria ter deixado bem claro o que cada um tem que fazer, cada comissão, talvez tenha sido algo que pecou, apesar de eu ter mandado o que cada comissão deve fazer [...].* Enfatiza que em outro Secin faria várias coisas diferentes, como uma autocrítica seria essa: *[...] não organização para organizar as comissões, deixando bem claro o que ele tem que fazer e dar prazos, flexibilizar demais pode atrapalhar, embora você queira que o negócio flua. No meu caso, isso foi um ponto negativo para o evento né. Enfim, acho que de maneira geral trabalhar com as pessoas e tentar entender e respeitar cada característica, suas condições, é uma coisa que você tem que ter bem centrada e entender que nem todo mundo tem que ser igual a você ou tem que ser igual àquele que faz tudo certinho e tudo mais. Isso é uma coisa que para um evento grande, a gente tem que pensar. [...].* Destaca também que fez poucas reuniões com as comissões: *[...] no começo eu fazia mais, mas fiz poucas. Foi algo falho também.* A Coord.1 aponta ainda que: *[...] Outro agravante é que somos uma equipe pequena.*

A Coord.2 também elenca que para dar continuidade em um evento, não é apenas do próprio Departamento que dependemos, vai muito além, sendo necessária a compreensão de um processo: *[...] temos que lidar com uma estrutura muito maior que o Departamento, para a realização de evento que vai e extrapola o CECA, vai para as pró-reitorias [...].* E que por ser a coordenadora do evento, a responsabilidade acaba agravando a ansiedade e relata: *[...] eu tento não ser centralizadora, mas eu vou ficando ansiosa com, às vezes as coisas não estão acontecendo e acabo assumindo, é uma característica que quem está lá com a cara a tapa e tem que resolver né, tentava não passar muito por cima, mas ao mesmo tempo eu centralizei algumas coisas também e poderia ter sido mais relax, eu dava os prazos, mas é aquela questão “coordenação”, ai você chama a responsabilidade.*

A Coord.1 expõe além de uma dificuldade, uma crítica, pois como já mencionado, a realização de um evento não depende exclusivamente do próprio Departamento: *Outra dificuldade que a gente enfrenta é que na mudança de Reitoria, muda tudo, às vezes é bem recebido lá e às vezes é mal recebido lá. E a gente precisa daqueles setores e a gente tem que ficar, a palavra é essa, é forte, mas é verdade, esmolando favores, sendo que seria função do setor. Conforme muda a Reitoria, não deveria alterar isso. E eles não têm a visão da importância deles para a gente. [...].* Pois era setores que *[...] deveriam estar totalmente*

*disponíveis para nós, não estão mais, estão até enxutos e dificulta. Fora a burocracia, o que dificulta é essa coisa da gente poder contar pela metade, com as divisões que deveriam estar totalmente assim, mais disponíveis para isso. [...]. A gente depende de outros setores que ficam totalmente fora da alçada do Departamento, essa é uma dificuldade grande, na minha percepção é a maior, porque dinheiro a gente dá um jeito, ou aparece em cima da hora, mas essa questão estrutural, mesmo entrando a Fauel ou Itedes, a gente depende dessa estrutura.*

Por fim discorreram sobre as razões para o Departamento iniciar e continuar com a realização do Secin e enfatizam que criaram essa tradição do evento, que a cada ano ele fica melhor e com mais qualidade. Que a comunidade científica fica ansiosa para a próxima edição, que o Secin é o maior evento da região (PR) e expõem que os eventos ajudaram no desenvolvimento do Departamento e que hoje o Secin está vinculado ao Mestrado e já pensam na instalação do Doutorado, em suma os eventos são pontes para o progresso da área e do Departamento.

Há inúmeras razões para o evento continuar existindo, pois propicia o encontro de profissionais, estudantes e pesquisadores, assim como a interação e troca de informações, atualização da pesquisa. A Coord.2 ressalta que o Departamento criou uma tradição com este evento e que tem a: [...] *expectativa do pessoal estar dando continuidade no Secin, porque o pessoal pergunta se vai ter, então assim, a gente criou essa tradição e agora por ter esse vínculo grande com o programa de Mestrado é algo que a gente tem que preservar e continuar.* A Coord.1 salienta também que uma das inúmeras razões para dar continuidade ao evento é que o Departamento tem que pensar no doutorado. Assim como a Coord.2 afirma, o evento: *Tem essa ligação com o mestrado agora e projeção para um futuro doutorado, a expectativa da comunidade científica profissional, estudantes, tem também a questão que na região do Paraná (PR) é o maior evento na nossa área.* A Coord.3 corrobora dizendo: [...] *É um evento científico que está ganhando qualidade, cada vez mais né, cada ano ele fica com a qualidade maior, dos palestrantes, dos trabalhos. É um evento tradicional do Departamento e tem que continuar.* A Coord.2 ressalta e compara que Marília também faz eventos: [...] *mas é bem por linha de pesquisa né, o nosso vai esbarrar nas nossas linhas, mas acaba abrangendo vários. E a gente faz convite para a gente de fora, lá não, são apresentações da própria linha, bem mais endógeno. O nosso acaba tendo uma questão nacional, embora*

*seja mais local de participação, teve uma ampliação no sexto, e quem sabe né, não tem mais participação.*

Durante a entrevista semiestruturada, a Coord.5, de maneira retílinea, afirmou que atualmente é muito mais fácil promover eventos, principalmente por conta dos recursos, apoios e do PPGCI. Também por conta dos eventos, juntamente com o esforço dos alunos e dos docentes que conquistamos o Mestrado e lutamos para implantar o Doutorado. Por isso é que o Departamento deve continuar com todos os recursos que puder e que possam contribuir com o crescimento da área de CI externa e internamente: [...] *O esforço dos alunos e professores que vai fazer com que nosso programa de Pós consiga implantar o Doutorado, e assim fortalecer ainda mais nosso Programa, e é por meio disso que consegue essas coisas. O Departamento tem que continuar com tudo que venha a contribuir com o crescimento da área e do Departamento.* A Coord.5 ainda enfatiza como os eventos contribuem com o progresso do Departamento de CI e não se esquece de dar os créditos a todos que por lá estavam: [...] *Se formos ver o Departamento hoje, sabemos que esse evento deu uma boa contribuição para sua visibilidade e crescimento, assim como os outros eventos que dão sua contribuição e cada pessoa lá dentro, aluno, professor, funcionário, por isso temos um curso que está avançando como outros bons cursos brasileiros.*

Diante do que foi apresentado, é notável que o Grupo de Foco e a entrevista semiestruturada revelaram informações cruciais para a memória do Departamento de Ciência da Informação que não se encontravam nos documentos, principalmente por conta de sua natureza pessoal. As docentes entrevistadas focando o registro e a preservação da memória, deram ideias como a criação de um canal dos eventos, um banco de dados digital e central para os documentos dos eventos promovidos pelo Departamento de CI e ainda a presença do relator (que infelizmente foi descartada a ideia em uma das edições do evento por questões dos custos).

A partir dos relatos notamos que as coordenadoras concordaram em praticamente tudo, e apesar da Coord.5 necessitar de outra técnica para a coleta de dados, as informações não ficaram truncadas, ainda acrescentaram e se complementaram.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aqui apresentamos as constatações feitas a partir da coleta de dados dos documentos de dois eventos do Departamento de Ciência da Informação, assim como do Grupo de Foco e da entrevista semiestruturada de acordo com os objetivos estabelecidos para este estudo. Após a análise dos dados coletados, há a apresentação de algumas inferências com relação às dificuldades encontradas no decorrer da pesquisa, assim como algumas sugestões para a guarda e recuperação dos arquivos do referido Departamento.

Discorrer sobre a memória do Departamento de Ciência da Informação é também expor o caminho que foi percorrido por ele, compreender a tomada de decisão, conhecer as conquistas e as adaptações que permeiam aquele ambiente. É necessário que essa documentação esteja disponível para acesso, possibilitando assim que a instituição continue destacando seus valores, cumprindo sua missão e alcançando diariamente seus objetivos.

Podemos afirmar que o objetivo da pesquisa foi alcançado, mas não em sua totalidade, pois como mencionado, algumas informações não foram encontradas na aplicação da pesquisa documental. Com o Grupo de Foco e a entrevista semiestruturada obtivemos informações válidas, mas que em algumas situações não preenchem as lacunas da pesquisa documental.

Contudo, conseguimos resgatar uma boa parcela da memória do Departamento de Ciência da Informação da UEL a partir do ano de 1976 até 2016 por meio do Encontro Londrinense de Biblioteconomia e Documentação e do Secin, assim como descrever cada evento, fazer a categorização, verificar como é realizada a guarda, organização e preservação dos documentos que o Departamento promove e destacar a importância da MI a partir da guarda desses documentos.

A pesquisa documental proporcionou que traçássemos uma linha da trajetória do Departamento e o Grupo de Foco e a entrevista semiestruturada garantiram informações do segundo evento de valor inestimável, pois essas não estavam descritas nos documentos por sua natureza pessoal.

A seção de Vozes nos Documentos e Vozes do Grupo Focal e da entrevista semiestruturada também contribuíram para apresentar uma visão mais ampla dos eventos, da sua estrutura (antes, durante e depois) da sua organização e

dos seus componentes, e principalmente da sua importância para a comunidade, seja ela de profissionais, docentes ou alunos. A pesquisa ainda explicitou o aprendizado e as dificuldades durante a organização do evento.

A questão que norteou a pesquisa, isto é, de que maneira o Departamento de Ciência da Informação do Departamento de Biblioteconomia (posteriormente Ciência da Informação) da Universidade Estadual de Londrina (UEL) apresenta-se por meio dos eventos científicos que promove: Encontro Londrinense de Biblioteconomia e Documentação e o Seminário em Ciência da Informação (Secin)?

Ela possibilitou que percebessemos as discussões teóricas do Departamento e seu progresso, que é notável desde a organização das temáticas, no Encontro Londrinense de Biblioteconomia e Documentação, quando ele era predominantemente voltado para questões da Biblioteconomia e biblioteca, sendo que o Secin já encontra o Departamento se “abrindo” para discussões mais amplas propostas pela CI.

É possível notar ainda que no Encontro Londrinense de Biblioteconomia e Documentação não haviam apresentações de trabalhos, assim como a inexistência de eixos/linhas de pesquisa; isto pode ser explicado pela existência de poucos projetos de pesquisa no Departamento. Enquanto que no Secin, com o passar das edições, a quantidade de trabalhos recebidos aumentou.

Essa evolução, tendeu e ainda tende a contribuir com o Departamento e para a área de CI no Brasil, alguns exemplos são a internacionalização de palestrantes a partir da 5ª edição do Secin, a diversificação de instituições que participaram do evento e o detalhamento nos certificados. Certificados estes que foram utilizados amplamente na pesquisa documental para esta dissertação.

Diante do que foi apresentado, expomos aqui uma sugestão prática, que foi inclusive mencionada no Grupo de Foco: o banco de dado digital onde será possível se ter acesso a documentação completa, até mesmo fora da Instituição. É uma maneira prática de manter não só a memória dos eventos, mas também do Departamento de Ciência da Informação, do CECA e dos centros, conforme foi sugerido na Ata 414 de 06/10/2014 por meio da guarda/armazenamento e preservação dessas informações.

Outro ponto que sentimos a necessidade em destacar é a ausência do relator e/ou observador durante os eventos. Assim como foi citado no diálogo do Grupo de Foco e na entrevista semiestruturada, a presença deste indivíduo é muito importante, pois registraria as perguntas e respostas das palestras e debates. Por fim, faria a leitura formal ao público e posteriormente uma comissão de relatoria, se assim podemos chamar, elaborariam um importante documento para a memória do evento, do Departamento e da área de CI.

Para esta adversidade, como foi explicitado durante a coleta de informações que o Departamento, infelizmente, não tem condições financeiras de contratar um relator para os eventos que promove, recomendamos que a coordenação do evento, durante as reuniões, eleja um docente que se responsabilize em fazer o registro de evento, a fim de preservar essa memória.

Explicitamos ainda a necessidade de no *site* do evento serem inseridas todas as informações técnicas como as comissões de apoio, organizadora, científica, entre outros dados, pois infelizmente, como já mencionado, algumas informações não foram encontradas nos documentos oficiais.

Por esse motivo, sentimos a necessidade de sugerir a criação de um template para a Ata de Evento com as categorias que elencamos previamente no formulário de coleta de dados, sendo elas: temas, objetivos, data/duração e o local de realização do evento. Posteriormente, preencher um relatório Pós-Evento com informações referente aos: palestrantes, integrantes de todas as comissões, trabalhos que foram apresentados, quantificação da autoria individual e múltipla, número de participantes, cidades e estados dos participantes, agência financiadora e a realização do evento, além dos apoios recebidos. Reforçamos que o intuito é complementar, centralizar e formalizar as informações a respeito dos eventos promovidos pelo Departamento, não se restringindo ao Secin.

Acreditamos que é necessário evidenciar que algumas destas sugestões foram feitas pelas coordenadoras durante o Grupo de Foco, a entrevista semiestruturada e na defesa desta dissertação. Isto comprova que o corpo docente do Departamento tem consciência de quão vulneráveis estão os documentos armazenados na “caixa arquivo”. Portanto, reconhecem a necessidade de uma alternativa mais eficaz e segura para a guarda desses documentos e principalmente de seu conteúdo informacional.

Comparando com que consta no início deste trabalho o conceito de Seminário e sua estrutura, é notável que o Secin se assemelha com as definições, mas não corresponde totalmente com o que é apresentado, pois, como afirmamos na seção 3, este evento é dividido em 3 fases, sendo que a terceira não é realizada no Secin: a primeira é a exposição do orador, a segunda é a discussão com o público que pode ou não ter o mesmo nível de especialização do apresentador e a conclusão, está última o coordenador/moderador reúne as principais opiniões, propondo a aprovação do grupo suas recomendações finais para o seminário

Por fim, é necessário também o relato da dificuldade que se enfrenta no momento de coletar os dados nos documentos, porque alguns registros estavam dispersos (alocados em salas diferentes) e outros documentos encontravam-se incompletos. A pesquisadora teve em mãos a caixa citada no Grupo de Foco, que “passa de mão em mão” a cada ano para a nova coordenadora que deve “alimentá-la” com os documentos do Secin assim que iniciar e finalizar o novo evento. Porém, constatamos que naquele “arquivo” não estavam os documentos oficiais de todas as edições do evento supracitado e, por coincidência, uma das coordenadoras possuía alguns documentos (folders, prospectos, CDs, entre outros).

Entretanto, não são apenas situações de reveses que marcam uma pesquisa, a disponibilidade de cada coordenadora ao comparecer no momento solicitado, o suporte do secretário do Departamento de Informação, a ajuda de docentes aposentados para confirmar algumas datas por meio das atas e outros documentos do Departamento foram de grande valia para a realização deste trabalho.

Esperamos que essa pesquisa, mesmo com uma *parte ínfima de vestígios*, incite e fomente pesquisadores e estudantes a seguirem com o tema Memória Institucional, que contribua para o crescimento da Ciência da Informação e seja valorosa para o Programa de Pós-graduação da Universidade Estadual de Londrina. Pois, ao valorizarmos os documentos históricos do Departamento não estaremos apenas colaborando com a memória dos cursos de Arquivologia e Biblioteconomia da UEL, se pensarmos no coletivo, estaremos contribuindo com a história da CI brasileira.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Hanna Talita Gonçalves Pereira de. **A elaboração coletiva da memória: narrativas e lembranças de uma quarta série.** 2007. 53 fls. Monografia (Graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.
- ARQUIVO NACIONAL (BRASIL). **Dicionário brasileiro de terminologia arquivística.** Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.
- ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Revista de Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.11, n.21, p. 9-34, 1998. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2061>>. Acesso em: 10 maio 2017.
- BACKES, Dirce Stein et al. Grupo focal como técnica de coleta e análise de dados em pesquisas qualitativas. **Revista Mundo da Saúde**, São Paulo, v. 35, n. 4, p. 438-442, 2011. Disponível em: <[http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/artigos/grupo\\_focal\\_como\\_tecnica\\_coleta\\_analise\\_dados\\_pesquisa\\_qualitativa.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/artigos/grupo_focal_como_tecnica_coleta_analise_dados_pesquisa_qualitativa.pdf)>. Acesso em: 07 ago. 2016.
- BALCELLS, Jaime Pujol; MARTIN, José Luís Fons. **Os métodos no ensino universitário.** Lisboa: Livros Horizonte, 1985.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1977.
- BARRETO, Aldo de Albuquerque. A questão da informação. **Revista São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 8, n. 4, 1994.
- BARROS, Daniela Martí. **A memória.** 2004. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/reportagens/memoria/15.shtml>>. Acesso em: 07 nov. 2015.
- BARTALO, Linete et al. Contribuição das antigas faculdades de Londrina na implantação da Universidade Estadual de Londrina. In: ENCONTRO CATARINENSE DE ARQUIVOS, 9., 2000, Blumenau. **Anais...** Florianópolis: Gerência do Arquivo Público de Santa Catarina, 2000. p. 47-60. Disponível em: <<http://oaji.net/articles/2015/2526-1450539276.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2017.
- BELLOTTO, Heloisa Liberalli. **Arquivos: estudos e reflexões.** Belo horizonte: Editora UFMG, 2014.
- BERGSON, Henri. **Matéria e Memória:** ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BRUNO NETO, Rafael. **Neuropsicologia: o desenvolvimento da consciência, aprendizagem e transtornos.** 2005. Disponível em: <<http://dfs.vwi.com.br/publicacao/download/id/1825>>. Acesso em: 06 jun. 2016.
- CAMPELLO, Bernadete Santos; CENDÓN, Beatriz Valadares; KREMER, Jeannette Marguerite. **Fonte de informação para pesquisadores e profissionais.** Belo Horizonte: UFMG, 2003.

CARDOSO, Sílvia Helena. **Memória**: o que é. 2010. Disponível em: <<http://www.cerebromente.org.br/n01/memo/memoria.htm>>. Acesso em: 07 nov. 2015.

CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, J. et al. **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis, Vozes, 2008.

CENTRO UNIVERSITÁRIO CARIOCA. **Manual da solenidade oficial de colação de grau**. 2014. Disponível em: <<http://www.unicarioca.edu.br/sites/default/files/files/manual-colacaodegrau%202014%20PDF%20.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2017.

DAVENPORT, Thomas H.; PRUSAK, Laurence. **Conhecimento empresarial**: como as organizações gerenciam o seu capital intelectual. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003. 237p.

DI CHIARA, Ivone GUERREIRO. Grupo de foco. In: VALENTIM, Marta Lúcia Pomim (Org.). **Métodos qualitativos de pesquisa em Ciência da Informação**. São Paulo: Polis, 2005. p. 101-118.

DODEBEI, Vera. Informação, memória, conhecimento: convergência de campos conceituais. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 10., 2010. **Anais...** Rio de Janeiro: UFRJ, 2010a.

\_\_\_\_\_. Memória e informação: interações no campo da pesquisa. In: MARANON, Eduardo Ismael Murguia (Org.). **Memória**: um lugar de diálogo para arquivos, bibliotecas e museus. São Carlos: Compacta Gráfica e Editora, 2010b. p. 59-78.

DUARTE, Vânia Maria do Nascimento. **O Seminário** - o que é e como realizá-lo? 2016. Disponível em: <<http://brasilecola.uol.com.br/redacao/o-seminarioque-e-como-realizarlo.htm>>. Acesso em: 07 ago. 2016.

FACHIN, Odília. **Fundamentos de metodologia**. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 2006.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolf. (Orgs.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

\_\_\_\_\_. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

GONZÁLEZ REY, Fernando. **Pesquisa qualitativa em psicologia**: caminhos e desafio. São Paulo: Cengage Learning, 2002.

GUI, Roque Tadeu. Grupo focal em pesquisa qualitativa aplicada: intersubjetividade e construção de sentido. **Revista Psicologia**: Organizações e Trabalho, Florianópolis, v. 3, n. 1, p. 135-159, jan. 2003. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/rpot/article/view/7071>>. Acesso em: 07 ago. 2016.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.

INDOLFO, Ana Celeste. Gestão de documentos: uma renovação epistemológica no universo da Arquivologia. **Arquivística.net**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, 2007. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/download.php?dd0=3553>>. Acesso em: 08 maio 2014.

JARDIM, José Maria. A invenção da memória nos arquivos públicos. **Revista Ciência da Informação**, Brasília, v. 25, n. 2, 1995. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/viewFile/439/397>>. Acesso em: 03 mar. 2016.

LACERDA, Aureliana Lopes de et al. A importância dos eventos científicos na formação acadêmica: estudantes de biblioteconomia. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 130-144, mar. 2008.

LASPISA, David Frederick. **A influência do conhecimento individual na memória organizacional**: estudo de caso em um call center. Florianópolis: UFSC, 2007. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

LAUDON, Kenneth C.; LAUDON, Jane P. **Sistemas de informação gerenciais**: administrando a empresa digital. 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2004. 562p.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5. ed. Campinas: UNICAMP, 1992.

LERVOLINO, Solange Abrocesi; PELICIONI, Maria Cecília Focesi. A utilização do grupo focal como metodologia qualitativa na promoção da saúde. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 115-121, jun. 2001. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0080-62342001000200004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342001000200004&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 07 ago. 2016.

LODOLINI, Elio. **Archivistica**: principi e problemi. Milano: Franco Angeli Libri, 1990.

LOPES, Edna Batistella. **Metodologia**. 2011. Disponível em: <[http://www.emater.pr.gov.br/arquivos/File/Biblioteca\\_Virtual/Publicacoes\\_Tecnicas/Metodologia/Diferencas\\_Tipos\\_Eventos.pdf](http://www.emater.pr.gov.br/arquivos/File/Biblioteca_Virtual/Publicacoes_Tecnicas/Metodologia/Diferencas_Tipos_Eventos.pdf)>. Acesso em: 07 ago. 2016.

LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. **Revista Projeto História**, São Paulo, n. 17, p. 63-201, nov. 1998.

MEIRA, Glenda Hilnara Feliciano; SILVA, Williany Miranda da. Seminário acadêmico, mais que um gênero: um evento comunicativo. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA, 1., 2013, Uberlândia. **Anais...** Uberlândia: EDUFU, 2013. p. 1-14.

MENEZES, Edna Matsunaga de. **Estruturação da memória organizacional de uma instituição em iminência de evasão de especialistas**: um estudo de caso na COHAB. 129f. Brasília: UCB, 2006. Dissertação (Mestrado em Informática) – Programa de Pós-Graduação em Gestão do Conhecimento e Tecnologia da Informação – Universidade Católica de Brasília (UCB), 2006.

MERLO, Franciele; KONRAD, Glaucia Vieira Ramos. Documento, história e memória: a importância da preservação do patrimônio documental para o acesso à

informação. **Informação & Informação**, Londrina, v. 20, n. 1, p. 26-42, mar. 2015. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/18705>>. Acesso em: 03 mar. 2016.

MICHAELIS MODERNO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA. São Paulo: Melhoramentos, 2009. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em: 03 mar. 2016.

MOLINA, Letícia Gorri; VALENTIM, Marta Lígia Pomim. Memória organizacional, memória corporativa e memória institucional: discussões conceituais e terminológicas. **Revista EDICIC**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 262-276, fev./mar. 2011. Disponível em: <<http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/115215/ISSN2236-5753-2011-01-n.1-262-276.pdf?sequence=1&isAllowed=y> >. Acesso em: 03 mar. 2016.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

MULLER, Mary Stela et al. Curso de Arquivologia da UEL: consolidação de uma parceria. **Informação & Informação**, Londrina, v. 2, n. 1, p. 45-66, jul. 1997. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/1606>>. Acesso em: 30 nov. 2016.

MÜLLER, Mary Stela. **Gerenciamento acadêmico**: um processo de mudança no ensino da Biblioteconomia. Londrina: Editora UEL, 1998. 200p.

MURGUIA, Eduardo Ismael. Apresentação. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Memória**: um lugar de diálogo para arquivos, bibliotecas e museus. São Carlos: Compacta, 2010a. p. 7-9.

\_\_\_\_\_. A memória e sua relação com arquivos, bibliotecas e museus. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Memória**: um lugar de diálogo para arquivos, bibliotecas e museus. São Carlos: Compacta Gráfica e Editora, 2010b. p. 11-32.

NEVES, Naísa. **Conheça as diferenças entre os tipos de eventos antes de iniciar a organização**. 2017. Disponível em: <[http://www.manager.com.br/reportagem/reportagem.php?id\\_reportagem=403](http://www.manager.com.br/reportagem/reportagem.php?id_reportagem=403)>. Acesso em: 10 jan. 2017.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

OLVEIRA, Maria Marly. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis: Vozes, 2007.

PAVAN, Mayra Gabriella de Rezende. **Seminário**. 2017. Disponível em: <<http://alunosonline.uol.com.br/portugues/seminario.html>>. Acesso em: 10 mar. 2017.

PEREIRA, Fernanda Cheiran. **Arquivos, memória e justiça**: gestão documental e preservação de acervos judiciais no Rio Grande do Sul. 2011. 173 fls. Trabalho de

Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/2278>>. Acesso em: 07 nov. 2015.

RIBEIRO, Leila Beatriz. Memória: um lugar de diálogo para arquivos, bibliotecas e museus. In: MURGUÍA, Eduardo Ismael (Org.). **Memória: um lugar de diálogo para arquivos, bibliotecas e museus**. São Carlos: Compacta, 2010. p. 33-44.

RICHTER, Eneida Izabel Schirmer; GARCIA, Olga Maria Correa; PENNA, Elenita Freitas. **Introdução à arquivologia**. 2. ed. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2004.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. São Paulo: Unicamp, 2007.

ROSSI, Paolo. **O passado, a memória, o esquecimento**. São Paulo: UNESP, 2010.

RUEDA, Valéria Matias da Silva.; FREITAS, Aline de; VALLS, Valéria Martin. Memória institucional: uma revisão de literatura. **CRB-8 Digital**, São Paulo, v.4, n.1, p. 78-89, abr.2011. Disponível em: <<http://revista.crb8.org.br/index.php/crb8digital/article/view/62>>. Acesso em 06 jun. 2016.

SANTOS, Izequias Estevam dos. **Manual de métodos e técnicas de pesquisa científica**. 5. ed. Niterói: Impetus, 2005.

SANTOS, Myrian Sepúlveda. **Memória coletiva e teoria social**. São Paulo: Annablume, 2003.

SILVA, Andressa Hennig; FOSSÁ, Maria Ivete Trevisan. Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. **Qualitas Revista Eletrônica**, Campina Grande, v. 17, n. 1, p. 1-14, 2015. Disponível em: <<http://revista.uepb.edu.br/index.php/qualitas/article/view/2113/1403>>. Acesso em: 17 ago. 2016.

SILVA, Beatriz Aita da. **Gestão e preservação da informação**: apostila da disciplina de Gestão e preservação da informação do curso de Especialização Gestão em Arquivos. Santa Maria: UFSM, 2010.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4. ed. Florianópolis: UFSC, 2005. Disponível em: <[http://tccbiblio.paginas.ufsc.br/files/2010/09/024\\_Metodologia\\_de\\_pesquisa\\_e\\_elaboracao\\_de\\_teses\\_e\\_dissertacoes1.pdf](http://tccbiblio.paginas.ufsc.br/files/2010/09/024_Metodologia_de_pesquisa_e_elaboracao_de_teses_e_dissertacoes1.pdf)>. Acesso em: 07 nov. 2015.

SILVA, Vera Lúcia Pereira da. **Memorial do curso de biblioteconomia da Universidade Estadual de Londrina**. Universidade Estadual de Londrina: Londrina, 1994.

SIMIÃO, Hugo Eduardo. **Memória organizacional**. 2009. Disponível em: <[www.batebyte.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=1716](http://www.batebyte.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=1716)>. Acesso em: 03 mar. 2016.

TARGINO, Maria das Graças; NEYRA, Osvaldo Nilo Balmaseda. Ciência, divulgação científica e eventos técnico-científicos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 29., 2006, Brasília. **Anais...** Brasília, UnB, 2006. p. 1-16.

THIESEN, Icléia. A informação no Oitocentos, Rio de Janeiro, Império do Brasil: notas à memória institucional. **Morpheus**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 9, p. 1-14, 2006.

\_\_\_\_\_. **Memória Institucional**. João Pessoa: UFPB, 2013.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

UNESCO. **A memória do mundo na era digital: digitalização e preservação**. 2012. Disponível em: <[http://www.unesco.org/new/fileadmin/MULTIMEDIA/HQ/CI/CI/images/mow/unesco\\_abc\\_vancouver\\_declaration\\_pt.pdf](http://www.unesco.org/new/fileadmin/MULTIMEDIA/HQ/CI/CI/images/mow/unesco_abc_vancouver_declaration_pt.pdf)>. Acesso em: 09 jan. 2017.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS. **Normas para a cerimônia de outorga de grau**. Minas Gerais. 2012. Disponível em: <[http://www.uemg.br/arquivos/2012/pdf/Normas\\_Cerimonia\\_Outorga\\_Grau.pdf](http://www.uemg.br/arquivos/2012/pdf/Normas_Cerimonia_Outorga_Grau.pdf)>. Acesso em: 10 jan. 2017.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. **Eventos acadêmicos e científicos**. Campinas, 2017. Disponível em: <[http://www.reitoria.unicamp.br/manualdeeventos/eventos/protoeventos\\_cientificos.shtml](http://www.reitoria.unicamp.br/manualdeeventos/eventos/protoeventos_cientificos.shtml)>. Acesso em: 10 jan. 2017.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA. **Arquivologia**. Londrina, 2016a. <<http://www.uel.br/prograd/catalogo-cursos/catalogo/Cursos/arq.htm>>. Acesso em: 30 nov. 2016.

\_\_\_\_\_. **Breve histórico da UEL**. Londrina, 2010. Disponível em: <[http://www.uel.br/proplan/plano\\_diretor\\_2010\\_2015/texto\\_numerado\\_Plano\\_Diretor.pdf](http://www.uel.br/proplan/plano_diretor_2010_2015/texto_numerado_Plano_Diretor.pdf)>. Acesso em: 30 nov. 2016.

\_\_\_\_\_. Departamento de Ciência da Informação. **Ata 1 da reunião realizada no dia 10 de março de 1973**. Londrina, 1973.

\_\_\_\_\_. Departamento de Ciência da Informação. **Ata 14 da reunião realizada no dia 27 de abril de 1974**. Londrina, 1974.

\_\_\_\_\_. Departamento de Ciência da Informação. **Ata 333 da reunião realizada no dia 02 de abril de 2007**. Londrina, 2007.

\_\_\_\_\_. Departamento de Ciência da Informação. **Ata 339 da reunião realizada no dia 08 de outubro de 2007**. Londrina, 2007.

\_\_\_\_\_. Departamento de Ciência da Informação. **Ata 356 da reunião realizada no dia 11 de maio de 2009**. Londrina, 2009.

\_\_\_\_\_. Departamento de Ciência da Informação. **Ata 360 da reunião realizada no dia 08 de novembro de 2009**. Londrina, 2009.

\_\_\_\_\_. Departamento de Ciência da Informação. **Ata 374 da reunião realizada no dia 19 de fevereiro de 2011**. Londrina, 2011.

\_\_\_\_\_. Departamento de Ciência da Informação. **Ata 392 da reunião realizada no dia 03 de setembro de 2012**. Londrina, 2012.

\_\_\_\_\_. Departamento de Ciência da Informação. **Ata 395 da reunião realizada no dia 12 de dezembro de 2012**. Londrina, 2012.

\_\_\_\_\_. Departamento de Ciência da Informação. **Ata 414 da reunião realizada no dia 06 de outubro de 2014**. Londrina, 2014.

\_\_\_\_\_. **Departamento de Ciência da Informação**. Londrina, 2015a. Disponível em: <<http://www.uel.br/ceca/cin/#>>. Acesso em: 07 mar. 2016.

\_\_\_\_\_. **Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação (PPGCI)**. Londrina, 2015b. Disponível em: <<http://www.uel.br/pos/ppgci/>>. Acesso em: 07 mar. 2016.

\_\_\_\_\_. **UEL em dados**. Londrina, 2016b. Disponível em: <[http://www.uel.br/proplan/portal/pages/arquivos/uel\\_em\\_dados/FOLDER\\_UEL\\_EM\\_DADOS\\_2016.pdf](http://www.uel.br/proplan/portal/pages/arquivos/uel_em_dados/FOLDER_UEL_EM_DADOS_2016.pdf)>. Acesso em: 30 nov. 2016.

VERAS, Lucas; ANDRADE, Vanessa; SALES, Wesleyne. Memória e Patrimônio: resgate, preservação e difusão da informação. **Biblionline**, João Pessoa, n. esp., p. 49-55, 2010. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000009835&dd1=fd60c>>. Acesso em: 07 nov. 2015.

WITTER, Geraldina Porto. Pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e busca de informação. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 7, n. 1, p. 5-30, jan./jul. 1990.

## APÊNDICES

## APÊNDICE A

Formulário para a coleta de dados nos documentos

<b>NOME DO EVENTO</b>	
<b>Tema</b>	
<b>Objetivos</b>	
<b>Data</b>	
<b>Agência Financiadora</b>	
<b>Local</b>	
<b>Palestras</b>	
<b>Comissão Organizadora</b>	
<b>Comissão Científica</b>	
<b>Trabalhos</b>	
<b>Número de Participantes</b>	
<b>Realização e Apoio</b>	

## APÊNDICE B

### Roteiro do grupo de foco

#### **1 - INICIATIVAS PRÉ-EVENTO**

- Estruturação da programação (por exemplo: a escolha dos conferencistas convidados)
- Envolvimento do departamento na organização?
- Forma de divulgação do evento
- Financiamentos (interno e externo, institucional, empresarial)

#### **2 - INICIATIVAS PÓS-EVENTO**

- Disponibilização de trabalhos científicos
- Disponibilização de conferências
- Registro da memória (guarda e conservação de informações referentes ao evento)

#### **3 - IMPORTÂNCIA COLETIVA**

- Realização do evento e os benefícios às diferentes comunidades (alunos, docentes, profissionais)
- Repercussão do evento na comunidade científica e avaliação posterior
- Necessidade da continuidade do evento para o Departamento

#### **4 - IMPORTÂNCIA PESSOAL**

- Falar da experiência como coordenador (pontos positivos e dificuldades).

#### **5 - RAZÕES PARA O DEPARTAMENTO INICIAR E CONTINUAR COM A REALIZAÇÃO DO SECIN**

## APÊNDICE C

### Roteiro da entrevista semiestruturada

Você foi uma das coordenadoras do Seminário em Ciência da Informação, por favor relate como era feita a estruturação da programação (escolha dos conferencistas, convidados...)

Como foi o envolvimento do departamento na organização desse evento?

Como foi feita a divulgação do evento?

Quanto ao financiamento e apoio ao evento, como foi?

Após o evento, houve a disponibilização dos trabalhos científicos? Em caso positivo, por quais canais? Em caso negativo, porque?

E a disponibilização das conferências? Em caso positivo, por quais canais? Em caso negativo, porque?

Foi realizado o registro da memória (guarda e conservação de informações referentes ao evento)?

Qual a importância e os benefícios desse evento para as diferentes comunidades científicas (alunos, docentes, profissionais)?

O evento teve grande repercussão? Foi realizada uma avaliação posterior?

Qual a necessidade do Departamento em dar continuidade a este evento?

Por favor, dicorra sobre sua experiência como coordenadora do Seminário em Ciência da Informação, elencando os pontos positivos e as dificuldades que tiveram antes, durante e ao final do evento.

Na sua percepção quais as razões para o departamento continuar na realização deste Seminário?

## APÊNDICE D

### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e Declaração de Responsabilidade da Pesquisadora

Estamos desenvolvendo uma pesquisa cujo tema é Memória Institucional, tendo por objetivo mapear a memória do departamento de Ciência da Informação (CIN) da UEL, por meio de seus eventos científicos: Encontro Londrinense de Biblioteconomia e Documentação e Secin.

Sua participação é voluntária, não receberá remuneração e nenhum tipo de recompensa nesta pesquisa, sendo a sua colaboração neste estudo de muita importância para nós. O participante tem a liberdade de desistir ou de interromper a colaboração neste estudo no momento em que desejar, sem necessidade de qualquer explicação, sem penalização e sem prejuízo à sua saúde ou bem-estar físico. Os dados obtidos durante a pesquisa serão mantidos em sigilo pelos pesquisadores, assegurando ao participante a privacidade quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa e todas as informações obtidas serão mantidas em sigilo assim como sua identidade.

A pesquisa será realizada por intermédio do grupo focal e destacamos que o bate papo será gravado para que não haja perda do conteúdo. Comprometemo-nos a utilizar os dados coletados somente para a pesquisa, os resultados poderão ser veiculados por meio de artigos científicos, em revistas especializadas e/ou encontros científicos, sem a identificação do entrevistado.

Durante a realização da pesquisa, serão obtidas as assinaturas dos participantes da pesquisa e da pesquisadora. Também constarão em todas as páginas do TCLE as rubricas da pesquisadora e dos participantes da pesquisa. Este termo terá duas vias iguais, sendo uma para o participante da pesquisa e outra para o arquivo da pesquisadora.

A pesquisadora explicou a natureza, objetivos, riscos e benefícios deste estudo, inclusive coloquei-me à disposição para perguntas e as respondi em sua totalidade. O participante compreendeu minha explicação e aceitou, sem imposições, assinar este consentimento. Tenho como compromisso utilizar os dados e o material coletado para a publicação de relatórios e artigos científicos referentes a essa pesquisa.

Em caso de dúvidas ou caso queira tomar conhecimento dos resultados parciais e finais desta pesquisa, poderá entrar em contato com a pesquisadora responsável, Andreza Alves de Oliveira, pelos telefones (043) 3341-0223 / (43) 98418-9194 ou pelo e-mail [andrezaalvez@hotmail.com](mailto:andrezaalvez@hotmail.com).

Desse modo, tendo tomado conhecimento sobre o teor da pesquisa e recebido claras explicações sobre o estudo e todas registradas neste formulário de consentimento, os investigadores do estudo responderam e responderão, em qualquer etapa do estudo, a todas as minhas perguntas, até a minha completa satisfação. Portanto, estou de acordo em participar do estudo. Este Formulário de Consentimento pré-informado será assinado por mim e arquivado na instituição responsável pela pesquisa, concordo em participar dela de forma livre e esclarecida.

Nome: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Telefone: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_

---

Assinatura da Pesquisadora

## APÊNDICE E

Formulários para coleta de dados em documentos do Departamento preenchido

**1º Encontro Londrinense de Biblioteconomia e Documentação**

<b>1º Encontro Londrinense de Biblioteconomia e Documentação</b>	
<b>Tema</b>	
<b>Objetivos</b>	O Encontro visa à atualização de conhecimentos na área. A promoção recebe a colaboração do Diretório Acadêmico Setorial do CCA na parte promocional. A despesa com divulgação estará a cargo do DASCCA. O saldo positivo deverá reverter ao Departamento de Biblioteconomia para aquisição de equipamento.
<b>Data</b>	28, 29 e 30/05/1976
<b>Agência Financiadora</b>	Não encontrado
<b>Local</b>	Teatro Universitário ou Auditório do CCH
<b>Palestras</b>	<p>Dia 28 <i>Bibliotecas públicas e escolares: as desconhecidas do público</i> Prof. Alfredo Américo Tamar Profa. Maria Iphigenia Ramos</p> <p>Dia 29 <i>Documentação agrícola: Projeto AGRIS</i> Profa. Margarida M. Magalhães Figueira, IBC, Rio de Janeiro</p> <p><i>Padronização internacional da descrição bibliográfica</i> Profa. Sônia Maria Trombelli de Hanai, EBDSC</p> <p>Dia 30 <i>Assuntos de Biblioteconomia e Documentação</i> Prof. Edson Nery da Fonseca, UnB.</p> <p><i>Bibliotecas universitárias e seu papel na comunidade</i> Prof. Edson Nery da Fonseca, UnB</p>
<b>Comissão Organizadora</b>	Supervisor do curso proposta: Maria Ap. E. Madureira
<b>Comissão Científica</b>	Não encontrado
<b>Trabalhos</b>	Não teve
<b>Autoria Individual ou Múltipla</b>	Não teve
<b>Número de Participantes</b>	Não tem lista de participantes
<b>Realização e Apoio</b>	Não há menção

## 2º Encontro Londrinense de Biblioteconomia e Documentação

2º Encontro Londrinense de Biblioteconomia e Documentação	
<b>Tema</b>	
<b>Objetivos</b>	<p><b>OBJETIVOS:</b></p> <p>Gerais: Congregar interessados na área de Biblioteconomia e Documentação visando atualização de conhecimentos, a troca de experiências debates e palestras sobre atualidades biblioteconômicas.</p> <p>Específicos: Proporcionar aos participantes a oportunidade de atualização de conhecimentos na área; Propiciar a troca de experiências, técnicas e administrativas com profissionais que atuam em diferentes tipos de biblioteca; Dar continuidade ao I Encontro Londrinense de Biblioteconomia e Documentação; Comemorar a Semana Nacional do Livro.</p>
<b>Data</b>	21, 22 e 23/10/1977
<b>Agência Financiadora</b>	Não encontrado
<b>Local</b>	Auditório da Associação Comercial de Londrina
<b>Palestras</b>	<p>Dia 21</p> <p><i>O papel do bibliotecário na sociedade brasileira</i> Prof. Murilo Bastos da Cunha, Presidente do Conselho Federal de Biblioteconomia</p> <p>Dia 22</p> <p><i>Seleção e aquisição de material bibliográfico</i> Profa. Maria Eli Arnold, Diretora do Processamento Técnico da Biblioteca Central da UNESP, SP Profa. Marly Schaffer Dias, Bibliotecária da Biblioteca Pública do Paraná Profa. Riétte Neves Aguilar, Chefe da Divisão Técnica da Biblioteca Pública do Paraná Profa. Ivone Guerreiro, Departamento de Biblioteconomia da UEL e responsável pelo Serviço de Aquisição da Biblioteca Central da UEL</p> <p><i>A biblioteca escolar</i> Profa. Etelvina Lima, Professora da Universidade Federal de Minas Gerais</p> <p>Dia 23</p> <p><i>Classificação: a abordagem prática dos diversos sistemas de classificação nos diferentes tipos de biblioteca</i> Profa. Maria de Lourdes Tavares, Departamento de Biblioteconomia e Documentação da Universidade Federal do Paraná Dora Regina Seben, Bibliotecária do Instituto Agrônomo do Paraná Cecília Lícia S. R. Medina Fabiano, Departamento de Biblioteconomia da UEL</p>

	<p><i>Hábitos de leitura: produção da literatura infantil nacional</i></p> <p><i>Influência do bibliotecário na formação do hábito de leitura</i>          Profa. Fúlvia Rosemberg, Psicóloga da FCC, SP</p> <p><i>Hábitos de leitura: uma revisão de trabalhos e pesquisas</i>          Profa. Neusa Dias de Macedo, Professora da ECA/USP, SP</p>
<b>Comissão Organizadora</b>	Responsável: Profa. Norma Saraceni
<b>Comissão Científica</b>	Não encontrado
<b>Trabalhos</b>	Não teve
<b>Autoria Individual ou Múltipla</b>	Não teve
<b>Número de Participantes</b>	176 (Alunos e Profissionais)
<b>Realização e Apoio</b>	Apoio financeiro: Indústria e Comércio de Decorações Florença

### 3º Encontro Londrinense de Biblioteconomia e Documentação

3º Encontro Londrinense de Biblioteconomia e Documentação	
<b>Tema</b>	Curso de atualização em catalogação descritiva ISBD (M)
<b>Objetivos</b>	<p><b>OBJETIVOS:</b></p> <p>Gerais: Congregar interessados na área de Biblioteconomia e Documentação, visando a atualização de conhecimentos, a troca de experiências, debates e palestras sobre atualidades biblioteconômicas.</p> <p>Específicos: Proporcionar aos participantes oportunidades de atualização de conhecimentos na área; Proporcionar a troca de experiências técnicas e administrativas com profissionais que atuam em diferentes tipos de bibliotecas; Dar continuidade ao II Encontro Londrinense de Biblioteconomia e Documentação; Programação para a Semana Cultural do Departamento de Biblioteconomia.</p>
<b>Data</b>	7, 8 e 9/09/1978
<b>Agência Financiadora</b>	Não encontrado
<b>Local</b>	Associação Odontológica do Norte do Paraná
<b>Palestras</b>	<p>Dia 7</p> <p><i>Ética profissional</i>            Carminda Nogueira de Castro Ferreira, Curso de Biblioteconomia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Catanduva</p> <p>Dia 8</p> <p><i>Controle Bibliográfico Universal</i>            Relinda Kohler, Departamento de Biblioteconomia,</p>

	<p>Universidade do Paraná</p> <p>Dia 9</p> <p><i>Serviço de referência</i></p> <p>Suzana Mueller - Departamento de Biblioteconomia, Faculdade de Estudos Sociais Aplicados, UnB</p> <p><i>Planejamento bibliotecário</i></p> <p>Antonio Miranda da Assessoria de Planejamento Bibliotecário - MEC/DAU/CAPES, Coordenação do Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior</p>
<b>Comissão Organizadora</b>	<p>Profa. Déa C. de E. Walter (Chefe do Departamento de Biblioteconomia)</p> <p>Profa. Maria Luzel de Oliveira Cauduro (Diretora do CECA)</p>
<b>Comissão Científica</b>	Não encontrado
<b>Trabalhos</b>	Não teve
<b>Autoria Individual ou Múltipla</b>	Não teve
<b>Número de Participantes</b>	Encontro (50) e Curso (50)
<b>Realização e Apoio</b>	Não há menção

#### 4º Encontro Londrinense de Biblioteconomia e Documentação

4º Encontro Londrinense de Biblioteconomia e Documentação	
<b>Tema</b>	Semana Nacional do Livro e da Biblioteca
<b>Objetivos</b>	<p><b>OBJETIVOS:</b></p> <p>Gerais: Congregar interessados na área de Biblioteconomia e Documentação, visando atualização de conhecimento.</p> <p>Específicos: Proporcionar aos participantes atualização de conhecimentos na área; Propiciar a troca de experiências, técnicas e administrativas; Dar continuidade ao III Encontro Londrinense de Biblioteconomia e Documentação; Comemorar a Semana Nacional do Livro e da Biblioteca, de 23 à 29 de Outubro.</p>
<b>Data</b>	25 e 26/10/1980
<b>Agência Financiadora</b>	Não encontrado
<b>Local</b>	Anfiteatro do Centro de Ciências Biológicas da Universidade Estadual de Londrina, Campus Universitário
<b>Palestras</b>	<p>Dia 25</p> <p><i>Forma, fôrma, formação e conformação do bibliotecário brasileiro</i></p> <p>Prof. Luis Augusto Milanesi, Departamento de Biblioteconomia da ECA/USP.</p> <p><i>Pesquisa científica em Biblioteconomia</i></p> <p>Prof. Victor Vicent Valla, Curso de Pós-Graduação em</p>

	<p>Educação, FGV, Rio.</p> <p><i>SISTEMA TAUBIP - Total Automação de Bibliotecas Públicas</i> Bibliotecárias Miriam Nascimento e Maria Angélica D. Gagliardi, Biblioteca Pública Municipal de São Bernardo do Campo.</p> <p>Dia 26 <i>Estudo de usuários</i> Profa. Odília Clark Peres Rabello, Escola de Biblioteconomia da UFMG.</p> <p><i>Rede de bibliotecas agrícolas</i> Bibliotecária Leila Maria Bueno de Magalhães, Secretaria da Agricultura do Estado do Paraná/Biblioteca Estadual da Agricultura.</p> <p><i>Sistemas de bibliotecas públicas brasileiras</i> Prof. Emir Suaiden, IBICT, Brasília.</p>
<b>Comissão Organizadora</b>	<p>Coordenadores Yara Maria P. da Costa Prazeres (Chefe do Departamento de Biblioteconomia) Déa Christino de Figueiredo Walter</p> <p>Organizadores Irma Asuncion Isabel Lorenzo Welffens Vilma Aparecida Gimenez da Cruz</p>
<b>Comissão Científica</b>	Não encontrado
<b>Trabalhos</b>	Não teve
<b>Autoria Individual ou Múltipla</b>	Não teve
<b>Número de Participantes</b>	146 - Profissionais (56) e Alunos (90)
<b>Realização e Apoio</b>	PADES - PROJETO DE APOIO AO DESENVOLVIMENTO DO ENSINO SUPERIOR (UEL)

### 5º Encontro Londrinense de Biblioteconomia e Documentação

5º Encontro Londrinense de Biblioteconomia e Documentação	
<b>Tema</b>	Promoção do Departamento de Biblioteconomia da Universidade Estadual de Londrina
<b>Objetivos</b>	<p><b>OBJETIVOS:</b></p> <p>Gerais: Congregar interessados na área de Biblioteconomia e Documentação, visando atualização de conhecimento.</p> <p>Específicos: Proporcionar aos participantes atualização de conhecimentos na área; Propiciar a troca de experiências, técnicas e administrativas; Dar continuidade ao IV Encontro Londrinense de Biblioteconomia e Documentação; Comemorar a Semana Nacional do Livro e da Biblioteca, de 23 à 29 de Outubro.</p>
<b>Data</b>	5, 6 e 7/11/1982
<b>Agência Financiadora</b>	Não encontrado
<b>Local</b>	Auditório da Associação Comercial
<b>Palestras</b>	<p>Dia 5 <i>O uso da informação técnico-científica em contextos dependentes</i> Profa. Maria de Nazaré Freitas Pereira, Pesquisadora do IBICT, Rio de Janeiro.</p> <p>Dia 6 <i>Literatura infantil</i> Profa. Maria Antonieta Antunes Cunha, Professora da Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte.</p> <p><i>O livro e o desenvolvimento nacional</i> Prof. José Gorayeb, Superintendente da Câmara Brasileira do Livro.</p> <p>Dia 7 <i>A ação da Biblioteca Pública</i> Profa. May Brooking Negrão, Diretora do Departamento de Bibliotecas Públicas da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo.</p> <p><i>O novo currículo do curso de Biblioteconomia</i> Profa. Cléa Dubeux Pinto Pimentel, Presidente da ABEBD e Professora do Departamento de Biblioteconomia da Universidade Federal de Pernambuco.</p>
<b>Comissão Organizadora</b>	Ivone Guerreiro di Chiara Ilma Lorenzo
<b>Comissão Científica</b>	Não encontrado
<b>Trabalhos</b>	Não teve
<b>Autoria Individual ou Múltipla</b>	Não teve
<b>Número de</b>	191 participantes (entre alunos e profissionais)

<b>Participantes</b>	
<b>Realização e Apoio</b>	Colaboração: Banestado Gentileza: Livraria Arles

### 6º Encontro Londrinense de Biblioteconomia e Documentação

<b>6º Encontro Londrinense de Biblioteconomia e Documentação</b>	
<b>Tema</b>	Promoção do Departamento de Biblioteconomia da Universidade Estadual de Londrina
<b>Objetivos</b>	<p><b>OBJETIVOS:</b></p> <p>Gerais: Congregar interessados na área de Biblioteconomia e Documentação visando atualização de conhecimentos.</p> <p>Propiciar a troca de ideias e experiências entre Bibliotecários, professores e alunos da área.</p> <p>Específicos: Espera-se que os participantes possam:</p> <p>Identificar as diretrizes do Governo do Estado do Paraná quanto às Bibliotecas Escolares; Identificar as várias fontes existentes para financiamento de serviços bibliotecários; Estabelecer as tendências atuais dos serviços bibliotecários; Reconhecer a importância e aplicabilidade da automação dos serviços bibliotecários; Situar o hábito de leitura no contexto bibliotecário; Identificar os dispositivos legais que sejam a profissão do bibliotecário.</p>
<b>Data</b>	11, 12 e 13/10/1985
<b>Agência Financiadora</b>	Não encontrado
<b>Local</b>	UEL, Campus Universitário Biblioteca Pública Municipal - Teatro Zaquieu de Melo
<b>Palestras</b>	<p>Dia 11</p> <p><i>Diretrizes do governo quanto às bibliotecas nas escolas de 1º e 2º graus</i></p> <p>Profa. Gilda Poli da Rocha Loures, Secretária de Educação do Estado do Paraná</p> <p>Dia 12</p> <p><i>Conquista de direito/espço/legislação</i></p> <p>Profa. Cecília Andreotti Atienza, Diretora do Centro de Documentação e Informática da Câmara Municipal de São Paulo.</p> <p>(Mesa redonda) <i>Movimento associativo</i></p> <p>Coordenadora Dora Regina Seben, Coordenadora da ABPR, Seccional Norte.</p> <p><i>Financiamento dos serviços bibliotecários</i></p> <p>Profa. Leila Mercadante, Diretora da Biblioteca Central da UNICAMP.</p>

	<p><i>Tendências atuais dos serviços bibliotecários</i> Prof. Antonio Miranda, Chefe do Departamento de Biblioteconomia da UEL.</p> <p>Dia 13 <i>O comportamento de ler</i> Profa. Vani Ruiz Viessi, Departamento de Educação da UEL.</p> <p><i>Automação em bibliotecas</i> Profa. Dra. Wanda Maria da Rocha Paranhos, Departamento de Biblioteconomia da UFPr.</p>
<b>Comissão Organizadora</b>	Vera Maria Buffa (Coordenadora) Vilma Aparecida Gimenez da Cruz
<b>Comissão Científica</b>	Não encontrado
<b>Trabalhos</b>	Não teve
<b>Autoria Individual ou Múltipla</b>	Não teve
<b>Número de Participantes</b>	223 participantes (entre alunos e profissionais)
<b>Realização e Apoio</b>	Apoio/Patrocinio: Supermercados Viscardi

### 7º Encontro Londrinense de Biblioteconomia e Documentação

<b>7º Encontro Londrinense de Biblioteconomia e Documentação</b>	
<b>Tema</b>	Promoção do Departamento de Biblioteconomia da Universidade Estadual de Londrina
<b>Objetivos</b>	<p><b>OBJETIVOS:</b></p> <p>Gerais: Congregar interessados na área de Biblioteconomia e Documentação visando atualização de conhecimentos.</p> <p>Propiciar a troca de ideias e experiências entre Bibliotecários, professores e alunos da área.</p> <p>Específicos: Identificar perspectivas de trabalho para o Bibliotecário; Reconhecer a importância do papel do Profissional Bibliotecário no contexto social; Identificar as tendências atuais na aplicação da automação dos serviços.</p>
<b>Data</b>	7, 8 e 9/10/1988
<b>Agência Financiadora</b>	Não encontrado
<b>Local</b>	SESC, Rua Fernando de Noronha, 264, Londrina
<b>Palestras</b>	<p>Dia 7 <i>Ação cultural</i> Ana Lígia Medeiros, Diretora da Biblioteca Estadual do Rio de Janeiro</p> <p><i>Ação cultural em Biblioteca Infantil</i></p>

	<p>Gladis Maria Serrão Barcelos, Diretora da Biblioteca Infante-Juvenil Lucília Minssen</p> <p>Dia 8 <i>Participação do bibliotecário no contexto social</i> Profa. Suzana Pinheiro Machado Mueller, Departamento de Biblioteconomia, UnB</p> <p><i>Bases de dados: disponibilidade de acesso</i> Prof. Murilo Bastos da Cunha, Diretor da Biblioteca Central da UNB</p> <p>Dia 9 <i>Informação em ciência e tecnologia</i> Vânia Maria Rodrigues Hermes de Araújo, IBICT</p> <p><i>Cooperação bibliotecária no Paraná: problemas e perspectivas</i> Wanda Maria Paranhos, Diretora da Biblioteca Central da Universidade Federal do Paraná</p>
<b>Comissão Organizadora</b>	Maria Júlia Giannasi (Coordenadora) Teresinha de Jesus Fokama Gondo Licéia Cianca Fortes
<b>Comissão Científica</b>	Não encontrado
<b>Trabalhos</b>	Não teve
<b>Autoria Individual ou Múltipla</b>	Não teve
<b>Número de Participantes</b>	97 participantes (entre alunos e professores)
<b>Realização e Apoio</b>	Colaboração: Livraria Acadêmica; Livraria Arles e M. E. Furtado - Livros Apoio: SESC - Serviço Social do Comércio - Londrina

**8º Encontro Londrinense de Biblioteconomia e Documentação**

<b>8º Encontro Londrinense de Biblioteconomia e Documentação</b>	
<b>Tema</b>	A Promoção Profissional
<b>Objetivos</b>	Não encontrado
<b>Data</b>	6,7, e 8/12/1990
<b>Agência Financiadora</b>	Não encontrado
<b>Local</b>	Teatro Zaqueu de Melo
<b>Palestras</b>	<p>Dia 6 <i>Marketing da profissão e marketing do profissional</i> Prof. Dr. Ivan Dutra, Departamento de Administração da UEL e Diretor do Instituto Brasileiro de Estudos Sócio-Econômicos, INBRAPE, Londrina</p> <p>Dia 7 <i>As bibliotecas populares e a promoção da profissão</i> Prof. Oswaldo F. de Almeida Junior, ECA/USP</p> <p><i>As novas tecnologias e a promoção da profissão</i> Cláudio Brito, Assessor da Previdência do SERPRO para Novas Tecnologias, SERPRO, Brasília</p>
<b>Comissão Organizadora</b>	Maria Júlia Giannasi Silvana Drumond Monteiro Licéia Cianca Fortes
<b>Comissão Científica</b>	Não encontrado
<b>Trabalhos</b>	Não teve
<b>Autoria Individual ou Múltipla</b>	Não teve
<b>Número de Participantes</b>	Não tem lista de participantes
<b>Realização e Apoio</b>	NTE - Núcleo de Tecnologia Educacional ARU - Assessoria de Relações Universitárias

---

### 9º Encontro Londrinense de Biblioteconomia e Documentação

9º Encontro Londrinense de Biblioteconomia e Documentação	
<b>Tema</b>	
<b>Objetivos</b>	OBJETIVOS: Gerais: Propiciar a clientela envolvida atualização de conhecimentos nas áreas de Biblioteconomia e Documentação
<b>Data</b>	20, 21 e 22/08/1992
<b>Agência Financiadora</b>	Não encontrado
<b>Local</b>	Associação Comercial
<b>Palestras</b>	<p>Dia 20 <i>Informação para a indústria</i> Leila Vasconcelos, Tecpar</p> <p>Dia 22 <i>Automação em bibliotecas universitárias</i> Ricardo Triskas, UFSC</p> <p><i>BIBLIODATA/CALCO</i> Luis Fernando Cisneiros, FGV</p> <p><i>O Centro de Documentação da Rede Globo</i> Niscler Moreira Figueira, Rede Globo</p> <p><i>O Centro de Documentação da Abril Cultural</i> Abril Cultural</p>
<b>Comissão Organizadora</b>	Ana Esmeralda Carelli Lilium Maria Orquiza
<b>Comissão Científica</b>	Não encontrado
<b>Trabalhos</b>	Não teve
<b>Autoria Individual ou Múltipla</b>	Não teve
<b>Número de Participantes</b>	Não tem lista de participantes
<b>Realização e Apoio</b>	Não há menção

---

### 10º Encontro Londrinense de Biblioteconomia e Documentação

10º Encontro Londrinense de Biblioteconomia e Documentação	
<b>Tema</b>	
<b>Objetivos</b>	<p><b>OBJETIVOS:</b></p> <p>Gerais: Congregar interessados na área de Biblioteconomia e Documentação visando atualização de conhecimentos.</p> <p>Propiciar a troca de ideias e experiências entre Bibliotecários, professores e alunos da área.</p>
<b>Data</b>	20, 21 e 22/10/1994
<b>Agência Financiadora</b>	Não encontrado
<b>Local</b>	SENAI, Rua Belém, 844, Londrina
<b>Palestras</b>	<p>Dia 20</p> <p><i>Planejamento estratégico</i></p> <p>Dra. Vera Silvia Marão Beraquet, PUCCAMP</p> <p>Dia 21</p> <p><i>Gestão de qualidade</i></p> <p>Celso Romesco Kaloss, CITPAR</p> <p><i>Indicadores de qualidade nos serviços de informação</i></p> <p>Dra. Graça Maria Simões Luz, UEL</p> <p>Dia 22</p> <p><i>Consultoria em informação e documentação</i></p> <p>Todeska Badke, Criteria Consultoria, BH</p> <p><i>Informação para negócios</i></p> <p>Márcia R. Lazzari Pacheco, UFPR</p> <p><i>Atuação do bibliotecário no mercado de informação para a indústria e negócios: a experiência da natura</i></p> <p>Yara Rezende, Natura, SP</p>
<b>Comissão Organizadora</b>	<p>Marilene Maria Lopes Lucena</p> <p>Maria Isabel Soares Feitosa</p> <p>Rute Terezinha Schio</p> <p>Márcia Luciana Muller</p> <p>Ivone Bello</p> <p>Valéria de Fátima Cardoso</p> <p>Profa. Maria Aparecida E. Madureira (coordenação)</p> <p>Profa. Yara Maria P. C. Prazeres (coordenação)</p>
<b>Comissão Científica</b>	Não encontrado
<b>Trabalhos</b>	Não teve
<b>Autoria Individual ou Múltipla</b>	Não teve
<b>Número de Participantes</b>	<p>Curso 1 - 36 participantes</p> <p>Curso 2 - 83 participantes</p> <p>134 participantes entre alunos e profissionais (total)</p>
<b>Realização e Apoio</b>	Apoio: Livraria Bom Livro e FTD

## Secin

<b>Secin</b>	
<b>Tema</b>	Arquivologia e Biblioteconomia paradoxos e desafios frente à sociedade da informação
<b>Objetivos</b>	Não encontrado
<b>Data</b>	23, 24 e 25/08/2001
<b>Agência Financiadora</b>	Não encontrado
<b>Local</b>	Auditório do CESA, UEL
<b>Palestras</b>	<p>Dia 23 (Conferência Inaugural) <i>Sociedade da informação</i> Prof. Aldo Barreto, IBICT, Rio de Janeiro</p> <p><i>Arquivologia/Biblioteconomia: interfaces das Ciências da Informação</i> Profa. Johanna W. Smith, USP</p> <p><i>Apresentação do Software Virtua</i> Paulo Góes, VLTS do Brasil, Rio de Janeiro Local: Sala de Múltiplos da Biblioteca Central da UEL</p> <p>Dia 24 <i>Segurança e gerenciamento de acervo bibliográfico</i> ID System do Brasil</p>
<b>Comissão Organizadora</b>	Linete Bartalo (Coordenadora) Vilma Aparecida Gimenes da Cruz
<b>Comissão Científica</b>	Terezinha Batista de Souza Dirce Missae S. Fernandes Licéia Cianca Fortes Maria Elisabete Catarino Maria Júlia Giannasi Neiva Pavezi Maty Stella Muller
<b>Trabalhos</b>	<i>Ver Apêndice H</i>
<b>Autoria Individual ou Múltipla</b>	Individual – 13 Múltipla - 10
<b>Número de Participantes</b>	Não tem lista de participantes
<b>Realização e Apoio</b>	<p>Realização: Universidade Estadual de Londrina; Departamento de Ciências da Informação (CECA); Sistemas de Bibliotecas da UEL; FAUEL (Fundação de Apoio ao Desenvolvimento da Universidade Estadual de Londrina).</p> <p>Apoio Cultural: Telos (Sistemas e soluções inteligentes para arquivamento); IDSystems do Brasil; Silver Platter Information; Gale Group Thomson Learning.</p> <p>Apoio Oficial: Fundação Araucária</p>

## II Secin

<b>II Secin</b>	
<b>Tema</b>	Gestão da informação
<b>Objetivos</b>	<p><b>OBJETIVOS</b></p> <p>Propiciar o intercâmbio de informação entre diferentes profissionais da área de Ciência da Informação; Divulgar trabalhos científicos; Viabilizar canais de comunicação científica entre pesquisadores e profissionais da área de Ciência da Informação.</p> <p>Âmbito: Regional (Sul do Estado de São Paulo, Estado do Paraná e Norte do Estado de Santa Catarina)</p>
<b>Data</b>	27, 28 e 29/09/ 2007
<b>Agência Financiadora</b>	AYOSHI e Caixa Econômica Federal
<b>Local</b>	Hotel Blue Tree - Mas foi no Sumatra
<b>Palestras</b>	<p>Dia 27 (Palestra Magna) <i>Gestão da Informação e do conhecimento</i> Dr. Ricardo Rodrigues Barbosa (UFMG)</p> <p>Dia 28 (Mesa redonda) <i>Organização do conhecimento</i> Dra. Marilsa Lopes Gibes de Lara (USP) Dr. Eduardo José Wense Dias (UFMG) Dra. Marília Damiani Costa (UFSC)</p> <p><i>Open Archives</i> Dr. Luis Ferenando Sayão (CNEN)</p> <p><i>Usuário da informação no contexto digital</i> Dra. Ida Regina Chittó Stumpf (UFRGS)</p> <p>Dia 29 <i>Fundamentos da gestão da informação para atividade empresarial</i> Dra. Patrícia Zeni Marchiori (UFPR)</p>
<b>Comissão Organizadora</b>	Sueli Bortolin (Coordenadora) <sup>8</sup> Ivone (Coordenadora até julho/07) Rosane (Coordenadora após agosto/07) <sup>9</sup>
<b>Comissão Científica</b>	Maria Inês Tomaél Linete Bartalo
<b>Trabalhos</b>	<i>Ver Apêndice H</i>
<b>Autoria Individual ou Múltipla</b>	Individual – 9 Múltipla - 16

<sup>8</sup> Os documentos que estão na “caixinha” indicavam a Profa. Sueli Bortolin como coordenadora desta edição do evento.

<sup>9</sup> A informação de que a profa. Rosane Lunardelli foi a coordenadora da 2ª edição do Secin consta na Ata da 333ª reunião ordinária do Departamento de Ciência da Informação realizada no dia 02/04/2007.

<b>Número de Participantes</b>	300 participantes no evento (150 alunos e 150 profissionais) 90 inscritos no curso
<b>Realização e Apoio</b>	Realização: Universidade Estadual de Londrina - Centro de Educação Comunicação e Artes (CECA); Departamento de Ciência da Informação; Sistema de Bibliotecas; Sistema de Arquivos (SAUEL) Co-patrocínio: Caixa

---

## III Secin

<b>III Secin</b>	
<b>Tema</b>	Tendências para a organização e o compartilhamento da informação
<b>Objetivos</b>	O III Secin, teve como tema central as Tendências para a Organização e o Compartilhamento da Informação. Visou discutir as relações em rede e as novas dinâmicas que privilegiam a produção coletiva em substituição às formas unidirecionais de comunicação e de mediação da informação, que fazem emergir métodos para a organização e alternativas para o compartilhamento da informação. O evento contou com a participação de pesquisadores expoentes da área e atuantes em Programas de Pós-Graduação do Brasil, que ministraram palestras e minicursos.
<b>Data</b>	23, 24 e 25/11/2009
<b>Agência Financiadora</b>	Não encontrado
<b>Local</b>	Campus Universitário, UEL Centro de Educação, Comunicação e Artes (CECA)
<b>Palestras</b>	<p>Dia 24</p> <p><i>Valor legal dos documentos digitais</i> Ms. Vandenlei Batista dos Santos, Câmara dos Deputados, Brasília, DF</p> <p><i>Gerações xyz, web 2.0 e a comunicação científica</i> Ms. Suely, de Brito Clemente Soares, BRCdigit@I UNESP, Rio Claro, SP</p> <p>Dia 25</p> <p><i>Representação descritiva: desenvolvimento, vertentes e novas tendências</i> Dra. Cristina, Dotta Ortega, Belo Horizonte, UFMG</p> <p><i>Desafios para preservação por longo prazo de documentos digitais</i> Dra. Kátia Thomaz, Tech-in, Belo Horizonte, MG</p>
<b>Comissão Organizadora</b>	<p>Renata Curty (Coordenadora)</p> <p>COMISSÃO ORGANIZADORA</p> <p>Ana Esmeralda Carelli Brígida Nogueira Cervantes Daniela Debertolis Diana Vilas Boas Souto Ivone Guerreiro Di Chiara Leonina Amanda Feitoza Letícia Gorri Molina Linete Bartalo Maria Aparecida Lopes Maria Inês Tomaél Maria Júlia Giannasi Kaimen</p>

	<p>           Maria Júlia Giraldes            Nelma Camelo de Araujo            Oswaldo Francisco de Almeida Jr.            Rogério Paulo Muller Fernandes            Rosane S. Alvares Lunardelli            Sueli Bortolin            Terezinha Batista de Souza            Terezinha Elisabeth da Silva            Wilmara Rodrigues Calderon            Laudicena de Fátima Ribeiro         </p> <p>           COMISSÃO ORGANIZADORA (com 24h de duração)            Helder Renne Rodrigues Calsavara            Izabel Maria de Aguiar            Geneviane Duarte Dias            Silvia Mara dos Santos Dias            Andressa Fernanda Matos Bonfim            Aparecida Almeida da Silva            Joel Gomes de Abreu            Ingrid Marilse Proença            Roseli Inácio Alves            Sandra Maria Maia Gomes            Tânia Maria Cruz Alves            Josiane da Silva Oliveira            Tiago Henrique de Melo            Elielsa Isabel da Silva         </p>
<b>Comissão Científica</b>	Não encontrado
<b>Trabalhos</b>	<i>Ver Apêndice H</i>
<b>Autoria Individual ou Múltipla</b>	Individual – 6 Múltipla - 22
<b>Número de Participantes</b>	199 participantes no evento (alunos e profissionais) 62 inscritos nos minicursos
<b>Realização e Apoio</b>	Realização: Universidade Estadual de Londrina - Departamento de Ciência da Informação Apoio: Governo do Paraná; SETI (Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior); Fundação Araucária (Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Paraná); Scan System (Gerenciamento da Informação)

## IV Secin

<b>IV Secin</b>	
<b>Tema</b>	Ciência da informação: ambientes e práticas na contemporaneidade
<b>Objetivos</b>	Oportunizar aos profissionais da área de Ciência da Informação e áreas correlatas a troca de informação.
<b>Data</b>	26, 27 e 28/09/ 2011
<b>Agência Financiadora</b>	Não encontrado
<b>Local</b>	Anfiteatro do CESA, UEL
<b>Palestras</b>	<p>Dia 13/06 (pré evento) <i>A ética e o fazer do profissional da informação</i> Dra. Henriette Ferreira Gomes (UFBA)</p> <p>Dia 26 (Palestra Magna) <i>Memória e responsabilidade social</i> Dra. Vera Dodebei (UNIRIO)</p> <p>Dia 27 (Mesa Redonda) <i>Ambientes digitais</i> Dra. Silvana Aparecida Borsetti Gregório Vidotti (UNESP/Marília) Ms. Stefano Kubiça (CELEPAR) Dra. Sueli Mara Soares Pinto Ferreira (ECA/USP)</p> <p><i>Organização e representação da informação e do conhecimento</i> Dra. Marisa Brascher Basilio Medeiros (UNB)</p> <p><i>Gestão da informação e do conhecimento nas organizações contemporâneas</i> Dra. Marta Lígia Pomim Valentim (UNESP/Marília)</p> <p>Dia 28 <i>Compartilhamento e comportamento informacional</i> Dr. Carlos Alberto Ávila Araújo (UFMG)</p>
<b>Comissão Organizadora</b>	<p>Sueli Bortolin (Coordenadora)</p> <p>Colaboradores: Ana Cristina de Albuquerque Izabel Maria de Aguiar Angela Maria Dalla Torre Patrícia Pereira William Boscarol</p>
<b>Comissão Científica</b>	<p>Maria Inês Tomael Rosane Lunardelli</p>
<b>Trabalhos</b>	<i>Ver Apêndice H</i>
<b>Autoria Individual ou Múltipla</b>	Individual – 8 Múltipla - 34
<b>Número de Participantes</b>	Total de 96 participantes (entre alunos e profissionais) - Pré Evento

	41 inscritos nos minicursos
<b>Realização e Apoio</b>	Apoio: B18; Sistemas de Arquivos (SAUEL); Sistema de Bibliotecas. Realização: Departamento de Ciência da Informação; Mestrado Profissional em Gestão da Informação

---

## V Secin

<b>V Secin</b>	
<b>Tema</b>	De ambientes estáticos para a comunicação móvel
<b>Objetivos</b>	Não encontrado
<b>Data</b>	22, 23 e 24/05/2013
<b>Agência Financiadora</b>	Não encontrado
<b>Local</b>	Universidade Estadual de Londrina
<b>Palestras</b>	<p>Dia 22 (Conferência Inaugural) Prof. Dr. Adriano Moreira, Universidade do Moinho</p> <p>Dia 23 <i>A geração digital e a apropriação da informação</i> Profa. Ivete Piericcini, USP</p> <p>Dia 24 <i>Alternativas para digitalizar e arquivar informação</i> Prof. Daniel Flores</p>
<b>Comissão Organizadora</b>	<p>Ana Cristina de Albuquerque (Coordenadora)</p> <p>Sueli Bortolin, UEL Ana Cristina de Albuquerque, UEL Maria Aparecida Lopes, UEL</p>
<b>Comissão Científica</b>	<p>Adriana Alcará, UEL Maria Inês Tomaél, UEL Ana Esmeralda Carelli, UEL Ilemar Christina Lansoni Wey Berti – Mestrado em Ciência da Informação, UEL Decio Wey Berti Junior, UEL</p>
<b>Trabalhos</b>	<i>Ver Apêndice H</i>
<b>Autoria Individual ou Múltipla</b>	Individual – 11 Múltipla - 38
<b>Número de Participantes</b>	Não tem lista de participantes
<b>Realização e Apoio</b>	<p>Realização: Departamento de Ciência da Informação; Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI)</p> <p>Apoio: Sistema de Bibliotecas; Sistemas de Arquivos (SAUEL); CNPQ (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico)</p>

## VI Secin

<b>VI Secin</b>	
<b>Tema</b>	Fenômenos Emergentes na Ciência da Informação
<b>Objetivos</b>	O Secin consiste de um foro privilegiado para apresentação e para discussão da pesquisa científica em Ciência da Informação, congregando pesquisadores, profissionais e estudantes, visando promover a discussão de temáticas de interesse da área.
<b>Data</b>	03, 04 e 05/08/2016
<b>Agência Financiadora</b>	
<b>Local</b>	Campus da Universidade Estadual de Londrina
<b>Palestras</b>	<p>Dia 03 Abertura Cerimonial (PDE)</p> <p>(Palestra Magna - PDE) <i>Algunas cuestiones emergentes en el dominio de la Ciencia de la Información</i> Dr. José Lopes Yepes (Complutense, Espanha)</p> <p>Dia 04 Apresentação: “20 anos da Informação &amp; Informação”</p> <p>(Mesa Redonda - PDE) <i>Fenômenos Emergentes e as TIC: novas configurações para a CI</i> Dr. Ricardo César Santana (UNESP/Tupã) Dr. Rogério Ap. de Sá Ramalho (UFSCAR) Dra. Maria José Jorente (UNESP/Marília) Moderadora: Dra. Silvana D. Monteiro (UEL)</p> <p>(Debates - PDE)</p> <p>Dia 05 Apresentação de trabalhos (PDE)</p> <p>apresentação de trabalhos (PDE)</p> <p><i>Curadoria de dados digitais</i> Dr. Luís Fernando Sayão (CNEN)</p>
<b>Comissão Organizadora</b>	<p>Geral:</p> <p>Profa. Dra. Luciane de F. Beckman Calvancante (Coordenadora) Profa. Dra. Sueli Bortolin Profa. Dra. Silvana Drumond Monteiro</p>
<b>Comissão Científica</b>	<p>Profa. Dra. Rosane Lunardelli Profa. Dra. Brígida M. N. Cervantes Profa. Dra. Marta Leandro da Mata Profa. (Doutoranda) Paula Regina Ventura Amorim Gonçalves Doutorando Marcos Antonio de Moraes</p>
<b>Trabalhos</b>	<i>Ver Apêndice H</i>
<b>Autoria Individual ou</b>	Individual – 18

<b>Múltipla</b>	Múltipla – 71
<b>Número de Participantes</b>	Não há menção
<b>Realização e Apoio</b>	Realização: Departamento de Ciência da Informação; Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) Apoio: Capes e Fundação Araucária

## APÊNDICE F

## Palestras e palestrantes do Encontro Londrinense de Biblioteconomia e Documentação

## 1º Encontro Londrinense de Biblioteconomia e Documentação

<b>Título das Palestras</b>	<b>Palestrantes</b>
Bibliotecas públicas e escolares: as desconhecidas do público	Prof. Alfredo Américo Thamar Profa. Maria Iphigenia Ramos
Documentação agrícola: Projeto AGRIS	Profa. Margarida M. Magalhães Figueira, IBC, Rio de Janeiro.
Padronização Internacional da Descrição Bibliográfica	Profa. Sônia Maria Trombelli de Hanai, EBDSC
Assuntos de Biblioteconomia e Documentação	Prof. Edson Nery da Fonseca, UnB.
Bibliotecas universitárias e seu papel na comunidade	Prof. Edson Nery da Fonseca, UnB

## 2º Encontro Londrinense de Biblioteconomia e Documentação

<b>Título das Palestras</b>	<b>Palestrantes</b>
O papel do bibliotecário na sociedade brasileira	Prof. Murilo Bastos da Cunha, Presidente do Conselho Federal de Biblioteconomia
Seleção e aquisição de material bibliográfico	Profa. Maria Eli Arnold, Diretora do Processamento Técnico da Biblioteca Central da UNESP Profa. Marly Schaffer Dias, Bibliotecária da Biblioteca Pública do Paraná Profa. Riétte Neves Aguilar, Chefe da Divisão Técnica da Biblioteca Pública do Paraná Profa. Ivone Guerreiro, Departamento de Biblioteconomia da UEL e responsável pelo Serviço de Aquisição da BC/UEL
A biblioteca escolar	Profa. Etelvina Lima, Professora da Universidade Federal de Minas Gerais

Classificação: a abordagem prática dos diversos sistemas de classificação nos diferentes tipos de biblioteca	Profa. Maria de Lourdes Tavares, Departamento de Biblioteconomia e Documentação da UFPR Dora Regina Seben, Bibliotecária do IAPAR Cecília Lícia S. R. Medina Fabiano, Departamento de Biblioteconomia da UEL
Hábitos de leitura: produção da literatura infantil nacional	*
Influência do bibliotecário na formação do hábito de leitura	Profa. Fúlvia Rosemberg, Psicóloga da FCC/SP
Hábitos de leitura: uma revisão de trabalhos e pesquisas	Profa. Neusa Dias de Macedo, Professora da ECA/ USP

### 3º Encontro Londrinense de Biblioteconomia e Documentação

<b>Título das Palestras</b>	<b>Palestrantes</b>
Ética profissional	Carmina Nogueira de Castro Ferreira, Curso de FFCL de Catanduva
Controle Bibliográfico Universal	Relinda Kohler, Departamento de Biblioteconomia, Universidade do Paraná
Serviço de referência	Suzana Mueller - Departamento de Biblioteconomia, Faculdade de Estudos Sociais Aplicados, UnB
Planejamento bibliotecário	Antonio Miranda da Assessoria de Planejamento Bibliotecário - MEC/DAU/CAPES, Coordenação do Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

### 4º Encontro Londrinense de Biblioteconomia e Documentação

<b>Título das Palestras</b>	<b>Palestrantes</b>
Forma, fôrma, formação e conformação do bibliotecário brasileiro	Prof. Luis Augusto Milanesi, Departamento de Biblioteconomia da ECA/USP.
Pesquisa científica em Biblioteconomia	Prof. Victor Vicent Valla, Cursode Pós-Graduação em Educação, FGV, Rio
SISTEMA TAUBIP - Total Automação de Bibliotecas Públicas	Bibliotecárias Miriam Nascimento e Maria Angélica D. Gagliardi, Biblioteca Pública Municipal de São Bernardo do Campo
Estudo de usuários	Profa. Odília Clark Peres Rabello, Escola de Biblioteconomia da UFMG

\* Não há indicação de autoria/palestrante.

Rede de bibliotecas agrícolas	Bibliotecária Leila Maria Bueno de Magalhães, Secretária da Agricultura do Estado do Paraná/Biblioteca Estadual da Agricultura
Sistemas de bibliotecas públicas brasileiras	Prof. Emir Suaiden, IBICT, Brasília

## 5º Encontro Londrinense de Biblioteconomia e Documentação

<b>Título das Palestras</b>	<b>Palestrantes</b>
O uso da informação técnico-científica em contextos dependentes	Profa. Maria de Nazaré Freitas Pereira, Pesquisadora do IBICT, Rio de Janeiro.
Literatura infantil	Profa. Maria Antonieta Antunes Cunha, Professora da Faculdade de Letras da UFMG
O livro e o desenvolvimento nacional	Prof. José Gorayeb, Superintendente da Câmara Brasileira do Livro
A ação da Biblioteca Pública	Profa. May Brooking Negrão, Diretora do Departamento de Bibliotecas Públicas da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo
O novo currículo do curso de Biblioteconomia	Profa. Cléa Dubeux Pinto Pimentel, Presidente da ABEBD e Professora do Departamento de Biblioteconomia da UFPE

## 6º Encontro Londrinense de Biblioteconomia e Documentação

<b>Título das Palestras</b>	<b>Palestrantes</b>
Diretrizes do governo quanto às bibliotecas nas escolas de 1º e 2º graus	Profa. Gilda Poli da Rocha Loures, Secretária de Educação do Estado do Paraná
Conquista de direito/espço/legislação	Profa. Cecília Andreotti Atienza, Diretora do Centro de Documentação e Informática da Câmara Municipal de São Paulo
(Mesa redonda) Movimento associativo	Coordenadora Dora Regina Seben, Coordenadora da ABPR, Seccional Norte
Financiamento dos serviços bibliotecários	Profa. Leila Mercadante, Diretora da Biblioteca Central da UNICAMP
Tendências atuais dos serviços bibliotecários	Prof. Antonio Miranda, Chefe do Departamento de Biblioteconomia da UEL
O comportamento de ler	Profa. Vani Ruiz Viessi, Departamento de Educação da UEL

Automação em bibliotecas	Profa. Dra. Wanda Maria da Rocha Paranhos, Departamento de Biblioteconomia da UFPR
--------------------------	--

## 7º Encontro Londrinense de Biblioteconomia e Documentação

<b>Título das Palestras</b>	<b>Palestrantes</b>
Ação cultural	Ana Lígia Medeiros, Diretora da Biblioteca Estadual do Rio de Janeiro
Ação cultural em Biblioteca Infantil	Gladis Maria Serrão Barcelos, Diretora da Biblioteca Infanto-Juvenil Lucília Minssen
Participação do bibliotecário no contexto social	Profa. Suzana Pinheiro Machado Mueller, Departamento de Biblioteconomia, UnB
Bases de dados: disponibilidade de acesso	Prof. Murilo Bastos da Cunha, Diretor da Biblioteca Central da UNB
Informação em ciência e tecnologia	Vânia Maria Rodrigues Hermes de Araújo, IBICT
Cooperação bibliotecária no Paraná: problemas e perspectivas	Wanda Maria Paranhos, Diretora da Biblioteca Central da UFPR

## 8º Encontro Londrinense de Biblioteconomia e Documentação

<b>Título das Palestras</b>	<b>Palestrantes</b>
Marketing da profissão e marketing do profissional	Prof. Dr. Ivan Dutra, Departamento de Administração da UEL e Diretor do INBRAPE, Londrina
As bibliotecas populares e a promoção da profissão	Prof. Oswaldo F. de Almeida Junior, ECA, USP
As novas tecnologias e a promoção da profissão	Cláudio Brito, Assessor da Previdência do SERPRO

## 9º Encontro Londrinense de Biblioteconomia e Documentação

<b>Título das Palestras</b>	<b>Palestrantes</b>
Informação para a indústria	Leila Vasconcelos, TECPAR
Automação em bibliotecas universitárias	Ricardo Triskas, UFSC
BIBLIODATA/CALCO	Luis Fernando Cisneiros, FGV
O Centro de Documentação da Rede Globo	Niscler Moreira Figueira, Rede Globo
O Centro de Documentação da Abril Cultural	Abril Cultural

## 10º Encontro Londrinense de Biblioteconomia e Documentação

<b>Título das Palestras</b>	<b>Palestrantes</b>
Planejamento estratégico	Dra. Vera Silvia Marão Beraquet, PUCCAMP
Gestão de qualidade	Celso Romesco Kaloss, CITPAR
Indicadores de qualidade nos serviços de informação	Dra. Graça Maria Simões Luz, UEL
Consultoria em informação e documentação	Todeska Badke, Criteria Consultoria, BH
Informação para negócios	Márcia R. Lazzari Pacheco, UFPR
Atuação do bibliotecário no mercado de informação para a indústria e negócios: a experiência da natureza	Yara Rezende, Natura, SP

## APÊNDICE G

## Palestras e palestrantes do Secin

## Secin

<b>Título das Palestras</b>	<b>Palestrantes</b>
(Conferência Inaugural) Sociedade da informação	Prof. Aldo Barreto, IBICT, Rio de Janeiro
Arquivologia/Biblioteconomia: interfaces das Ciências da Informação	Profa. Johanna W. Smith, USP
Apresentação do Software Virtua	Paulo Góes, VLTS do Brasil, Rio de Janeiro Local: Sala de Multimeios da BC/UEL
Segurança e gerenciamento de acervo bibliográfico	ID System do Brasil

## II Secin

<b>Título das Palestras</b>	<b>Palestrantes</b>
(Palestra Magna) Gestão da Informação e do conhecimento	Dr. Ricardo Rodrigues Barbosa, UFMG
(Mesa redonda) Organização do conhecimento	Dra. Marilsa Lopes Gibes de Lara, USP Dr. Eduardo José Wense Dias, UFMG Dra. Marília Damiani Costa, UFSC
Open Archives	Dr. Luis Fernando Sayão, CNEN
Usuário da informação no contexto digital	Dra. Ida Regina Chittó Stumpf, UFRGS
Fundamentos da gestão da informação para atividade empresarial	Dra. Patrícia Zeni Marchiori, UFPR

## III Secin

<b>Título das Palestras</b>	<b>Palestrantes</b>
Valor legal dos documentos digitais	Ms. Vandenlei Batista dos Santos, Câmara dos Deputados, Brasília, DF
Gerações xyz, web 2.0 e a comunicação científica	Ms. Suely de Brito Clemente Soares, BRCdigit@I UNESP, Rio Claro, SP
Representação descritiva: desenvolvimento, vertentes e novas tendências	Dra. Cristina, Dotta Ortega, Belo Horizonte, UFMG
Desafios para preservação por longo prazo de documentos digitais	Dra. Kátia Thomaz, Tech-in, Belo Horizonte, MG

## IV Secin

<b>Título das Palestras</b>	<b>Palestrantes</b>
A ética e o fazer do profissional da informação	Dra. Henriette Ferreira Gomes, UFBA
(Palestra Magna) Memória e responsabilidade social	Dra. Vera Dodebei, UNIRIO
(Mesa Redonda) Ambientes digitais	Dra. Silvana Aparecida Borsetti Gregório Vidotti, UNESP/Marília Ms. Stefano Kubiça, CELEPAR Dra. Sueli Mara Soares Pinto Ferreira, ECA/USP
Organização e representação da informação e do conhecimento	Dra. Marisa Brascher Basilio Medeiros, UNB
Gestão da informação e do conhecimento nas organizações contemporâneas	Dra. Marta Lígia Pomim Valentim, UNESP/Marília
Compartilhamento e comportamento informacional	Dr. Carlos Alberto Ávila Araújo, UFMG

## V Secin

<b>Título das Palestras</b>	<b>Palestrantes</b>
(Conferência Inaugural)	Prof. Dr. Adriano Moreira, Universidade do Moinho
A geração digital ea apropriação da informação	Profa. Ivete Piericcini, USP
Alternativas para digitalizar e arquivar informação	Prof. Daniel Flores

## VI Secin

<b>Título das Palestras</b>	<b>Palestrantes</b>
(Palestra Magna - PDE) Algunas cuestiones emergentes en el dominio de la Ciencia de la Informació	Dr. José Lopes Yepes, Complutense, Espanha
(Mesa Redonda - PDE) Fenômenos Emergentes e as TIC: novas configurações para a CI	Dr. Ricardo César Santana, UNESP/Tupã Dr. Rogério Ap. de Sá Ramalho, UFSCAR Dra. Maria José Jorente, UNESP/Marília Moderadora: Dra. Silvana D. Monteiro, UEL
Curadoria de dados digitais	Dr. Luís Fernando Sayão, CNEN

## APÊNDICE H

Trabalhos apresentados em todas as edições do Secin

## Secin

## MODALIDADE ORAL

<b>Títulos</b>	<b>Autores</b>	<b>Instituições</b>
Profissional da informação: perfil de habilidades demandadas pelo mercado	Danielle Thiago Ferreira	PUCCAMP
Critérios preliminares para análise de sites de informação jurídica	Rosangela da Glória Novais Reis	PUCCAMP
Análise do acesso a informação através das tecnologias de rede	Ângela Maria Freitas Fonsêca <sup>1</sup> Tayane Cristina Martire <sup>2</sup>	CERB, Salvador <sup>1</sup> UFBA, Salvador <sup>2</sup>
Análise das necessidades dos usuários remotos em relação aos serviços oferecidos por duas bibliotecas da área odontológica	Vânia Martins Bueno de Oliveira Funaro <sup>1</sup> Denise G. P. de Castro <sup>2</sup>	Bibliotecária FOUSP. Mestre em Administração de Serviços de Informação pela PUCCAMP <sup>1</sup> Bibliotecária do CROMG. Especialista em Gestão da Informação Tecnológica pela UFMG <sup>2</sup>
Produção de cadeia de indicadores bibliográficos em c&t, utilizando softwares de domínio público	Adilson Luiz Pinto Rogério Mugnaini	PUCCAMP
Bibliotecas, sociedad de la información y tecnología: una propuesta de investigación desde la automatización y los servicios de las bibliotecas públicas argentinas	Elsa Barber N. Tripaldi S. Pisano V. Werner S. D'Alessandro S. Romagnoli V. Parsiale	UBA

	C. Gregui G. De Pedro	
Rua da cultura: caminho aberto para a cidadania	Fernanda Mecking	Prefeitura do Município de Maringá
A responsabilidade do profissional da informação na recuperação de informações em bases de dados: elaboração e uso de tesouros como instrumento de pesquisa	Leonardo Fernandes Souto	PUCCAMP
A leitura discursiva e conteudista: uma análise contrastiva em Biblioteconomia	Maria Eduarda Serpa	UFBA
Proposta para o desenvolvimento da hora do conto nas bibliotecas escolares da rede municipal de ensino de Londrina	Rovilson José da Silva	Prefeitura de Londrina
Análise de portais verticais: a área médica em evidência	Carlos Cândido de Almeida	Biblioteconomia, Universidade Estadual de Londrina, UEL
A sociedade em rede e a privatização da informação: esforço de um balanço crítico para refletir a sociedade contemporânea	Alcides Fernando Gussi <sup>1</sup> Simone Wolfi <sup>2</sup>	Departamento de Ciências Sociais, UNICAMP <sup>1</sup> Departamento de Ciências Sociais, UEL <sup>2</sup>
Curso de preservação e restauração de material bibliográfico na Penitenciária Estadual de Maringá: relato de experiência	Adélia Tomaz Ana Maria Marquezini Alvarenga Célia Regina da Silva Iza Maria Cavalcanti Brito Vera Lúcia da Silva	UEM
O uso dos meios de comunicação e novas tecnologias em bibliotecas públicas da microregião da Amepar	Wanderley Polli	UEL
A modernização da biblioteca e arquivo na Eletrobrás – um projeto pioneiro no setor elétrico	Cecilia de Salles Vance <sup>1</sup> Eliene de Almeida Melo <sup>2</sup>	Eletrobrás, RJ <sup>1</sup> Consultora em Organização de Arquivos <sup>2</sup>

**MODALIDADE PAINEL**

<b>Títulos</b>	<b>Autores</b>	<b>Instituições</b>
O SENAI/CETALCFP/FAM de Uberlândia, MG, como divulgador de informação técnica e tecnológica	Mila Saldanha de Andrade e Silva	SENAI, MG
A leitura literária nas Bibliotecas Monteiro Lobato de São Paulo e Salvador	Sueli Bortolin Dra. Maria Helena T. C. de Barros	UNESP, Marília
Especificidades e desafios da gestão de unidades de informação	Raquel Rutina Korobinski	Professora do Curso de Gestão da Informação da UFPR, Mestranda em Biblioteconomia e Ciência da Informação pela PUCAMP
Profissionais da informação: habilidades e competências de gestores do conhecimento	Elisabete da Cruz Neves	Mestranda em Biblioteconomia e Ciência da Informação pela PUCAMP
Biblioteca de cara nova	Zery Monteiro	Prefeitura de Maringá
A Bibliometria na exploração de bases de dados: a importância da lingüística	Rogério Mugnaini	Estatístico, mestrando em Ciência da Informação e Biblioteconomia pela PUC-Campinas
Mapeamento cronológico da base de dados especializada em economia: um estudo da base de dados Perie do Instituto de Economia da UNICAMP	Adilson Luiz Pinto	Mestranda em Biblioteconomia e Ciência da Informação pela PUCAMP
A catalogação de informação para internet: padronização garantia de qualidade.	Jeorgina Gentil Rodrigues Alice de Oliveira Mota Cíntia Dalla de Carvalho Hebe Freire Teixeira Lucimar G. da Costa	FIOCRUZ/ICICT

## II Secin

<b>Títulos</b>	<b>Autores</b>	<b>Instituições</b>
A gestão da informação sobre a produção dos bolsistas de iniciação científica na Fiocruz	Alice Ferry de Moraes	FIOCRUZ
Conjugando diplomática e xml: aproximação possível no contexto da proveniência de documentos jurídicos digitais	Renata Gonçalves Curty Fernando Alves da Gama	UEL
Sistema de gerenciamento eletrônico de documentos - um estudo de caso em empresa prestadora de serviços	Ana Cláudia Begnini Quirelli Hissako Fujioka Kelly Elisabeth Mendes	UEL
O uso da informação por pesquisadores de alimentos funcionais da Universidade Estadual de Londrina (UEL)	Sulamita Valente Maria Inês Tomaél	UEL
A importância da atuação do bibliotecário da biblioteca digital em EAD	Vilma Aparecida Gimenes Cruz Bernadete César Gabriela de Marques Martins Maria Cristina Silva	UNOPAR
Inteligência competitiva e redes: interações para a construção do conhecimento	Ariana de Oliveira Almeida	UEL
A importância do serviço bibliotecário no ensino a distância	Keli Rodrigues do Amaral Linete Bartalo	UEL
A educação continuada do profissional bibliotecário no Estado do Paraná	Liane Cordeiro da Silva Linete Bartalo	UEL
A análise da terminologia do processo classificatório: um confronto idiomático-conceitual	Gisele Caputi Franco	UEL
Ciberespaço, memória e esquecimento	Silvana Drumond Monteiro	UEL

	Ana Esmeralda Carelli	
Serviço interno de informação como estratégia de gestão do conhecimento: a experiência da SMAAS	Celsiane Aline Vieira Araújo Leila Márcia Souza da Silva Vanuza Bedeti da Silva	Secretaria Municipal Adjunta de Assistência Social
A web semântica: ontologia ou tesouro? uma revisão de literatura	Maria Elisa Valentim Pickler	UEL
A gestão em rede e os impactos da prospecção e do monitoramento informacional segundo o discurso do sujeito coletivo	Fabiana Sala	Fundação Bradesco
A análise do documento fotográfico através das normas ISAD(G) e AACR2: uma aproximação comparativa	Ana Cristina de Albuquerque Eduardo Ismael Murguia	UNESP
Organização do documento histórico e iconográfico do TECPAR: um relato de pesquisa	Camila de Moraes Martins	TECPAR
Mediação da informação e da leitura	Oswaldo Francisco de Almeida Júnior Sueli Bortolin	UEL
Projetos educacionais em bibliotecas de instituições de ensino superior: relato de uma experiência	Wanderson Scapechi	UNESP
Informação tecnologia para o cultivo do feijão - Agência de Informação Embrapa	Márcia Izabel Fugisawa Souza <sup>1</sup> Pedro Marques da Silveira <sup>2</sup> Maria das Dores Rosa Alves <sup>3</sup> Nilda Pessôa de Solza <sup>4</sup> Ana Lúcia Delalibera Faria <sup>5</sup> Milena Ambrósio Telles <sup>6</sup> Adriana Delfino dos Santos <sup>7</sup> Leandro Henrique Mendonça de Oliveira <sup>8</sup>	Embrapa Informática Agropecuária, Campinas, SP <sup>1</sup> Embrapa Arroz e Feijão, Santo Antonio de Goiás, GO <sup>2</sup> Campinas, SP <sup>3</sup> Embrapa Arroz e Feijão, Santo Antonio de Goiás, GO <sup>4</sup> Embrapa Arroz e Feijão, Santo Antonio de Goiás, GO <sup>5</sup> Embrapa Informação Tecnológica, Brasília, DF <sup>6</sup>

		Embrapa Informática Agropecuária, Campinas, SP <sup>7</sup> Embrapa Informação Tecnológica, Brasília, DF <sup>8</sup>
Livros e censura na imagem cinematográfica	Conceição Aparecida Tedesqui Terezinha Elisabeth da Silva	UEL
Projeto de implantação e implementação de uma biblioteca digital no IAB – Instituto de Arquitetos do Brasil	Samir Hernandes Tenório Gomes	UNESP
A terceira idade e as ações da leitura dos bibliotecários de duas instituições	Clarissa Benassi Gonçalves da Costa Sueli Bortolin	UEL
Gestão da informação: implantação de um sistema de informações gerenciais para o sistema de bibliotecas da UFMG	Jane Rodrigues Guirado Maria de Fátima Pinto Coelho Antônio Eustáquio Rodrigues Maria Elizabeth de Oliveira Costa	UFMG
Acessibilidade digital e as pessoas com deficiência visual associadas à ADEVILON	Rosália Ferreira Sueli Bortolin	UEL
Técnica de incidente crítico – pesquisa de uso da informação externa para tomada de decisão executiva	Cayley Guimarães	UNIBH
Memória organizacional e gestão do conhecimento	Cristina Strohschoen Márcia Bins	UNIJUÍ

### III Secin

<b>Títulos</b>	<b>Autores</b>	<b>Instituições</b>
Regeneratividade dos estudos de satisfação dos usuários da informação	Luciana Ferreira da Costa Francisca Arruda Ramalho	UFPB
Da imaginação à imagem digital: a intersemiotividade da construção da imagem para web	Fábio Rogério	UNESP
A modelagem de dados no processo de catalogação sob a perspectiva do uso dos FRBR	Elvis Fusco Plácida L.V. Amorim da Costa Santos	UNESP
Gestão do conhecimento em universidades: uma proposta de mapeamento conceitual para o Departamento de Ciência da Informação da Universidade Estadual Paulista (UNESP)	Cristiane Luiza Salazar Garcia Marta Lígia Pomim Valentim	UNESP
O bibliotecário como agente mediador da informação, cultura e educação	Gisele Aparecida Ribeiro Sanches	FINAV
Análise de assunto: a questão da leitura automatizada para organizações	Cayley Guimarães Tacyanna Rodrigués Arce	UNIBH
Modelagem de processos de negócios das organizações e sistemas de informação: uma integração necessária	Cayley Guimarães Renato Fróes	UNIBH
Revedo as práticas de organização da informação no infobci: primeiros estudos sobre o vocabulário controlado	Laura Inafuko <sup>1</sup> Pedro Andretta <sup>2</sup> Renan Ramos <sup>2</sup>	UNESP <sup>1</sup> UFSCAR <sup>2</sup>
Palavras-chave: possibilidades de mediação da informação	Izângela M. S. Tonello	UEL
A organização do conhecimento no	Joel Gomes de Abreu	UEL

universo pós-moderno do ciberespaço		
A organização da informação e do conhecimento registrado: uma proposta multidisciplinar	Rosane S. A. Lunardelli Letícia Gorri Molina Leonina Amanda Feitoza Izabel Oliveira Flores; Marlene de Oliveira Tatiane G. de Alvarenga Vânia A. de Carvalho	UEL
Ambientes web 2.0 potencializando a disseminação de conteúdos informacionais: o caso das tradições gaúchas	Caroline Luvizotto Elvis Fusco José Geraldo Poker	UNESP
Taxonomia, folksonomia, acessibilidade e usabilidade: proposta de interseção na área de organização do conhecimento, com foco na recuperação de informação	Benildes Coura Moreira dos Santos Juliana de Assis Alan Vasconcelos Alves Fernanda Pereira	UFMG
As relações entre o comportamento informacional e comunicacional: um estudo empírico nas 150 melhores empresas para trabalhar	Marlene Marchiori Linete Bartalo	UEL
Políticas de informação e o modelo Open Archives Initiative (OAI)	Marcos Antonio de Moraes	UEL
A representação de assunto e a mediação da informação	Noemi Oliveira Martinho Emanuel G. F. Guedes	UNESP
As categorias dos mecanismos de busca: objeto em construção e em permanente modificação	Silvana Drumond Monteiro Renata Gonçalves Curty Nelma Camêlo Araujo Maria Júlia Carneiro Girdes Rogério Paulo Muller Fernandes Joel Gomes Abreu	UEL
Do acesso à participação: redefinindo fluxos de informação	Louise Assunção F. de Oliveira Susane S. Barros	UFBA

	Jussara Borges	
Semana Integrada do Livro e da Biblioteca	Maith Martins de Oliveira <sup>1</sup> Célia Silva Cruz Morales <sup>1</sup> Maria Marlene Zaniboni <sup>1</sup> Mônica Pereira Losnak <sup>2</sup>	UNESP <sup>1</sup> ITE <sup>2</sup>
Portal corporativo interno de um hospital universitário, um estímulo para a gestão da informação e a aprendizagem organizacional	Valeria Maria Gataz Sguario Maria Inês Tomaél	UEL
O uso do Open Journal Systems – OJS pelos periódicos científicos em turismo	Alan Curcino Pedreira da Silva <sup>1</sup> Luciana Ferreira da Costa <sup>2</sup>	Escola de Engenharia de Pesca e Turismo Senador Freitas Cava <sup>1</sup> UFPB <sup>2</sup>
A essência das coisas: considerações sobre a categorização e a formação conceitual	Alessandra Rodrigues da Silva Gercina Ângela Borém de Oliveira Lima	UFMG
Produção do conhecimento sobre jogos a partir do banco de dados ARELB (1891-1968)	Francielle Amaral da Silva Elza Margarida de Mendonça Peixoto	UEL
Gestão do conhecimento e redes organizacionais: Serviço Brasileiro De Respostas Técnicas (SBRT) – da prática para a teoria	Sonia Maria Marques de Oliveira	Tecpar
Arquivos pessoais: organização e referenciais teóricos por meio do Acervo João Antônio	Thais Jeronimo Svicero	UNESP
Competência informacional e satisfação das necessidades informacionais dos pesquisadores da área de Medicina Veterinária da Universidade Estadual De Londrina (UEL)	Poline Fernandes Thomaz Linete Bartalo	UEL
Reflexões sobre política de informação em instituições acadêmicas: a via verde em	Emanuelle Torino Lígia Patrícia Torino	UEL

foco	Terezinha Elisabeth da Silva	
Videogames em bibliotecas: discussões em jogo	Ricardo Quintão Vieira Jeane dos Reis Passos Cristiane Camizão Rockiki	SENAC – Campus Santo Amaro

## IV Secin

**EIXO 1: MEMÓRIA E RESPONSABILIDADE SOCIAL**

<b>Títulos</b>	<b>Autores</b>	<b>Instituições</b>
Memória de uma bibliotecária-personagem e a mediação oral da literatura com adolescentes	Sueli Bortolin Oswaldo Francisco Almeida Júnior	UEL
Memória: um novo olhar sobre os arquivos do judiciário	Tassiara Jaqueline Fanck Kich Marieta Marks Löw	TJRS
A coleção AMIDICIS Tocantins da Biblioteca Central da UFMT: relatos da situação atual do acervo histórico	Admeire Silva Santos	UFMT
Arquivos de imagem e som como espaço de memória	Alessandro Ferreira Costa	UFMG
(In)formação profissional em arquivologia sob perspectiva discente	Luciana Ferreira da Costa Francisca Arruda Ramalho	UFPB

## EIXO 2: ORGANIZAÇÃO E REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO E DO CONHECIMENTO

<b>Títulos</b>	<b>Autores</b>	<b>Instituições</b>
Um salto no vazio? Considerações iniciais sobre a organização e representação de arquivos pessoais	José Francisco Guelfi Campos	Aluno do departamento de História da FFLCH-USP e pesquisador do Centro de Memória da Educação FE/USP
A contribuição do vídeo jôquei para as ciências da informação	Guilherme Henrique de Oliveira Cestari Renato Macri	UEL
Análise de cocitação dos artigos produzidos pelos docentes do PPGCI na linha de pesquisa “produção e organização da informação” da UNESP/Marília	Bruno Henrique Alves	UNESP
A representação da informação e suas contribuições na organização de conteúdos em áreas básicas de atendimento à comunidade: reflexões iniciais de um projeto de pesquisa	Izangela M. S. Tonello Eduardo Galliano Flávio Ernesto Gaya Zanin Layara Feifer Calixto Jullia Mendes Santos	UEL
As hipersintaxes no ciberespaço	Maria Júlia Carneiro Giraldes Silvana Drumond Monteiro Ilza Almeida Andrade Rogério Muller Fernandes Fernando Luiz Vechiato Nelma Camelo Araujo	UEL

### EIXO 3: GESTÃO DA INFORMAÇÃO E DO CONHECIMENTO NAS ORGANIZAÇÕES CONTEMPORÂNEAS

<b>Títulos</b>	<b>Autores</b>	<b>Instituições</b>
Sistema De Legislação Informatizada (LEGIN): uma experiência em gestão da informação jurídica na Câmara dos Deputados	Marilene Mendes Sow; Thiago Gomes Eirão	Câmara dos Deputados. Coordenação de Estudos Legislativos. Praça dos Três Poderes, Anexo II. CEP: 70.160-900 Brasília, DF – Brasil
Paradigma da pesquisa em análise de redes sociais: usos e possibilidades para a Ciência da Informação no Brasil	Dalton Martins	USP
Práticas de gestão do conhecimento em uma equipe de desenvolvimento de software	Paula Carina de Araújo Maria Emilia Pecktor de Oliveira Helena de Fátima Nunes Silva Newton Corrêa de Castilho Junior	UFPR
Gestão da informação: do dado a tomada de decisão	Lucimeiry Maria Minuzzi e Nascimento Rosa Maria Machado Tóffolo Maria Inês Tomaél	UEL
O fluxo e a demanda de informação: a busca pelo ponto de equilíbrio na sociedade da informação	Gisele Mara Durigan Nádina Aparecida Moreno	UEL
Conhecimento como estratégia para alcançar vantagem competitiva sustentável: situação das empresas brasileiras	Rosana Oliveira Lucia Regina Marques Giordano Linete Bartalo Maria Inês Tomaél	UEL
Cultura e comunicação informacional como fatores influenciadores da construção de conhecimento em ambientes empresariais	Cassia Dias Santos Marta Lígia Pomim Valentim	UEL
A apropriação do conhecimento pelas organizações: uma proposta metodológica	Gino Marzio Ciriello Mazzetto Maria Inês Tomaél Linete Bartalo	UEL

A gestão da informação e do conhecimento no ambiente organizacional: convergências e divergências	Neli Carla Martins Marisa de Fátima Silva Lemes Trindade Maria Inês Tomaél	UEL
Informação para o setor sucroalcooleiro de Alagoas: um estudo das fontes de informação que apoiam as decisões	Marcio Ferreira Silva	UNESP, Marília
Gestão do conhecimento no Instituto Paranaense De Desenvolvimento Econômico E Social – IPARDES	Juilson Previdi Linete Bartalo Brígida Maria Nogueira Cervantes	UEL
Gestão da informação e do conhecimento frente à exclusão digital	Jane Coelho Danuello <sup>1</sup> Marcelo Cardoso Freitas Gonçalves <sup>2</sup> Sandra Choi Marchesano <sup>2</sup>	Doutoranda em Ciência da Informação pela UNESP, Marília <sup>1</sup> Técnico (a) em Biblioteconomia na FOB-USP <sup>2</sup>
Projeto de GED: experiência vivenciada na UNIMED Londrina	Andréa do Prado Souza <sup>1</sup> Nelma Camêlo de Araújo <sup>2</sup>	UEL <sup>1</sup> Mestrado em Ciência da Informação pela UFSC, professora assistente da UFAL <sup>2</sup>
Tendências atuais das TIC na sociedade do conhecimento: as TIC nos projetos pedagógicos dos cursos de graduação da Universidade Estadual de Londrina	Gino Marzio Ciriello Mazzetto Rosângela Ramsdorf Zanetti Sergio Hiroshi Manabe Ana Esmeralda Carelli	UEL
Política de informação: estudo das temáticas de pesquisas brasileiras	Terezinha Elisabeth da Silva Raiane Vecchia Camargo	UEL
Perfil informacional dos alunos dos cursos de Arquivologia e Ciência da Computação da UEL	Poline Fernandes Fernandes Thomaz Linete Bartalo	UEL
Tecendo informações	Marcia Regina Paiva Fabrício de Souza Fortunato Maria Julia Giannasi-Kaimen	UEL

**EIXO 4: AMBIENTES DIGITAIS**

<b>Títulos</b>	<b>Autores</b>	<b>Instituições</b>
Cores e estados afetivos nos processos de avaliação da qualidade de informação: aspectos teórico-metodológicos para uma pesquisa de campo	Patricia Zeni Marchiori Andre Luiz Appel Eduardo Michelotti Bettoni Denise Fukumi Tsunoda	UFPR
Web 2.0: o uso do FLICKR, DEL.ICIO.US, RSS e TWITTER em bibliotecas universitárias	Richele Grengue Vignoli Maria Inês Tomaél	UEL
Mecanismo de busca: informação disponível na web	Marisa de Fátima Silva Lemes Trindade Neli Carla Martins Rosana Oliveira Ana Esmeralda Carelli	UEL
Leitura e TICS: a hora do conto utilizando tablet	Lucirene Andréa Catini Lanzi Edberto Ferneda Silvana Aparecida Borsetti Gregorio Vidotti	UNESP, Marília
O conceito de biblioteca digital institucional na sociedade da informação	Maria Irene da Fonseca e Sá	FACC/UFRJ
A web 2.0 e os serviços de referência em bibliotecas	Morgana Carneiro Andrade Leonina Amanda Feitoza Alexandre Almeida Ferreira Marlene de Oliveira Ana Esmeralda Carelli	UEL
Tecnologias da informação e comunicação, a docência e os discentes imigrantes e nativos digitais	Justymara Fernanda dos Santos Serrano <sup>1</sup> Alex Ferreira Novaes <sup>2</sup>	UNOPAR, Londrina <sup>1</sup> Colégio Estadual Maria José Balzanelo Aguilera, Londrina <sup>2</sup>
Websites de instituições arquivistas nacionais de tradição ibérica: práticas participativas na web 2.0	Louise Anunciação Fonseca de Oliveira; Maria Teresa Navarro de Britto Mattos	UFBA

Elementos facilitadores de acesso à informação nos repositórios temáticos brasileiros na web	Gabriela Domingues Maria Julia Giannasi Kaimen	UEL
Ambientes virtuais de aprendizagem colaborativa	Geneviane Duarte Dias Ilza Almeida de Andrade Decio Wey Berti Junior Ana Esmeralda Carelli	UEL
Contribuições dos colégios invisíveis e dos blogs na disseminação e compartilhamento do conhecimento científico	Adriana Aguilera Gonçalves Ana Esmeralda Carelli Claudia Regina Cicon Lúcia Regina Marques Giordano	UEL
Blog Internautis e o curso de informática da Universidade Aberta à Terceira Idade da UNESP de Marília	Laura Akie Saito Inafuko Ana Maria Jensen Ferreira da Costa Ferreira Silvana Aparecida Borsetti Gregorio Vidotti Thabyta Giraldelli Marsulo Gabriel Oblasser dos Santos	UNATI/UNESP, Marília
A informação como estratégia para o exercício da cidadania e controle social	Zuleika Rodrigues Ramos Frari Luiz Fernando Casarim Renato Corgosinho Ana Esmeralda Carelli	UEL
Second life e transparência pública: compartilhamento de dados públicos em ambientes colaborativos	Ana Maria Jensen Ferreira da Costa Ferreira Ricardo Cesar Gonçalves Sant'Ana	UNESP
Twitter: repositório memorialístico do discurso político parlamentar	David Henrique Moura Viana Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira	UFPB

## V Secin

**EIXO 1: BUSCA E APROPRIAÇÃO DA INFORMAÇÃO**

<b>Títulos</b>	<b>Autores</b>	<b>Instituições</b>
A implantação da lei de acesso à informação na UNILA	Tatianne Akaichi Noemi Ferreira Felisberto Pereira Franciele Merlo	UNILA
Mídia-ações bibliotecárias: infoeducaç@o de usuários	Regina de Almeida	UNIRIO
Comportamento informacional das comunidades acadêmica e organizacional da Universidade Estadual de Londrina	Linete Bartalo Miguel Luiz Contani Ivone Guerreiro Di Chiara Neiva Aranda Lopes Butarello Alexandre Sebold Kuiawski Matheus Nantes da Costa	UEL
Competência em informação e a recepção do texto literário e informacional	Luciane de Fátima Beckman Cavalcante Sueli Bortolin Regina Célia Baptista Belluzzo	UEL
Tratamento da informação aplicado ao arquivo do comando geral da Polícia Militar da Paraíba	Deyse da Silva Eugênio	UEPB
A lei de acesso à informação pública: perspectivas para o profissional da informação	Roger de Miranda Guedes	UFMG
Fontes de informação utilizadas nos escritórios de contabilidade do município de Rondonópolis – MT	Alexandre Oliveira de Meira Gusmão Patrícia Marques de Araújo Susana Nunes Taule Pinol Camila Lindomar Mendonça Lopes Santana	UFMT
O uso da voz e do tablet em narrativas de	Lucirene Catini Lanzi	UNESP

histórias	Sueli Bortolin Edberto Ferneda Silvana Aparecida B.G. Vidotti	
A mediação da informação como fazer científico	Fernando Cruz Lopes	UEL
O comportamento informacional dos servidores da Pró-reitoria de graduação no atendimento ao usuário	Gino Marzio Ciriello Mazzetto Linete Bartalo	UEL
Sociedade da informação, do conhecimento ou da comunicação? a questão da apropriação da informação	João Arlindo dos Santos Neto Oswaldo Francisco de Almeida Júnior Marta Lígia Pomim Valentim	UNESP
A contribuição das estratégias de aprendizagem na busca e uso da informação	Vanessa de Souza Pianovski Adriana Rosecler Alcará	UEL
Mediação cultural: interação e apropriação da informação em bibliotecas públicas	Alessandro Rasteli Lidia Eugênia Cavalcanti	UNESP
Saberes informacionais na educação superior: um estudo exploratório	Wanderson Scapechi	UNIESP
Acesso à informação: notas de pesquisa	Terezinha Elisabeth da Silva Thiago Gomes Eirão Raphael Silva Cavalcante	Câmara dos Deputados

**EIXO 2: PRODUÇÃO E DIFUSÃO DA INFORMAÇÃO**

<b>Títulos</b>	<b>Autores</b>	<b>Instituições</b>
Os bolsistas produtividade do CNPq (PQ) da Ciência da Informação: um estudo na Plataforma Lattes	Tatianne Akaichi Ilemar Christina Lansoni Wey Berti Renata Lira Furtado	UEL
A temática recepção na revista Ciência da Informação: estudo da produção	Fernanda Mecking Arantes Ana Esmeralda Carelli	UEL
Cinema, arquivos e colecionadores: guarda e difusão de informações e massas documentais representativas à história cinematográfica	Alessandro Ferreira Costa	UFMG
A instituição de arquivo e as novas tecnologias: websites como perspectivas de acesso	Michele Brasileiro Geronimo Maria Leandra Bizello	UNESP
Estudos nas bases de dados WOS e SCOPUS: convergências e divergências	Rosana Oliveira Alexandre Almeida Ferreira Ana Esmeralda Carelli Rosa Maria Machado Tóffolo Marcos Antonio de Moraes	UEL
Concepção de arquivo no contexto pós-moderno: uma revisão das correntes teóricas da arquivologia clássica e da arquivologia pós-custodial	Ana Flávia Dias Zammataro	UEL

### EIXO 3: ALTERNATIVAS PARA ORGANIZAÇÃO E REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO

<b>Títulos</b>	<b>Autores</b>	<b>Instituições</b>
A organização da informação na web: em foco o site da ABRASCO	Claudia Regina Cicon Patrícia Ofélia Almeida Sandra Regina Lage Rosane Alvares Lunardelli	UEL
O uso de softwares livres na gestão pública de acervos informacionais: o caso do Koha nas bibliotecas de São Bernardo do Campo	Rafael Saad Fernandez	UFABC
Registro bibliográfico e intercâmbio de dados em ambientes informacionais	Ana Paula Grisoto	UNESP
Aplicativos coleta de dados CAPES e Web SAAD: integração de dados da pós-graduação	Jaqueline Pereira Carvalho Halicki Silvana Aparecida Borsetti Gregorio Vidotti	UNESP
Análise dos documentos fotográficos do Museu Municipal Jezualdo D'oliveira: aspectos de tratamentos organizacionais	Bruno Henrique Machado Telma Campanha de Carvalho Madio	UNESP
Estudo de metodologias para a construção de vocabulários controlados no âmbito da Ciência da Informação	Jaqueline Ribeiro Rocha Gabriela Domingues Brígida Nogueira Cervantes	UEL
A imagem em negativos de vidro: um estudo da caracterização da mulher no fundo estúdio foto estrela do Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) da Universidade Estadual de Londrina (UEL)	Dayane Soldan Ana Cristina de Albuquerque	UEL
Sistemas de organização do conhecimento: taxonomia e mapa conceitual	Cynthia Maria Kiyonaga Suenaga Maria Rosemary Rodrigues Jose Carlos Francisco dos Santos Brígida Maria Nogueira Cervantes	UEL

**EIXO 4: MÍDIAS SOCIAIS E DISPOSITIVOS MÓVEIS**

<b>Títulos</b>	<b>Autores</b>	<b>Instituições</b>
Serviço de referência nas bibliotecas escolares: enfoque na utilização de recursos colaborativos e dispositivos móveis	Rosângela Romero Carriça Fernando Luiz Vechiato	UEL
Aplicabilidade da arquitetura da informação para avaliação de sistemas de dispositivos móveis de interface gestual	Gian Carlo Decarli Fernando Luiz Vechiato	UEL
Arquivos permanentes na web: disseminação da informação	Paula Amorim Gonzalez Maria Jose Vicentini Jorente	UNESP
As mídias sociais como fontes de informação para formação profissional: o blog de olho na CI	Aline Poggi Lins Lima Isa Maria Freire	UFPB
Serviço de referência virtual por meio de dispositivo móvel: uma análise participativa	Natalia Nakano Maria José Vicentini Jorente	UNESP
Bibliotecas e bibliotecários no Second Life: discussões	Maíra Prado Heloá Oliveira	UNESP
A indústria fonográfica nos tempos da internet: como a pirataria pode servir de modelo para combater a própria pirataria - as experiências Jamendo e Trama Virtual/Álbum Virtual	André Pequeno dos Santos	USP
Práticas inovadoras do bibliotecário no ambiente virtual	Tiago de Souza Maria Inês Tomaél	UEL

### EIXO 5: O CIBERESPAÇO E A REDEFINIÇÃO DA INFORMAÇÃO

<b>Títulos</b>	<b>Autores</b>	<b>Instituições</b>
Web invisível: compreendendo a invisibilidade no ciberespaço	Marcos Vinicius Fidencio Silvana Drumond Monteiro	UEL
Cibercidades: as tecnologias de comunicação e a reconfiguração de práticas sociais	Gabriela Scroczyński Fontes Icléia Rodrigues de Lima e Gomes	UFMT
O design de conexões e a redefinição da informação: um projeto da era da mobilidade	Joana Gusmão Lemos Maria Jose Vicentini Jorente Edberto Ferneda	UNESP
Tradução intersemiótica dos mecanismos de busca no ciberespaço	Silvana Drumond Monteiro Rogério Paulo Muller Fernandes Maria Júlia Carneiro Giraldes Benjamim Luiz Franklin Ilza Almeida Andrade Richele Vignoli Marcos Vinicius Fidencio	UEL
Websites de instituições arquivistas nacionais de tradição ibérica e ferramentas web 2.0: uma reflexão sobre a cultura participativa	Louise Anunciação Fonseca de Oliveira Maria Teresa Navarro de Britto Matos	UFBA
O profissional arquiteto da informação	Fabiano Ferrari Ribeiro Silvana Drumond Monteiro	UEL

## EIXO 6: OS REPOSITÓRIOS E O ACESSO À INFORMAÇÃO

<b>Títulos</b>	<b>Autores</b>	<b>Instituições</b>
Arquivos pessoais, acesso e memória: questões em pauta	José Francisco Guelfi Campos	USP
Repositórios digitais como ambientes de atuação do arquivista: enfoque nos princípios arquivísticos e na gestão documental	Alexandre Fernal Fernando Luiz Vechiato	UEL
Repositórios digitais no âmbito da arquivística: um estudo de caso no Arquivo Público do Paraná	Maria da Graça Simão Gonçalves Solange de Oliveira Rocha Gilberto Martins Ayres Thais Regina Franciscon de Paula	UEL
Análise quantitativa dos repositórios institucionais brasileiros cadastrados no Registry of Open Access Repositories (ROAR)	Marcos Antonio de Moraes Ana Esmeralda Carelli	UEL
Prontuário do paciente: a questão do sigilo e a lei de acesso à informação	Izângela Maria Sansoni Tonello Risla Meressa da Silva Nunes Aline Peres Panaro	UEL
Objetos digitais: em busca da precisão conceitual	Eloi Juniti Yamaoka Fernando Ostuni Gauthier	UFSC

## VI Secin

**EIXO 1<sup>10</sup>: ORGANIZAÇÃO E REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO E DO CONHECIMENTO (ORIC)**

<b>Títulos</b>	<b>Autores</b>
Categorias do pós-humano e a tecnologias móveis	Welk Ferreira Daniel Silvana Drumond Monteiro
O prontuário eletrônico do paciente e seus enfoques temáticos no Journal Of Health Informatics	Rosane Alvares Lunardelli Izângela Maria S. T. de Oliveira Bruno Ortega Ferreira Elisio Custodio Brentan Junior
Lugares de memória e o prontuário do paciente: possíveis relações	Rosane Alvares Lunardelli Izângela Maria S. T. de Oliveira Elisio Custodio Brentan Junior Bruno Ortega Ferreira
A in-formação, os mecanismos de busca no ciberespaço e perspectiva do sujeito no mundo planejado	Gustavo Lunardelli Trevisan Cristina Ribeiro dos Santos
Repositórios de objetos de aprendizagem: da arquitetura aos padrões de metadados para catalogação dos recursos educacionais	Luciana Maria Vieira Pöttker Edberto Fereda José Antonio Moreira-González
A dark web e seu conteúdo informacional	Richele Grengue Vignoli Silvana Drumond Monteiro
A indexação no Directory of Open Access Journals de periódicos científicos eletrônicos	Tânia da Costa Calheiros
Uma análise do portal de conteúdo UOL sob o aspecto da encontrabilidade	Eder Antonio Pansani Junior Thabyta Giraldelli Marsulo
Terminologias do direito relativas ao artigo 1.571 do código civil: um estudo comparativo com os sistemas de classificação bibliográfica	Regina Celia Pinto Binati Brígida Maria Nogueira Cervantes
A produção científica em auditoria de informação: um recorte do	Marcelo Maia

<sup>10</sup> O eixo 1 e o eixo 2 não apresentaram a instituição dos autores que apresentaram trabalhos nesta edição do evento.

estado da arte baseado em elementos da bibliometria	Patricia Zeni Marchiori
Linguagem cinematográfica e documentos audiovisuais: compreendendo seus elementos	Luiz Antonio Santana Silva Telma Campanha Carvalho Madio
Os mecanismos de busca na perspectiva da web semântica	Diana Vilas Boas Souto Aleixo Silvana Drumond Monteiro
Recurso, descrição e acesso, em tempos de catálogos on-line: lançando um olhar para as tendências de pesquisa	Silvana Maria de Jesus Vetter
Estudo comparativo do padrão de descrição de informação e marc 21 em livro	Milene Rosa de Almeida moura Luzia Sigoli Fernandes Costa
As coleções como patrimônio: um meio para a preservação da história e da memória	Gabriela Bazan Pedrão Maria Leandra Bizello
Organização e representação do conhecimento em tesouros: uso do sistema e-terms	Filipi Miranda Soares Benildes Coura Moreira dos Santos Maculan
Representação e recuperação da informação jurídica com base no design de informação	Vinícius Santarém Marcia Cristina de Carvalho Pazin Vitoriano
Leitura discursiva na organização do conhecimento: uma aproximação com a representação coletiva e memória social	Cynthia Maria Kiyonaga Suenaga João Batista Ernesto de Moraes
Panorama sobre a utilização dos padrões de metadados IEEE LOM e OBAA em repositórios educacionais brasileiros	Marcia Cristina dos Reis Edberto Ferneda
Da percepção a ação: affordances como elementos facilitadores para a encontrabilidade da informação em bibliotecas	Alessandra Stefane Cândido Elias da Trindade Fernando Luiz Vechiato
Coleções de livros na perspectiva da memória literária: o caso da coleção AMIDICIS Tocantins	Admeire da Silva Santos Sundström Maria Leandra Bizello
O percurso discursivo da ciência da informação através do estudo de periódicos da área na década de 1990	Mariana da Silva Caprioli Ana Laura Silva Xavier Laís Caixeta João Batista Ernesto de Moraes
Percurso investigativos sobre ambientes digitais e suas relações com narrativas orais: o caso do projeto oficinas intergeracionais	Simone Borges Paiva Ana Maria Mendes Miranda Matheus Catarino
Ciência da Informação e catalogação à luz do processo	Jorge Santa Anna

comunicativo: o usuário e a compreensão dos registros bibliográficos	
Frohmann e a questão do regime de informação no contexto da organização e representação do conhecimento: aporte teórico discursivo	Larissa de Mello Lima Mariana Silva Caprioli Ana Laura Silva Xavier
O padrão brasileiro de metadados para teses e dissertações - MTD-BR: aspectos e contribuições	Fabício Baptista Edberto Ferneda
Linguística documentária e análise do discurso: um mapeamento entre conceitos	Larissa de Mello Lima Walter Moreira João Batista Ernesto Moraes
Ontologia: uma análise terminológico-conceitual no Congresso Internacional Ontobras	Isabela Santana de Moraes Walter Moreira
Arquivos e bibliotecas no contexto da Ciência da Informação: enlaces paradigmáticos	Jorge Santa Anna
Organização e recuperação da informação arquivística no contexto do planejamento organizacional	Lidiane Marques Freitas Ana Cristina de Albuquerque
Portfólio de pastagem: construção de estratégia de busca na Web of Science	Thais Silva Justino
Realização de controle de autoridade para pesquisadores em datasets referidos como de "publicações" no linked data: um mapeamento	Antonio Victor Wolf Tadini José Eduardo Santarem Segundo
Eye Tracking em interface do Google: a influência do elemento "Rich Snippet"	Cecilio Merlotti Rodas Silvana Aparecida Borsetti Gregorio Vidotti
Métodos de análise de assunto em fotografias: estudo no âmbito do ensino da representação da informação	Ana Carolina Simionato
Um estudo sobre ontologia no Secin: de 2001 a 2013	José Carlos Francisco dos Santos Érica Fernanda Vitorini Walter Moreira
A produção científica sobre netnografia em periódicos de Ciência da Informação no Brasil	Gian Carlo Decarli
A indexação das obras xilográficas de Paulo Menten: um estudo	Viviane Faria Machado

do sistema InfoMusa	Ana Cristina de Albuquerque
A organização do conhecimento na perspectiva das premissas de barité e os mapas conceituais	Maria Rosemary Rodrigues
A diplomática e a certificação digital na autenticidade do documento digital: uma reflexão sob o Projeto Interpares	Gustavo Milanez Benício Eliandro dos Santos Costa
Controle de vocabulário em periódicos científicos eletrônicos: proposta de implantação da VCPC Toolsno periódico “Discursos Fotográficos”	Brígida Maria Nogueira Cervantes Rodolfo Rorato Londero José Carlos Francisco dos Santos Paula Regina Ventura Amorim Gonçalves
O processo de análise de descritores em periódicos científicos eletrônicos da área de Ciência da Informação	Marinara Ferreira Santos Jaqueline Ribeiro Rocha Brígida Maria Nogueira Cervantes Ana Esmeralda Carelli

**EIXO 2: COMPARTILHAMENTO DA INFORMAÇÃO E DO CONHECIMENTO (CIC)**

<b>Títulos</b>	<b>Autores</b>
O compartilhamento de informação em mapas colaborativos na internet	Ramon Fernandes Lourenço Jackson Leonel Ferreira Maria Inês Tomaél
O governo e a governança eletrônicos como indutores do aprendizado organizacional no setor público e na sociedade: reflexões e aproximações teóricas	Armando Marques Thomaz Jr. Maria do Carmo Duarte Freitas Glauro Gomes de Menezes
Inteligência social aplicada na disseminação de produtos e serviços	Flávia Alves Calado Marta Lígia Pomim Valentim
As mudanças de gerações e o impacto na construção do conhecimento organizacional	Carlos Francisco Bitencourt Jorge Francielle Jacobino Juliana da Costa Rodrigues Ana Lívia Cazane
Prospecção e monitoramento de informação em saúde para os profissionais do Centro de Referência em Saúde do Trabalhador de Marília-SP	Camila de Biaggi Marta Lígia Pomim Valentim
Biblioteca escolar acessível: princípios do desenho universal	Raquel A. Ribeiro Silva Sueli Bortolin
Introdução do ciclo melhoramento contínuo à gestão documental	Ramon Maciel Ferreira Martius Vicente Rodriguez y Rodriguez Raone Somavilla
Atuação de coletivos culturais em bibliotecas: projeto ao redor, do coletivo estopô balaio	Marcos Paulo de Passos
O papel do mediador da informação no processo de estruturação da memória organizacional	Juliana Cardoso dos Santos João Arlindo Santos Neto María Manuela Moro Cabero Oswaldo Francisco de Almeida Júnior
Produção científica sobre mediação nos anais do Secin (2001-2013): divergências e convergências	João Arlindo dos Santos Neto Sueli Bortolin Oswaldo Francisco de Almeida Júnior
A mediação do livro de imagem no Projeto Palavras Andantes	Ana Paula Pereira

em Londrina	Sueli Bortolin
O papel do contador de histórias com crianças do ensino fundamental	Rafaela Carolina da Silva Aline Botelho Cláudio Marcondes de Castro Filho
A contação de histórias e a Ciência da Informação: aproximações possíveis	Felícia de Oliveira Fleck Miriam Vieira da Cunha
A contação de histórias e sua contribuição no desenvolvimento da criança	Tatiane de Fatima Farina
A influência da gestão da informação para captação e retenção de clientes com o uso de sistemas CRM	Fernanda Furio Crivellaro Marcia Cristina de Carvalho Pazin Vitoriano
A prova documental: a defesa da empresa no processo administrativo fiscal	Maria Fabiana Izidio de Almeida Roberta Pereira Panciera Marcia Cristina de Carvalho Pazin Vitoriano
A importância da gestão do conhecimento na contabilidade gerencial: um estudo teórico	Paula Frassinette do Carmo Leticia Gorri Molina
O Twitter como dispositivo de mediação da informação em períodos eleitorais	Ronaldo Ferreira de Araújo
A biblioteca universitária como cenário à mediação cultural: relato de experiência na universidade católica Dom Bosco – UCDB	Mourâmise Moura Viana Rodrigo Pereira
Mediação e bibliotecas comunitárias: o papel do mediador no incentivo a leitura	Clara Duarte Coelho
Biblioterapia e a mediação de textos na escola e no consultório	Meire Barra Rosa Reis
Análise dos conceitos sobre gestão do conhecimento no âmbito da Ciência da Informação e Biblioteconomia	Luana Calcete Vaz Tenório Marta Lígia Pomim Valentim
Produção bibliográfica da Faculdade de Ciência da Informação depositada no Repositório Institucional da Universidade de Brasília: um estudo bibliométrico	Paulo Roberto Morelli Maria Julia Giannasi Kaimen Maria Inês Tomaél
Prestígio e produção na ciência brasileira: os bolsistas de produtividade e a produtividade dos bolsistas	Claudio Nei Nascimento da Silva Suzana Pinheiro Machado Mueller

Comportamento de busca de fontes de informação de uma equipe de tecnologia da informação	Alexandre Almeida Ferreira Linete Bartalo
Competência em informação aplicada à saúde bucal: em foco a atenção odontológica precoce	Marisa de Fátima Silva Lemes Trindade Neli Carla Martins Jacob Linete Bartalo
Processo de busca e uso da informação por pós-graduandos	Vanessa de Souza Pianovski Adriana Rosecler Alcará
Revisitando a pesquisa na escola	Ana Lucia Antunes de Oliveira Bicheri Sueli Alves da Silva
Quem dirige o carro? uma reflexão sobre a informação e o conhecimento nas tecnologias embarcadas nos veículos	Alexandre Pepe Reis
Mediação cultural e suas práticas: um estudo no sistema de bibliotecas públicas de londrina	Bárbara Damiane Silva
Prospecção Biblioteca Especializada de Arte Francisca Campinha Garcia Cid	Leda Maria Araújo Leticia Baptista Pires
Bibliotecas universitárias como agentes na consolidação do movimento de acesso aberto no Brasil	Alessa Fabíola dos Santos Fernando Cavalcanti Moreira Divino Ignácio Ribeiro Jr.
Mediação da informação no <i>youtube</i> : uma análise dos vlogs sobre jogos eletrônicos	Samantha Paula Damada Ramos Mayara de Melo Santana João Arlindo dos Santos Neto
O uso do Alfresco para criação de arquivos pessoais e familiares	Paula Regina Ventura Amorim Gonçalez Caio Saraiva Coneglian José Eduardo Santarem Segundo
Parâmetros para organizar uma oficina de vlog na biblioteca escolar	Rosemari Pereira dos Santos Alves Rovilson José da Silva
Repositório de dados científicos nas universidades brasileiras e portuguesas	Elizabete Cristina de Souza de Aguiar Monteiro Ricardo Cesar Gonçalves Sant'Ana
Design para um curso online em curadoria digital: estratégias de apoio a formação e inovação em tecnologias e cultura digital	Natalia Nakano Mariana Cantisani Padua Lucinéia da Silva Batista Maria José Vicentini Jorente

Análise de redes sociais: uma década de publicações	Priscila Romero Sanches César A. Galvão F. Conde Maria Inês Tomaél
Gestão de coleções e sua abrangência nas práticas bibliotecárias: análise da percepção dos alunos de biblioteconomia	Jorge Santa Anna
O profissional da informação e a complexidade do mercado de trabalho global na sociedade do conhecimento	Francisco Carlos Paletta
Experiência de usuário: uma análise do ambiente wikipédia	Ana Maria Jensen Ferreira da Costa Ferreira Sandra Milena Roa Martinez Caio Saraiva Coneglian Silvana Aparecida Borsetti Gregorio Vidotti José Eduardo Santarém Segundo
Acesso às informações sobre agricultura familiar na web	Fábio Mosso Moreira Fernando de Assis Rodrigues Ricardo César Gonçalves Sant'Ana Pedro Henrique Santos Bisi
Compartilhamento horizontalizado da informação científica em ambientes digitais complexos: emergências decorrentes das intersemioses sistêmicas	Joana Gusmão Lemos Maria José Vicentini Jorente
Das iniciativas de formação de usuários aos programas de competência em informação: uma análise a partir do SNBU e CBBB	Marta Leandro da Mata Adriana Rosecler Alcará
Comportamento de busca de professores da área da educação no uso de fontes de informação	Nayara Bernardo de Mattos Thaís Guedes Ferreira Helen de Castro Silva Casarin
Os produtos e serviços em websites de arquivos públicos estaduais como contributo para a cultura informacional	Luan Henrique Ferreira Giroto Rosangela Caldas
A geração z e as plataformas tecnológicas	Elismar Vicente Reis
Transformação da informação em conhecimento na educação escolar: contribuições da teoria histórico-cultural	Letícia Vidigal Ariane Xavier de Oliveira

	Diene Eire de Mélo Dirce Aparecida Foletto de Moraes
Entrevista: um relato de aplicação da técnica	Maria Cristina Gomes Andreza Alves de Oliveira Adriana Rosecler Alcará

## APÊNDICE I

## Diálogos do grupo de foco

Com o auxílio de alguns disparadores de memória<sup>11</sup> distribuído par as coordenadoras, foi dado início ao grupo de foco.

**Pesquisadora:** Esse a coordenadora foi a Profa. XXXX.

**Coord.2:** Eu era estudante nessa época, mas lembro que foi ali no CESA.

**Pesquisadora:** Em relação as iniciativas do pré-evento, sobre a estruturação da programação, o envolvimento do departamento na organização, as formas de divulgação, os apoios, gostaria que falassem um pouco.

**Coord.2:** Melhor começar dos mais antigos.

**Pesquisadora:** Esse é o 1º Secin (apontando para o cartaz).

**Coord.2:** Nesse primeiro minha contribuição é praticamente zero, porque nós estudantes, fomos convocados para uma questão mais operacional, que era bem assim, no dia do evento, então não participávamos das reuniões para definir programação, então acho que de nós quem poderia falar mais seria a Coord.1, que estava docente, estava no doutorado não é?

**Coord.1:** Que eu me lembre, havia bastante envolvimento com a Profa. XXXX, os professores do Departamento e a Diretora da Biblioteca, houve também um envolvimento dos funcionários da Biblioteca Central, administrativo foi bem forte lá.

**Coord.2:** Mas eu lembro que foi um evento bem estruturado assim né, porque assim, pelo que eu disse, meu contato foi mais operacional no dia que estava acontecendo, participei também, assisti as palestras, estava muito bem organizado, teve bastante gente no evento, nas palestras, teve bastante envolvimento da Biblioteca Central mesmo e das setoriais, acho que não tinha a BS/CH. Mas tinha o pessoal do HU que estavam presentes.

---

<sup>11</sup> Disparadores de memória do Secin: cartaz, folder, prospectos, lista de palestrantes, entre outros.

**Coord.1:** O objetivo também não era pensando no mestrado, não tinha mestrado, era essa preocupação acadêmica.

**Coord.3:** Eu pensei que era mais uma coisa voltada para o profissional mesmo, não voltada para o profissional, mas tinha mais discussão voltada para a biblioteca, sabe, foi isso que eu percebi.

**Coord.2:** Mas isso pode ser notado como um amadurecimento. Quando o Secin foi retomado, foi no embalo da pós-graduação. Eu lembro que teve a discussão do nome do evento. Que como fazia muito tempo que não acontecia, quase 10 anos né, que nem sabíamos se ia chamar 1º ou 2º, teve uma polêmica do nome do evento, quando aconteceu o 2º Secin, já estávamos em outro momento no Departamento, o foco no mestrado.

**Coord.1:** Já tinha o mestrado profissional?

**Coord.3:** Não.

**Coord.2:** Mas havia feito uma tentativa com a comunicação, foi daí que se pensou, mas já tinham submetido o projeto, eu acho. Mas se não me engano, o evento já foi pensado com essa característica, pensando em trazer doutores, na internacionalização.

**Coord.1:** O 1º ou o 2º?

**Coord.2:** O 2º. O 1º eu não sei dizer.

**Pesquisadora:** Esse é o folder 2º Secin, vou passar todos os folders dos eventos para que possam ir olhando.

**Coord.1:** Esse que seria realizado do Blue Tree e eu fui surpreendida com uma informação de que não ia ser lá, eles tinham dívida.

**Coord.2:** E esse evento eu participei bem na parte do site, com a XXXX, lembro que a Telis estava aqui nessa época e a gente ficou a frente do *site*, ia muito na ATI<sup>12</sup>, onde a gente instalou o SOAC pela primeira vez para fazer o sistema de avaliação pelos pares de forma automática e esse evento eu lembro que foi de forma

---

<sup>12</sup> Assessoria de Tecnologia de Informação.

sistemática, teve reunião com todo mundo, tivemos as delegações das comissões, lembro das várias reuniões que tivemos, de alguns membros de comissão eu lembro, por exemplo: a profa. Ivone estava no financeiro, quem estava coordenando era você não era?

**Coord.3:** Era a Su.

**Coord.2:** A gente não tinha o negócio do Secin nessa época, era só o Seminário em Ciência da Informação.

**Coord.3:** Esse eu participei como apresentadora de trabalho acompanhei bastante palestra, gostei bastante desse.

**Pesquisadora:** Tenho algumas anotações das principais palestras, se quiserem dar uma olhada.

**Coord.1:** Do 2º?

**Pesquisadora:** Do 2º, do 1º eu também tenho.

*Coordenadoras conversam sobre algumas palestras.*

**Coord.3:** O Sayão<sup>13</sup> está em todos! (risos).

**Coord.4:** É legal até para traçar uma linha de temática que foram trabalhadas, com as linhas de pesquisa daqui, enfim, afunilar mais.

**Coord.2:** To vendo aqui que vocês não têm a comissão organizadora, porque reescrevemos no sistema.

**Pesquisadora:** É que essa tabela é a tabela mais resumida.

**Coord.1:** O que aconteceu? Vocês tinham feito o trabalho e foi perdida a máscara?

**Coord.2:** Não, seguinte, o 2º Secin foi feito no Soac e deixamos todas as informações, quando foi feito o 3º, foi feito em cima, não se fez o backup, ai perdeu todas as informações de comissão organizadora, não sei se no CD tinha, porque

---

<sup>13</sup> Luís Fernando Sayão - Graduado em Física pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1978), mestrado em Ciência da Informação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro/Instituto Brasileiro de Informação e Tecnologia (UFRJ/IBICT) e doutorado em Ciência da Informação pela UFRJ/IBICT (1994).

esse CD foi feito na “unha” com o pessoal daqui do laboratório, a parte hipertextual eu fui procurar o pessoal do Labted só que eles não tinham muita infraestrutura e pessoal para fazer, ai ficamos lá conversando e nós montamos esse CD, só que ele não tem nada, multimídia e tal, ele é básico, não sei nem se ta lendo hoje em dia, você entra e consegue fazer o que: tem um link para os PDFs, ele faz uma conexão com os arquivos. O que nós fizemos pelo menos para o 2º Secin, o 3º está online, todo ele, um aluno chamado Maicon, ele colocou, que foi a sorte, tudo no ELIS que é um repositório da Biblioteconomia e Ciência da Informação, ele é Britânico, mas tem um monte de conteúdo em Português, de vários países, ele fez lá o registro com os metadados, então está tudo recuperado pela rede.

**Coord.1:** O 2º?

**Coord.2:** O 2º. O 3º Secin, eu comecei a fazer com o pessoal na sala de aula, mas eu tinha que revisar tudo porque o Elis é bem chato, qualquer coisa errada ele fica suspenso e não é publicado. Maicon contou como AC então teve orientação [...] é algo que precisa fazer para otimizar visibilidade porque muita gente de Portugal consulta o ELIS e pode ter acesso e saber da existência do Secin. Mas daí foi perdido toda a estrutura da comissão organizadora, das atividades, não só de palestras, porque estava registrado, tinha por dia a programação de evento e foi perdido.

**Pesquisadora:** Conseguimos recuperar bastante coisa, a Profa. Sueli tinha alguns documentos e conseguimos recuperar bastante coisa. E esse aqui é o 4º Secin que foi em 2011.

**Coord.3:** Eu coordenei o 5º Secin, mas ajudei a Sueli no 4º.

**Coord.2:** O 4º eu tava na fase do doutorado, eu só fazia conversas por computador.

**Coord.3:** No 4º eu participei do pré-evento e até ajudei e participei do Secin já como profa. colaboradora daqui do Departamento.

**Coord.2:** Corrigindo informação: foi o 3º Secin que foi apagado e não o 2º. O 3º que está no Elis.

**Pesquisadora:** Esse é o folder do 5º Secin.

**Coord.3:** Eu achei interessante o 4º porque você fez o Pré-Secin, não é?

**Coord.1:** Qual evento eu coordenei?

**Pesquisadora:** Tem dois eventos em seu nome, o 2º e o 4º.

*Coordenadoras conversam sobre as logos dos eventos [...].*

**Pesquisadora:** Como o 6º Secin eu não tenho folder, mas foi recente, trouxe os outros apenas para ajudar a lembrar.

**Coord.4:** Posso falar do 6º Secin?

**Pesquisadora:** Sim.

**Coord.4:** É que o 6º não tivemos CD, em 2013 eu já estava, atuei na comissão de apoio, já estava participando, o envolvimento dos estudantes já vinha crescente, atuei com eles ali.

**Coord.3:** Não, mas eles atuaram bastante.

**Coord.4:** Não to falando que eles não atuaram, to falando que quando eu entrei já tinha essa participação dos alunos.

**Coord.2:** Até do mestrado.

**Coord.3:** De toda secretaria, os estudantes fizeram tudo no hotel Sumatra, tivemos uma equipe grande.

**Coord.2:** Esse é o 5º? Foi no Sumatra também?

**Coord.3:** O 5º foi no Sumatra também, porque o CESA desmarcou, falaram que receberam um ofício, aquela coisa toda. Mas descobrimos que teve um evento das Ciências Sociais, e nós ficamos sem onde fazer e veio apoio do CNPQ, tivemos apoio da Fundação Araucária e das inscrições, deu para pagar todo o evento. O 5º Secin foi bem tranquilo de fazer em relação a dinheiro.

**Coord.2:** Fazendo um retrospecto a Fundação Araucária e o CNPQ sempre estiveram dando apoio, financiando.

**Coord.1:** Todas as edições do Secin tiveram apoio financeiro, mas em alguns foram mais fáceis de organizar e outros mais difíceis, por exemplo: Coord.2, você lembra se no 3º Secin teve só a Fundação Araucária?

**Coord.2:** Não, teve CNPQ também.

**Coord.1:** O 4º eu não lembro, gente.

**Coord.2:** O que seria interessante para manter como memória não só no trabalho dela, é ver quantas vezes usamos o Itedes e quantas vezes Fael.

**Coord.3 e Coord.2:** Os outros Itedes a parte de gerenciamento.

*Coordenadoras conversam sobre o dinheiro que tem no Itedes e tem que ser retirado até fevereiro [...].*

**Pesquisadora:** Para resumir: nas iniciativas do pré-evento, a estruturação da programação era a coordenação que definia em reunião de departamento.

**Coord.1:** Mas algumas vezes já ia com sugestões.

**Coord.2:** Depende viu [...], no 3º Secin lembro que definimos o tema central na reunião, que foi o que eu coordenei, aí fizemos consultas por e-mail para antecipar e chegamos na reunião e colocávamos por ordem de prioridade os nomes e chamávamos para ver quem aceitava, lembro que no 2º Secin e no 5º Secin também foi assim.

**Coord.1:** Quando já estava o mestrado instalado, lembro que a Maria Inês Tomaél coordenou a comissão científica, entregou as duas linhas pensou o tema e levou ao Departamento um rascunho inicial.

**Coord.3:** No 5º Secin foi muito ligado ao Mestrado, tinha muita reunião com a Tomaél, porque ela era da comissão científica e coordenadora do Mestrado na época.

**Coord.1:** Acadêmico.

**Coord.3:** Já acadêmico, exatamente. Já o 5º teve muito essa característica acadêmica, lembro que a Tomaél chamou toda a comissão, inclusive eu, e falou isso

que a partir de então esse evento teria característica mais acadêmica por causa do mestrado, que o Mestrado iria abraçar esse evento com o evento da pós-graduação.

**Coord.2:** E agora é um evento da pós.

**Coord.1:** Dá para resumir né, que as comissões criam um esboço para fechar os nomes, palestrantes, da estrutura e tudo mais.

**Coord.4:** Até essa questão para ver como que vai fazer para trazer né.

**Coord.3:** Porque é um evento conjunto, porque é um evento do departamento também, ele não perdeu essa característica.

**Coord.2:** Temos tentado contemplar com os cursos, para os profissionais.

**Coord.1:** Tudo é questão financeira e também desânimo.

**Coord.4:** O último ele seria no ano passado e cancelou por conta da greve e também teve as questões financeiras, de recursos, vários problemas, mas que por fim conseguimos reverter, conseguimos apoio e rolou. Nessa parte que eu coordenei, já veio com essa estrutura, como era outra pessoa organizando e houve uma troca, eu peguei o bonde andando, as comissões já estavam formadas, o tema delimitado, quem viria para a palestra já estava tudo definido, então eu não mudei, fui coordenando. Numa avaliação minha como coordenadora, eu queria deixar o pessoal mais livre e isso talvez trouxe alguns problemas, porque eu não conseguia ficar cobrando, não consigo ficar delegando e isso me sobrecarregava muito, eu deveria ter deixado bem claro o que cada um tem que fazer, cada comissão, talvez tenha sido algo que pecou, apesar de eu ter mandado o que cada comissão deve fazer, e essa estrutura funciona, participação dos alunos foi bastante, as redes pra divulgar e o pessoal da comunicação que fez o banner pra divulgar, foram essas formas de trabalhar a comunicação.

**Pesquisadora:** Nas iniciativas pós-evento: a disponibilização dos trabalhos após o término do evento, das conferências das palestras e o registro e a guarda de todo documento que é gerado.

**Coord.2:** Nas 3 vezes que atuei com site porque no 2º, 3º, mesmo estando na coordenação, ainda fiquei com site, no 2º foi quando eu e a Telis aprendemos,

mexemos e agora no 6º tivemos uma alteração no site, a publicação de anais é muito simples no site após a avaliação dos pares, quando é concretizada, porque basta, lógico, tem toda a questão de ordenação, o sistema não faz isso automaticamente, só que a publicação disso é muito fácil. Acho que ainda pecamos por não ter registros das palestras, não só em PDF, como um relator. E pedir que todo palestrante, que isso vai ajudar a fazer melhores escolhas sobre quem a gente convida, porque as vezes escolhemos por nome e a palestra deixa a desejar, sai do foco, nem é tão interessante, a pessoa acaba saindo do foco. Que é encaminhar um texto, já que os convites são encaminhados bem antes do evento, salvo casos que temos que substituir algum convidado por conta de compromissos individuais do convidado. Mas eles poderiam mandar um texto, que norteia a fala e depois podemos publicar isso. No exterior eles fazem muito isso, aqui no Brasil já fui em alguns eventos que eles faziam, que era ter um artigo, num cerimonial de abertura. Algum material desse tipo, poderíamos pensar para publicar na revista depois, e ainda também os slides. Trabalhar as duas questões. Ainda teria uma comissão responsável pela relatoria, mas não de ficar lá digitando desesperadamente tudo que está sendo falado, mas pedir esse texto e ter um relato com o que foi perguntado, com os debates. A gente peca em não ter essa memória.

**Coord.1:** Fechamento para a memória.

**Coord.4:** O 6º Secin foi gravado.

**Coord.2:** o 5º também, poderíamos pensar em um canal dos eventos, poderíamos pensar nisso, em segmentar para realmente ter uma visibilidade.

**Coord.4:** Nessa linha também, a Profa. XXXX, comissão científica, solicitou que todos os participantes, inclusive a data deles era até agora 10/12, entregassem os artigos referentes as suas palestras, teremos todos. Eles ainda não terminaram, vamos postergar para a última semana de janeiro.

**Coord.1:** [...] nenhum deles houve essa, de ter, acho que chama observador?

**Coord.3:** Relator.

**Coord.1:** Eu lembro que a XXXX fez um Seminário Brasil Sul de Informação, deu uma geralção.

**Coord.4:** Isso foi levantado no Departamento. Alguém propôs que tivesse um relator no Secin, mas pensaram que tinha que ser alguém de fora e pagar, aí não quiseram e descartaram por conta de custos.

**Coord.2:** Só se a gente pensar num relator mais próximo.

**Coord.1:** Eu já to pensando e organizando os próximos eventos, mas não anoto né.

**Coord.3:** Tem que ter sim relator, por conta realmente da memória, e até para o Departamento para ter esse retorno.

**Pesquisadora:** E quanto a documentação física, vocês têm a guarda?

**Coord.2:** Tem a caixinha, vai passando a caixinha (risos).

**Coord.3:** Você teve a caixinha né?

**Pesquisadora:** Tive a caixinha.

**Coord.2:** Temos que pensar numa caixinha nas nuvens. É que eu acho que rola aquela depressão pós-parto, a gente termina e quer se livrar.

**Coord.4:** Trabalhamos bastante com documentação digital, inclusive todas as notas do Secin foram digitalizadas, porque perdem as tintas. E na prestação de contas da CAPES, tenho que anexar todas as notas referentes ao uso do recurso, scaneia a notinha e coloca na pastinha. Recebi uma pasta também virtual com modelo de ofícios, de projetos que foram para outras agências para me basear.

**Coord.1:** Só faltou um banco centralizado né.

**Coord.2:** Seria legal ter uma pasta com documentos assim: Todas as logos, todas as programações, colocar tudo.

**Coord.3:** Conseguimos isso sabe onde? Com os projetos que foram mandados para as agências financiadoras e ainda tem o relatório. Então isso tínhamos que ter.

**Coord.1:** Esse relatório é cada coordenador que tem acesso? A Andreza não teria acesso né?

**Coord.3:** A gente pode fazer um banco.

**Coord.1:** Esses relatórios seriam muito importantes para complementar a pesquisa.

**Coord.2:** Poderia passar um e-mail geral para os coordenadores, solicitar os projetos de financiamentos e relatórios. Atas. Mapa dos estados que vieram.

*Coordenadoras conversam sobre os documentos prováveis que têm [...].*

**Pesquisadora:** Importância coletiva.

**Coord.4:** Todo evento científico é sempre importante, porque pode despertar nos estudantes que ainda estão em fase de TCC, para pesquisar, entrar em grupos de pesquisa, aprofundar o conhecimento em alguma coisa ou descobrir algo novo, conhecer o que está sendo publicado, as temáticas de pesquisa, conhecer as pessoas que eles leem, por exemplo: traz essa proximidade maior para o estudante da ciência, de ver ela funcionando e acontecendo, é um dos benefícios. Traz visibilidade para o Departamento e para a área do conhecimento.

**Coord.2:** Dá uma oxigenada nos profissionais e os atualiza. Porque eu mesma, quando trabalhava, atuava antes da docência, eu sentia: meu deus, estou ficando para trás né. Porque a gente vai entrar naquela rotina, sentia que eu estava ficando desatualizada. Então eu acho que convém esses eventos para dar uma oxigenada. Para o pessoal conhecer qual direção a área está indo e tal. Para os estudantes a XXXX já falou né, essa questão de ter o contato ali com os pesquisadores que para eles as vezes eram tão distante né, principalmente quando vem alguém de fora. E também o contato com estudantes de outras universidades e estados, lógico a gente tem uma presença maior de Marília pela proximidade física né, mas vem, veio gente, no 3º Secin de Alagoas, teve gente do Nordeste vindo, aí eles trocam informações, da formação, da grade curricular, das experiências e estágios, acho que é bem benéfico nesse sentido do intercâmbio, das trocas de informações.

**Coord.3:** Eu penso também que até os próprios professores, do Departamento mesmo, isso é realmente importante. Às vezes a gente conhece alguém que nós não conhecemos por *email* né, com a oxigenada no profissional, o Departamento também se envolve com isso e ele consegue fazer contatos, para o Departamento é muito bom, trazer gente para ver a sua casa é sempre bom. E tem gente muito

assídua no Secin, por exemplo o Sayão. Por Exemplo, a Silvana Vidotti<sup>14</sup> me falou que, nesse último, que ela tenha trabalho ela reserva lugar na agenda dela para vir para o Secin, legal né.

**Pesquisadora:** Importância pessoal, sua experiência como coordenadora.

**Coord.4:** Ah, eu fiquei doida. Nunca havia coordenado evento antes.

**Pesquisadora:** Pode falar dos pontos positivos e das dificuldades.

**Coord.4:** Eu acho assim, positivo porque aprendi muita coisa, fazer edital, preencher plataforma da CAPES, contato com o pessoal da CAPES que eu liguei muito lá, o aprendizado. Hoje, em outro Secin faria muitas coisas diferentes como administradora do evento, para que ele funcione melhor, fazendo uma autocrítica, alguns pontos falhos, seria por exemplo essa minha não organização para organizar as comissões, deixando bem claro o que ele tem que fazer e dar prazos, flexibilizar demais pode atrapalhar, embora você queira que o negócio flua. No meu caso isso foi um ponto negativo para o evento né. Enfim, acho que de maneira geral trabalhar com as pessoas e tentar entender e respeitar cada característica, suas condições, é uma coisa que você tem que ter bem centrada e entender que nem todo mundo tem que ser igual a você ou tem que ser igual aquele que faz tudo certinho e tudo mais. Isso é uma coisa que para um evento grande, a gente tem que pensar. Eu aprendi bastante e no fim das contas eu gostei. Quando eu levantei a mão na reunião, eu fiquei bem assim: Meu deus, o que eu fiz. Eu me propus e aceitei a coordenação. Fiquei muito ansiosa na expectativa de como seria e recebi muito apoio das pessoas que já organizaram e pedia muita orientação. Talvez se eu não tivesse esse auxílio, eu talvez não teria conseguido fazer todo o evento dar certo como ele deu.

**Coord.1:** O problema também é que nós estávamos e estamos com muita coisa acumulada.

**Coord.4:** Fiz poucas reuniões, no começo eu fazia mais, mas fiz poucas. Foi algo falho também.

---

<sup>14</sup> Silvana Aparecida Borsetti Gregório Vidotti - Licenciada em Matemática pelo Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da UNESP (1986), Especialista em Ciência da Computacional pelo Instituto de Ciências Matemática de São Carlos da USP (1987), Mestre em Ciências área de concentração - Ciências da Computação e Matemática Computacional - pelo Instituto de Ciências Matemáticas de São Carlos da USP (1993), e Doutora em Educação - área de concentração Educação Brasileira - pela Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP (2001).

**Coord.1:** Um leva uma coisa para o outro né, eu cheguei a comentar que um lembra o outro, anota. Outro agravante é que somos uma equipe pequena.

**Coord.2:** De aprendizado, entender melhor a estrutura da Universidade. Porque nós falamos, somos da UEL, mas tem muita dificuldade em entender todos os processos, o fluxograma, por onde vai e por onde vem, temos que lidar com uma estrutura muito maior que o Departamento, para a realização de evento que vai e extrapola o CECA, vai para as Prós-reitorias, acho que isso foi bem legal, porque quando eu fiz o 2º Secin eu estava recente no Departamento e a gente percebe nossa, como a gente conhece pouco da estrutura total da Universidade. Lógico, as coisas mudam e as pessoas que estão representando mudam. A gente vai sabendo pelo menos por onde buscar as primeiras orientações. O 3º me facilitou nesse sentido, como ponto positivo, mas tivemos vários estresses, e eu tento não ser centralizadora, mas eu vou ficando ansiosa com as vezes as coisas não estão acontecendo e acabo assumindo, é uma característica que quem está lá com a cara a tapa e tem que resolver né, tentava não passar muito por cima, mas ao mesmo tempo eu centralizei algumas coisas também e poderia ter sido mais relax, eu dava os prazos, mas é aquela questão “coordenação”, ai você chama a responsabilidade. Mas a gente teve muita ajuda de todo mundo, é só uma característica de ansiedade né.

**Coord.1:** Outra dificuldade que a gente enfrenta é que na mudança de reitoria, muda tudo, às vezes é bem recebido lá e as vezes é mal recebido lá. E a gente precisa daqueles setores e a gente tem que ficar, a palavra é essa, é forte, mas é verdade, esmolando favores, sendo que seria função do setor. Conforme muda a reitoria, não deveria alterar isso. E eles não tem a visão da importância deles para a gente. É até mais difícil isso, tem gente que fala que eles tratam bem os professores, ultimamente acho que nem isso. E muitas vezes a gente tem que ficar pedindo e pedindo, chega a implorar. Setores que deveriam estar totalmente disponíveis para nós, não estão mais, estão até enxutos e dificulta, fora a burocracia, o que dificulta é essa coisa da gente poder contar pela metade, com as divisões que deveriam estar totalmente assim, mais disponíveis para isso. A Proex hoje ta devendo para a gente, hoje é o XXXX que está lá, na gestão passada, o XXXX era o que confeccionava o certificado. O fato, por exemplo, da Proex não saber que o Blue Tree tinha dívida, na penúltima semana, que a gente não ia poder realizar lá, foi uma coisa bem

irresponsável, isso não pode acontecer. A gente depende de outros setores que ficam totalmente fora da alçada do Departamento, essa é uma dificuldade grande, na minha percepção é a maior, porque dinheiro a gente dá um jeito, ou aparece em cima da hora, mas essa questão estrutural, mesmo entrando a Fauel ou Itedes, a gente depende dessa estrutura.

**Coord.3:** Eu como coordenadora do Secin, o que eu coordenei foi fora né, foi lá no Sumatra, foi muito organizado, igual a Coord.2 falou, tive muita ajuda, tive que aprender a estrutura.

**Coord.1:** Negociar desconto lá.

**Coord.3:** É, negociar mesmo, ia todo dia no Itedes, com a Diana.

**Coord.1:** E a gente também não tem muita experiência com isso, em negociar com empresários.

**Coord.3:** Pois é, exatamente, a gente chega lá é outra linguagem, outra coisa, mas a gente ia lá, trocamos hospedagem pelo espaço, foi bem assim, então essa experiência de fazer fora e de ter esse contato com as pessoas foi uma época de muito aprendizado para mim, porque eu não sabia.

**Coord.2:** E a universidade, a Proex, não oferece um, vamos dizer assim, ele não tem, concede lá o cerimonial, que não é nem Proex, é gabinete, comunicação, só que assim, a gente não tem um check list de coisas, a gente que tem que compor isso, sempre coisas que a gente tem que formar e que talvez não tenha continuidade um para o outro, a gente tenta, mas fica tudo na informalidade. Assim: como é que foi? Como que a gente faz?

**Pesquisadora:** Razões para o departamento iniciar e continuar com o Secin.

**Coord.2:** A gente tem a expectativa do pessoal estar dando continuidade no Secin, porque o pessoal pergunta se vai ter, então assim, a gente criou essa tradição e agora por ter esse vínculo grande com o programa de Mestrado é algo que a gente tem que preservar e continuar.

**Coord.1:** Tem que pensar no doutorado.

**Coord.2:** Tem essa ligação com o mestrado agora e projeção para um futuro doutorado, a expectativa da comunidade científica profissional, estudantes, tem também a questão que na região do Paraná (PR) é o maior evento na nossa área.

**Coord.3:** Só nós.

**Coord.2:** Só nós que fazemos. Tem uns eventos pequenos que a Federal faz.

**Coord.4:** E vem ganhando ao longo dos anos uma visibilidade. As pessoas ficam na expectativa do evento.

**Coord.3:** É eu penso que tem que continuar também. No primeiro semestre eu fui num curso de arquivo em São Paulo e o Diretor veio e falou: Todo ano eu vou no Secin, esse é o único ano que não poderei ir, por tal motivo, mas todo ano eu vou, desde a 1ª edição. Como a Renata falou, já criamos essa tradição e temos que continuar. É um evento científico que está ganhando qualidade, cada vez mais né, cada ano ele fica com a qualidade maior, dos palestrantes, dos trabalhos. É um evento tradicional do Departamento e tem que continuar.

**Coord.1:** E os alunos estão cada vez mais ocupando esse espaço.

**Coord.3:** Os alunos estão ficando mais ligados, criaram mesmo essa cultura.

**Coord.2:** Penso eu que, tem o CInform<sup>15</sup> que é da Ciência da Informação que tem uma tradição, mas se a gente for ver fora o ENANCIB.

**Coord.3:** Da Ciência da Informação.

**Coord.2:** De eventos pesquisa da CI, dessa magnitude que não seja local, tem poucos. Tem o CBB<sup>16</sup> e o SNBU<sup>17</sup> que são profissionais, mas assim de pesquisa.

---

<sup>15</sup> É um evento promovido pelo Instituto de Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia, tem como público alvo profissionais da informação: Arquivistas, Bibliotecários, informatas, educadores, sociólogos, jornalistas, comunicólogos, museólogos, professores, alunos de graduação e pós-graduação, técnicos e pesquisadores envolvidos com o exercício profissional, o ensino e a pesquisa da Informação, nos setores público e privado, ou no terceiro setor, e outros interessados oriundos de associações, instituições e empresas de áreas afins.

<sup>16</sup> Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação, que tem como objetivo discutir o estado da arte da Biblioteconomia e da Ciência da Informação e integrar os profissionais das bibliotecas brasileiras de todas as tipologias: escolar, pública, comunitária, universitária e especializada.

<sup>17</sup> Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias é um evento que busca promover a reflexão, o debate e o intercâmbio de informações entre os profissionais da área de informação com foco voltado para as questões que envolvem as ações das Bibliotecas Universitárias.

**Coord.1:** Marília faz.

**Coord.2:** Marília faz, mas é bem por linha de pesquisa né, o nosso vai esbarrar nas nossas linhas, mas acaba abrangendo vários. E a gente faz convite para a gente de fora, lá não, são apresentações da própria linha, bem mais endógeno. O nosso acaba tendo uma questão nacional, embora seja mais local de participação, teve uma ampliação no sexto, e quem sabe né, não tem mais participação.

**Pesquisadora:** Ok. Finalizo a gravação e agradeço a participação das professoras.

## APÊNDICE J

### Diálogo da entrevista semiestruturada

Como eram feitas as iniciativas pré-evento, a estruturação do programa.

**Coord.5:** O 1º Secin foi o resultado de uma longa gestação de decisões tomadas em reuniões de Departamento para a formação das comissões, para a estruturação do evento como um todo e decidiu-se em uma dessas reuniões que gostaríamos de ter envolvido o Departamento e a Biblioteca Central, então é por isso que este 1º evento teve a coordenação da Chefia de Departamento, [...] e da diretora da Biblioteca Central que era Profa. Vilma. A escolha dos conferencistas foi feita pela comissão científica que se reunia separadamente do Departamento e nossa primeira preocupação era ter pessoas diferentes, pode-se ver que os palestrantes, se pegar na época os programas que teve, ele se diferenciou. Lembro que indiquei um nome e foi aceito e a pessoa veio para dar a palestra. Naquela época não tínhamos os cursos de Arquivologia constituídos nas universidades, eram 5 ou 6 cursos no Brasil, na UEL foi em 1998, a 5ª universidade a implantar o curso, minha sugestão era uma pessoa envolvida com arquivos (SENADEN), mas não era de Arquivologia. A palestra desse senhor foi muito polêmica, apesar dele falar a linguagem de documento na parte de Arquivologia. Como nosso Departamento ainda não estava estruturado nessa vertente, muita gente, 95% que estava participando desse evento era bibliotecário, veio gente do Brasil todo e de fora do Brasil também. Foi um evento que se destacou pelo número de participantes e houve uma polêmica porque ele falava coisas totalmente... a palestra foi muito boa e os alunos gostaram muito, que ofenderam os bibliotecários. Antes do curso de Arquivologia, você podia fazer Biblioteconomia e trabalhar em arquivo, era assim. A intenção foi fugir de chamar as mesmas pessoas de todos os eventos.

**Pesquisadora:** O envolvimento do departamento.

**Coord.5:** Se envolveu como um todo, a Biblioteca Central também, fazíamos reunião com as comissões, contamos com a boa vontade de todos, foi o diferencial do sucesso do evento.

**Pesquisadora:** Divulgação do evento.

**Coord.5:** Como era feita na época, tínhamos acesso às tecnologias, mandávamos e-mails, alguns recebiam, outros não. Tínhamos folder, mandamos para todo o Brasil, tínhamos a Comissão de Divulgação.

**Pesquisadora:** Financiamento e apoio, como foi.

**Coord.5:** Na época procuramos o que tínhamos a mão, a UEL tem um fundo por meio da Pró-reitora de Extensão e usamos esse fundo para definirmos o local, tinha sido recém construído o Auditório do CESA com estrutura excelente e acabou sendo ali. Depois nos outros eventos, participei mais por fora, participei das comissões, troquei ideia com outros orientadores sobre os próximos eventos.

**Pesquisadora:** Após o evento houve a disponibilização dos trabalhos científicos? Em caso positivo, por quais canais e caso negativo, porque?

**Coord.5:** O caderno de resumos, ele estava pronto quando o evento começou, então a gente tinha o resumo dos trabalhos apresentados, então esse caderno de resumos foi entregue na recepção do evento.

E depois os trabalhos completos e as palestras, tínhamos esse material e ficamos para decidir depois como que íamos disponibilizar, o certo seria ter sido feito anais do evento, mas ficou, foi item de pauta do Secin, até que chegou num ponto que não ia publicar os anais.

**Pesquisadora:** A outra questão que seria a disponibilização das conferências, já foi respondida, vou pular para a próxima questão.

**Pesquisadora:** Foi realizado o registro da memória? Guarda e conservação de informações referentes ao evento.

**Coord.5:** As informações é claro que não foi feito um arquivo específico para isso dentro do Departamento, mas como estamos dentro de uma Universidade, esses documentos estão lá, de uma forma ou de outra tem de estar nos devidos órgãos. No Departamento ficou guardado, eu não sei para onde que foi, que fim levou se existe em algum canto ainda as palestras, o texto das palestras porque todos os palestrantes mandaram os textos.

Quanto a parte burocrática, porque foi um evento de extensão, então foi feito um formulário de solicitação de um projeto de evento, ficou uma cópia no Departamento e uma cópia foi para a Proex, órgão que cuida disso, e tivemos ajuda da Fundação Araucária que dava apoio financeiro para esses eventos e depois fizemos um relatório e mandamos. Esse evento teve um lucro que a própria UEL nos mandou esse lucro e onde queríamos investir esse lucro e compramos 2 computadores e 1 impressora que estão no Departamento.

Realmente não foi feito um arquivo só para isso, mas a UEL como instituição tem.

**Pesquisadora:** Qual a importância e benefícios desse evento para as diferentes comunidades científicas?

**Coord.5:** Em primeiro lugar a experiência adquirida, tanto em termos do evento em si, como do conteúdo discutidos no evento. Foi feito um relatório do evento, a profa. Maria Julia Giannasi responsável por esse relatório ficava cada hora em um lugar anotando e no final foi lido. Quem leu foi a profa. Ivone<sup>18</sup> no encerramento do evento, foi bem formal.

**Pesquisadora:** O evento teve grande repercussão? Foi realizada uma avaliação posterior?

**Coord.5:** Avaliação só interna, é lógico que durante o evento tinha um formulário dentro das pastas que entregamos aos participantes, nem todos devolveram, mas fizemos a tabulação e foi apresentado no Departamento. Fizemos avaliação interna, mas que me lembre foi uma avaliação positiva. Os benefícios desse evento foram isso, a introdução do corpo docente e discente nesse novo momento.

**Pesquisadora:** Qual a necessidade do Departamento em dar continuidade ao evento?

**Coord.5:** Desde a preparação do 1º Secin, discutimos a possibilidade de começar o Secin e dar continuidade.

**Pesquisadora:** Discorra sobre sua experiência como coordenadora do evento, elencando os pontos positivos, as dificuldades que tiveram antes, durante e ao final do evento.

---

<sup>18</sup> Ivone Guerreiro de Chiara.

**Coord.5:** Todo e qualquer evento dá muito trabalho, porque tem uma série de decisões que tem que tomar em diversas seções do evento. Tem uma série de atividades de diferentes características. O evento tinha que sair e tínhamos que dar um jeito de fazer a coisa acontecer, desde um simples café [...], até buscar alguém no aeroporto. A vinda de profissionais. As coisas que fazem o evento tanto ser pequeno como ser grande. Tenho apenas lembranças boas de ser coordenadora do Secin, foi maravilhoso. O durante foi incrível, não lembro de nada negativo, o antes foi conturbado, correr, o depois foi aquilo, deixamos para fazer os anais e acabamos não fazendo.

Se formos ver o Departamento hoje, sabemos que esse evento deu uma boa contribuição para sua visibilidade e crescimento, assim como os outros eventos que dão sua contribuição e cada pessoa lá dentro, aluno, professor, funcionário, por isso temos um curso que está avançando como outros bons cursos brasileiros.

**Pesquisadora:** Na sua percepção quais as razões para que o departamento continue na realização desse evento?

**Coord.5:** Tem que continuar, logo depois do Secin tivemos o COAIC e foi ótimo. A UEL tem que se colocar junto também com as grandes instituições. Hoje em dia é mais fácil de fazer um evento por conta dos recursos e hoje temos o Programa de Pós-graduação, [...] antes nem se falava, não tinha nem ideia porque já tínhamos tentando implantar o mestrado e não conseguimos. O esforço dos alunos e professores que vai fazer com que nosso programa de Pós consiga implantar o Doutorado, e assim fortalecer ainda mais nosso Programa, e é por meio disso que consegue essas coisas. O Departamento tem que continuar com tudo que venha a contribuir com o crescimento da área e do Departamento.

**Pesquisadora:** Ok. Muito obrigada por aceitar participar da pesquisa, Professora e agora finalizo a gravação.

## **ANEXO**

## ANEXO A

## Ata da 1ª Reunião do Departamento

1

Ata da 1ª Reunião do Departamento de Biblioteconomia, do Centro de Estudos Sócio-Econômicos, da Universidade Estadual de Londrina, em 10 de março de 1973.

As nove horas do dia dez de março de mil novecentos e setenta e três, reuniram-se no Departamento de Biblioteconomia, do Centro de Estudos Sócio-Econômicos, da Universidade Estadual de Londrina, os professores do Departamento: Eliani Machado Fontana, Graça Maria Simões Luz, Norma Saraeni e Dora Regina Selim, sendo por finalidade a escolha de Chefe, sub-chefe e representante do Departamento, no Colegiado de Administração e Biblioteconomia, do Centro de Estudos Sócio-Econômicos, da Universidade Estadual de Londrina. A eleição foi feita por "consensus", sendo eleitos para os cargos: Chefe do Departamento de Biblioteconomia - profa. Eliani Machado Fontana; sub-chefe do Departamento de Biblioteconomia - profa. Graça Maria Simões Luz; representante do Departamento de Biblioteconomia, no Colegiado de Administração e Biblioteconomia - profa. Dora Regina Selim. Foi discutido na reunião o projeto do regulamento do Departamento, não sendo chegado, ainda, a nenhuma conclusão. A presente ata é assinada por todos os presentes à reunião,